

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Ursula Bianca Ribeiro Herzog

**A TELEAULA EM PRÁTICAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM:
um estudo sobre representações sociais em um viés linguístico-discursivo**

Belo Horizonte
2011

Ursula Bianca Ribeiro Herzog

**A TELEAULA EM PRÁTICAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM:
um estudo sobre representações sociais em um viés linguístico-discursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Juliana Alves Assis

Belo Horizonte
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

H582t Herzog, Ursula Bianca Ribeiro
A teleaula em práticas de ensino/aprendizagem: um estudo sobre representações sociais em um viés linguístico-discursivo / Ursula Bianca Ribeiro Herzog, Belo Horizonte, 2011.
160 f.: il.

Orientadora: Juliana Alves Assis
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Prática de ensino. 2. Ensino à distância. 3. Representações sociais - Estudo e ensino. 4. Psicologia social. I. Assis, Juliana Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 37.018.43

Ursula Bianca Ribeiro Herzog

**A TELEAULA EM PRÁTICAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM:
um estudo sobre representações sociais em um viés linguístico-discursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Juliana Alves Assis (Orientadora) – PUC Minas

Anneliese Maria Bento Gama de Carvalho – FEAD

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes – PUC Minas

Belo Horizonte, 17 de agosto de 2011.

*Para minha mãe, MARINETE,
que despertou em mim
a paixão pelo conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir ter tão pouco a pedir e tanto a oferecer e agradecer.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Juliana Alves Assis, por ser uma luz a iluminar o meu caminho e, principalmente, por ser exemplo de benevolência, confiança, amizade, profissionalismo e competência.

Ao professor Nilton Antonio Alves (Niltinho), por me impulsionar a enveredar pelos caminhos da Linguística, em um tempo em que eu só me enxergava trilhando os caminhos da Literatura.

À professora Maria de Lourdes Meirelles Matencio (Malu), pelo incentivo de suas aulas, quando eu organizava os primeiros passos desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, pelos enriquecedores encontros que me proporcionaram novos olhares sobre o conhecimento.

Às professoras doutoras Anneliese Maria Bento Gama de Carvalho, Jane Quintiliano Guimarães Silva e Maria Angela Paulino Teixeira Lopes, por terem aceito o convite de participação da banca examinadora.

A Berenice, Vera e Rosária, pela cordialidade e presteza em todos os momentos.

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo, atenção e diálogo que sempre marcaram nossos encontros e, de modo especial, à Cristiane, por sua generosidade e singeleza.

Aos amigos e amigas, por dividirem comigo a alegria e satisfação de mais uma vitória.

Às minhas amigas Andréia e Hermínia, pelo renovador estímulo e prestimosa ajuda, principalmente nos momentos mais difíceis.

À minha amiga Selma, por aceitar, com interesse, solicitude e empenho, participar desta pesquisa.

Aos meus familiares, por não medirem esforços para que eu concluísse meus estudos.

À minha prima Cristiane, por me fazer acreditar que a realização de nossos sonhos está em nós.

À minha mãe, por ser a fortaleza que me permite chegar até aqui.

Aos meus filhos Nicolas e Enzo, por seu amor e por sua demonstração de carinho sempre que precisei me ausentar.

Ao meu marido Alexandre, por seu amor, por sua paciência e por seu cuidado comigo.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

Em você existem as causas da sua derrota e vibram as forças de seu triunfo. (André Luiz)

RESUMO

Fundamentando-se em uma abordagem sociointeracionista de cunho interdisciplinar, a partir de contribuições da Psicologia Social, do Interacionismo Sociodiscursivo e de abordagens discursivas, este trabalho propõe um estudo sobre a adoção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna em um curso de Normal Superior. De modo específico, a pesquisa objetiva estudar o uso da teleaula no desenvolvimento de aulas de língua materna, examinando como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando as representações sociais de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados e, por fim, analisando como a docente pesquisada representa a si mesma, suas ações e as dos alunos ao assistir a uma de suas aulas gravadas, em que a teleaula é usada. Compõem a base teórica deste trabalho contribuições de diferentes frentes de estudos, que permitem articular princípios e conceitos da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2007) com as discussões sobre mecanismos enunciativos (BRONCKART, 2009), recursos de referência (MATENCIO, 2006) e a projeção de *ethos* (AMOSSY, 2005), sob um ponto de vista que privilegia os aspectos da ordem interacional. Constituem o *corpus* de análise da pesquisa transcrições das gravações de entrevistas com a professora e com as alunas do curso examinado, de aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula e, por fim, de sessão de autoconfrontação (FAÏTA, 2005) com a professora. Para a realização da análise, optou-se pela triangulação de dados, a fim de combinar e confrontar os posicionamentos flagrados no discurso das informantes através de uma abordagem que privilegia aspectos linguístico-discursivos. Os dados revelam que as condutas dos sujeitos são sempre atravessadas por representações sociais capazes de influenciar seu modo de pensar e de agir. Seus valores, suas crenças são resultado de negociações intersubjetivas que acontecem ao longo de sua vida e assim não são apenas repensados e rerepresentados, são reconstituídos socialmente. Assim, há influência de Representações Sociais sobre o modo como os sujeitos envolvidos se posicionam sobre a teleaula.

Palavras-chave: Teleaula. Representações sociais. Mecanismos enunciativos. Recursos de referência. *Ethos* discursivo.

ABSTRACT

Basing itself on a sociointeractionist approach of interdisciplinary nature, stemming from contributions of Social Psychology, of Socio-discursive Interactionism and discursive approaches, this work proposes a study on the adoption of teleclass in teaching/ learning practices of the mother tongue, in a course of Higher Normal. In a specific way, the research aims at studying the use of teleclass in the development of the mother tongue lessons, examining how the agents involved in research position themselves in the use of teleclass, by analysing the social representations of the teacher, (tele)class and teaching/learning underlying the positionings perceived and, ultimately, analyzing how the teacher being evaluated represent herself, her actions and those of the students watching one of such recorded lessons, in which the teleclass is used. Make up the theoretical basis of this work, contributions of different fronts of studies, that allow to articulate principles and concepts of the Theory of Social Representations (MOSCOVICI, 2007) with the discussions on enunciative mechanisms (BRONCKART, 2009), resources of referentiation (MATENCIO, 2006) and the projection of *ethos* (AMOSSY, 2005), in a viewpoint that privileges the aspects of the interactional order. Constitute the *corpus* of research analysis transcripts of recorded interviews with the teacher and the students of the course examined, of presential class in which teacher and students watch together and resume a teleclass and, ultimately, of self-confrontation session (FAÏTA, 2005) with the teacher. For the realization of analysis, the triangulation of data was chosen, to combine and contrast the positionings observed in the discourse of the informants through an approach that privileges the linguistic-discursive aspects. The data show that the conduct of the subjects is always crossed by social representations able to influence their way of thinking and acting. Their values, their beliefs are the result of intersubjective negotiations occurring throughout their lives and thus are not only rethought and restated, they are socially reconstructed. Thus, there is an influence of social representations in the way the subjects involved position themselves regarding the teleclass.

Keywords: Teleclass. Social representations. Enunciative mechanisms. Resources of referentiation. Discursive *ethos*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevista com a professora S.....	38
Quadro 2 - Entrevista com a professora S.....	39
Quadro 3 - Entrevista com a aluna A1	41
Quadro 4 - Entrevista com a aluna A6.....	41
Quadro 5 - Entrevista com a aluna A5.....	42
Quadro 6 - Entrevista com a professora S.....	44
Quadro 7 - Autoconfrontação com a professora S.....	45
Quadro 8 - Entrevista com a professora S.....	48
Quadro 9 - Entrevista com a professora S.....	49
Quadro 10 - Apostila 1 – Língua Portuguesa I – 1º período	58
Quadro 11 - Teleaula número 1 – Língua Portuguesa I – 1º período	60
Quadro 12 - Apostila 2 – Língua Portuguesa II – 2º período.....	63
Quadro 13 - Teleaula número 25 – Língua Portuguesa II – 2º período	63
Quadro 14 - Etapas da coleta de dados	64
Quadro 15 - Apostila 2 – Língua Portuguesa I – 1º período	67
Quadro 16 - Teleaula 18 – Língua Portuguesa I – 1º período	68
Quadro 17 - Apostila 2 – Língua Portuguesa I – 1º período	68
Quadro 18 - Gravação em vídeo da retomada da teleaula 18 – Língua Portuguesa I – 1º período	69
Quadro 19 - Gravação em vídeo da teleaula 25 e sua retomada pela professora S e alunas – Língua Portuguesa II – 2º período.....	70
Quadro 20 - Posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula	75
Quadro 21 - Mais posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula.....	76
Quadro 22 - Posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula	79
Quadro 23 - Mais posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula.....	80
Quadro 24 - Posicionamentos da ordem da promoção da teleaula	82
Quadro 25 - Representações sociais subjacentes aos posicionamentos da professora S e das alunas	87
Quadro 26 - Marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S.....	90
Quadro 27 - Marcas linguísticas presentes nos posicionamentos das alunas.....	94
Quadro 28 - Mais marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S.....	98

Quadro 29 - Mais algumas marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S
..... 99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IES –Instituição de Ensino Superior

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

RR – Representação de Referência

RS – Representação Social

RU – Representação de Uso

TRS – Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 Apresentação	21
1.2 Histórico do problema.....	21
1.3 Justificativa	25
1.4 Objetivos.....	25
1.4.1 <i>Objetivo geral</i>	25
1.4.2 <i>Objetivos específicos</i>	26
1.5 Constituição do <i>corpus</i> e procedimentos metodológicos	26
1.6 Organização do trabalho.....	27
2 UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	28
2.1 No domínio das representações sociais	30
2.2 Representações sociais e mecanismos enunciativos.....	37
2.3 Representações sociais e recursos de referenciação	43
2.4 Representações sociais e <i>ethos</i> discursivo	47
3 A PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO	51
3.1 As participantes da pesquisa.....	55
3.1.1 <i>A professora S</i>	56
3.1.2 <i>O primeiro período do curso Normal Superior</i>	57
3.2 A teleaula	57
3.3 Técnicas e instrumentos de coleta e geração de dados.....	64
3.3.1 <i>Entrevista</i>	65
3.3.2 <i>Observação e registro de aula</i>	67
3.3.3 <i>Autoconfrontação</i>	70
3.4 O <i>corpus</i> de análise.....	71
3.5 A metodologia de análise de dados	72
4 UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	73
4.1 Exame dos posicionamentos assumidos pelos agentes em relação à teleaula	75
4.2 Exame das representações sociais subjacentes aos posicionamentos flagrados	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	111
ANEXOS	119

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Iniciamos este texto expondo escolhas que nos impulsionaram a realizar a pesquisa cujos resultados aqui apresentamos. Ressaltamos que considerável parte de nossa experiência no magistério reside na educação básica – foram seis anos dedicados ao ensino médio, doze aos anos finais do ensino fundamental e já são nove anos dedicados ao ensino superior, mais especificamente nos cursos de Letras, Normal Superior e Pedagogia. Ao longo desses anos, temos procurado acompanhar as mudanças que se operam na educação, em especial as transições para o novo. Dessa forma, deparamo-nos com o impacto da inserção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de um curso superior da instituição onde trabalhamos, o que motivou a pesquisa que se apresentará.

Essa experiência de entrar em contato com a teleaula levou-nos a indagar: Que funções a teleaula assume quando utilizada nas práticas de ensino/aprendizagem de um curso superior presencial? Qual a percepção sobre teleaula dos sujeitos envolvidos nas práticas de ensino/aprendizagem? Há influência de representações sociais sobre o modo como os sujeitos envolvidos se posicionam sobre a teleaula?

Como é necessário averiguar respostas, buscamos contribuições de diferentes frentes de estudos, que nos permitem articular princípios e conceitos da Teoria das Representações Sociais com as discussões sobre mecanismos enunciativos, recursos de referenciação e projeção de *ethos*, sob um ponto de vista que privilegia os aspectos da ordem interacional.

1.2 Histórico do problema

Uma Instituição de Ensino Superior – IES – da rede particular, localizada no interior de Minas Gerais, vive, em 2008, a introdução da teleaula em suas práticas de ensino/aprendizagem, tomada como uma opção metodológica de um curso de formação de professores – o curso Normal Superior.

De um lado, pode-se pressupor que esse recurso é introduzido com a função de auxiliar a aprendizagem dos alunos, com base na ideia de que o cenário atual demanda a superação do método da transmissão de conhecimentos do professor para o aluno, além de um ensino mais contextualizado e mais adequado às exigências do mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, considera-se a possibilidade de aumento da eficiência do ensino/aprendizado, pois a

construção do conhecimento na sociedade da informação indicia a busca por uma educação de qualidade. Sob esse ponto de vista, a tecnologia digital, por si só, teria o poder de alavancar essa qualidade preconizada.

O uso da tecnologia nas práticas de ensino/aprendizagem interfere para o aumento da sua qualidade na medida em que proporciona à escola estar em sintonia com seu tempo, ou seja, incorporar a ela inovações tecnológicas que são uma presença quase que ‘naturalizada’ na sociedade, mas que ainda não são acessíveis a uma parcela da população. Em outras palavras, a tecnologia teria o poder de alavancar a qualidade do ensino, visto que instaura novas formas de aprender e ensinar, mediante o desenvolvimento de novas práticas que dão acesso a artefatos tecnológicos cujo avanço é cada vez mais rápido e que estão disponíveis à sociedade, bem como modificam o modo de as pessoas pensarem, agirem e de produzirem conhecimentos e como isso se reflete na forma como incorporam seu uso.

Apesar de ser não ser tarefa simples definir qualidade, recorreremos a Pedro Demo (2007), que define qualidade como dimensão de intensidade, referindo-se a questões de perfeição, profundidade e competência humana, no âmbito da capacidade de agir, de construir e de participar. Assim, afirma que:

Educação passa a ser o espaço e o indicador crucial de qualidade, porque representa a estratégia básica de formação humana. Educação não será, em hipótese nenhuma, apenas ensino, treinamento, instrução, mas especificamente formação, aprender a aprender, saber pensar, para poder melhor intervir, inovar. (DEMO, 2007, p. 20).

Neste sentido, entendemos, aqui, como qualidade e eficiência na educação o uso da inovação a serviço da sociedade, de forma que o conhecimento não só esteja mais acessível a todos, mas também que contribua para apontar novos rumos, através da formação de indivíduos que saibam se apropriar do conhecimento de forma reflexiva e que sejam capazes de acioná-lo sempre que a sociedade lhes demandar saber usá-lo nas práticas sociais.

Por outro lado, o uso de tecnologias de informação e comunicação na educação também é visto com temor por agentes da área, em razão de sua utilização provocar a redução de pessoal que trabalha no ensino, bem como determinar não só a atualização do papel do professor como também sua contínua formação. Apesar de vivermos cada vez mais em uma sociedade permeada pelo uso de diferentes mídias e recursos tecnológicos, onde muitos sujeitos sociais, mesmo aqueles pertencentes a classes financeiramente menos favorecidas, já possuem conhecimento, mesmo que rudimentar, do que seja “Televisão”, “celular”, “MP-3”, “MP-4”, “e-mail”, “Orkut”, “Facebook”, “Twitter”, “CD”, “DVD”, etc., uma significativa parcela de professores e alunos envolvidos no processo ensino/aprendizagem ainda apresenta

uma postura reacionária frente às mudanças que buscam novas alternativas, ou seja, alguns professores e alunos reagem contra mudanças, uma vez que precisam lidar com valores, vivências, angústias e medos. Mesmo considerando que muitos dos sujeitos envolvidos nas práticas de ensino/aprendizagem do Ensino Superior atuais têm consciência de que não mais vivemos na era da fita K7, do VHS, é possível pensar sobre certo receio a mudanças não só como único reflexo do que ocorre em todos os campos e práticas educacionais, mas como uma reação inerente ao próprio ser humano, que tem consciência de que o mundo está sempre mudando, contudo ainda não se deu conta da velocidade do ritmo dessas mudanças do mundo (CORTELLA, 2007). E em se tratando de avanços tecnológicos, a celeridade com que os recursos tecnológicos são atualizados nem sempre contribui para que as pessoas que não têm tanta facilidade de usá-los se disponham a aprender a operá-los, quanto mais incorporá-los ao seu trabalho espontaneamente.

Some-se a isso a resistência às mudanças por uma parcela dos atores envolvidos no ensino, muitas vezes justificada em termos dos valores acadêmicos tradicionais, mas que acaba revelando, além da adesão a práticas antigas, a inércia, ou melhor, a inação. Em outras palavras, frente às reais mudanças que estão ocorrendo no contexto escolar, alguns não têm despertado o interesse por buscar recursos transformadores para metodologias do trabalho pedagógico, o que torna o assentimento a esse movimento um desafio. Presumimos que o *corpus* de análise desta pesquisa nos possibilite examinar se os atores envolvidos nesse processo – professores e alunos – realmente resistem a essas mudanças, observando como suas representações sociais influenciam ou não em sua aceitação do uso da teleaula nas práticas de ensino.

Tal desafio provoca escolhas e decisões a serem tomadas, pois são diversificados os fatores que exigem mudança rápida e profunda e inovação no conteúdo, na prática e nos métodos utilizados:

As preocupações atuais são dominadas pela procura de financiamento adequado e de outros recursos para facilitar a expansão, em resposta às pressões crescentes por mais e melhor educação superior. O que se faz acompanhar pela busca de modos de solucionar o dilema da quantidade/qualidade, para enfrentar as responsabilidades crescentes da educação superior na sociedade do conhecimento e o uso pleno das tecnologias de informação e comunicação, que estão presentes nesse campo como importante força motriz da mudança. (UNESCO, 2003, p. 96).

É importante salientar que essas tecnologias, desde que associadas com novos desenvolvimentos nas ciências educacionais e cognitivas, contribuem de forma significativa para a rápida transformação dos métodos e práticas de ensino/aprendizado.

Ainda compondo o quadro contextual que circunda este trabalho, cabe especificar alguns problemas, dentre outros, que a instituição em foco enfrentou ao propor a teleaula como opção metodológica: a redução da carga horária dos professores pela metade, agora preenchida com a teleaula, não foi bem recebida pelo corpo docente (que teria seu salário reduzido) nem pelo corpo discente, que, ao matricular-se no curso, não foi comunicado sobre essa possibilidade de aula semipresencial; a rapidez com que a proposta foi lançada levou ao sobressalto de professores e alunos ao terem de usá-la em sua prática. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os professores perceberam a teleaula como instrumento/ferramenta para possibilitar sua redução salarial, foi-lhes solicitado que usassem como argumento, para convencer os alunos a aceitá-la, a imediata necessidade de acompanhar as novas tendências sociais em se usar recursos tecnológicos diferentes no contexto de ensino. E, sob ótica dos alunos, a teleaula teria sido imposta arbitrariamente pela IES, pois não estaria levando em consideração o ponto de vista do corpo discente, uma vez que não era permitido o aluno ser dispensado de assistir a esse tipo de aula, visto que a teleaula estava incluída na sua carga horária.

Resulta, ainda, a suspeita de que muitos dos problemas apresentados pelo professor e pelos alunos em relação à adoção desse recurso de trabalho sejam instaurados pelo contexto social vivido pelos agentes envolvidos nas situações comunicativas analisadas pela pesquisadora (destaca-se aqui também professora da mesma IES), que atua **na** e **para** configuração e definição de representações sociais infiltradas e mapeadas no discurso.

Julgamos ser cabível afirmar que algumas das restrições apresentadas por professor e alunos só assim se configuram em função de uma ideia de teleaula que, na prática, não chega a se concretizar, não se manifesta de forma regular e consistente, na medida em que muitos e variados são os fatores que direcionam o processo ensino/aprendizagem, não sendo, necessariamente, a modalidade presencial ou semipresencial fator determinante.

Embora a universidade venha se esforçando para incorporar essa nova realidade, alguns alunos não perceberam que os métodos de ensino têm de incorporar as imensas possibilidades dos novos recursos:

A sala de aula deixou de ser um espaço quadrado, cercado de paredes. Ela é aberta e tem uma dimensão einsteiniana: seu tempo e seu espaço se misturam, o aluno podendo estar em qualquer lugar e o professor, em qualquer outro, sintonizados simultaneamente ou em tempos diferentes. (UNESCO, 2003, p. 33).

Sobre isso, há que se considerar que nem todos os alunos que alimentam os dados dessa proposta de pesquisa têm acesso a esses recursos, o que causa certo estranhamento a

alguns. De certa forma, a universidade precisa lidar com a questão da separação dos alunos em dois grupos: o dos incluídos e o dos excluídos nos benefícios técnicos do mundo moderno. É importante pontuar que essa espécie de linha divisória não diz respeito somente a acesso ou ausência de acesso, mas aos modos como ele é produzido e aos sentidos de que é investido.

De modo geral, o discurso do professor, produzido sobre as situações de trabalho, denuncia o não reconhecimento das dimensões reais do funcionamento da teleaula. Já os discursos dos alunos revelam a ineficiência de uma prática mecânica, por inviabilizar a interação com o professor da teleaula. Entretanto admitem a teleaula como um recurso a mais, desde que haja a presença do professor titular. Assim, não se pode deixar de investigar como as representações sociais decorrentes do contato, ou não, com os benefícios proporcionados pelas novas tecnologias orientam as ações dos sujeitos.

Cabe ainda assinalar que, em uma época em que o conhecimento pode mudar num instante, exigindo dedicação para acompanhar as mudanças, é preciso enfrentar o desafio de que as tecnologias de informação e comunicação na formação de professores podem representar novas manifestações das mesmas velhas concepções de ensino/aprendizagem.

1.3 Justificativa

O presente estudo se justifica a partir de contribuições que pode fornecer, tanto para o campo da tecnologia quanto para o da educação, uma vez que falar em teleaula envolve, dentre outros aspectos, a articulação desses dois campos.

Nesse sentido, de um lado, esta investigação no âmbito do ensino superior pode trazer contribuições para que a área da tecnologia possa refletir sobre a possibilidade de suas potencialidades serem exploradas no contexto educacional.

Por outro lado, este estudo também pode apontar para a Educação Superior refletir sobre o seu papel, em termos de promoção do uso de meios e recursos tecnológicos que contribuam para favorecer a melhoria do processo ensino/aprendizagem a partir da integração professor/aluno/meio nas negociações intersubjetivas vivenciadas nas práticas educativas.

Além de contribuir para o campo da tecnologia e da educação, este trabalho muito contribui para o campo de estudos das representações sociais e do fazer docente.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

O objetivo central deste trabalho é estudar a adoção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna, analisando suas principais características bem como a percepção dos agentes envolvidos – professora e alunas – sobre esse recurso.

1.4.2 Objetivos específicos

Como desdobramentos do objeto geral, são apresentados os seguintes objetivos específicos:

1. estudar o uso da teleaula no desenvolvimento de aulas de língua materna, tendo em vista seu papel no evento;
2. examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando as representações sociais de professor, (tele)aula, ensino/aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados;
3. analisar como a docente pesquisada representa a si mesma, suas ações e as das alunas ao assistir a uma de suas aulas gravadas, em que se usa a teleaula.

1.5 Constituição do *corpus* e procedimentos metodológicos

A definição do *corpus* espelha uma preocupação em buscar compreender a interferência das representações sociais no uso ou não da teleaula como recurso metodológico que orienta as práticas de ensino/aprendizagem. Trata-se de uma investigação pelo entendimento do modo como os saberes são coconstruídos pelas pessoas pela e na interação.

Assim, se se focalizar mais de perto o funcionamento das interações que se dão via recursos tecnológicos, como a teleaula, veremos que as práticas de ensino/aprendizagem podem provocar conflitos que são consequência direta das características funcionais desse recurso. Não há como negar, assim, que as características particulares do funcionamento desse expediente podem refletir nos discursos que se produzem sobre ele.

Constituem o *corpus* de análise da pesquisa: gravação em áudio de entrevista com a professora de Língua Portuguesa do curso Normal Superior, aqui identificada por professora S; gravação em áudio de entrevistas com as alunas do curso Normal Superior; gravação em vídeo de aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula; gravação em áudio da sessão de autoconfrontação com a professora S.

As técnicas usadas para coleta e geração de dados foram a entrevista, a observação e registro de aula e a autoconfrontação. A autoconfrontação¹ é entendida aqui, com base em Faïta (2005, p. 121), como um procedimento que “consiste em criar uma primeira situação na qual um locutor, diante da exibição do filme de sua própria atividade de trabalho, se engaja num comentário, posicionando-o na ‘fronteira do discurso e da atividade’ (FAÏTA; VIEIRA, 2004)”. Quanto à análise, adotamos a avaliação por triangulação de dados devido à nossa intenção de combinarmos e cruzarmos os pontos de vista da professora e das alunas que emergem dos dados recolhidos ao longo do trabalho de investigação.

1.6 Organização do trabalho

Esta dissertação apresenta a seguinte estrutura: nesta Introdução, há uma exposição de elementos que situam a pesquisa, tais como a apresentação, o histórico do problema, a justificativa, os objetivos, a constituição do *corpus* e os procedimentos metodológicos.

O capítulo dois abriga noções caras ao trabalho, com o propósito de realizarmos uma abordagem interacionista das representações sociais a partir de discussões sobre mecanismos enunciativos, recursos de referenciação e projeção de *ethos*.

O capítulo três detalha a metodologia de coleta e geração de dados, apontando inclusive os prováveis impactos da pesquisadora e dos instrumentos usados; descreve de forma geral os dados que compõem o *corpus* de análise e define a metodologia de análise de dados.

O capítulo quatro examina como os posicionamentos assumidos pelos agentes envolvidos na pesquisa, mais claramente percebidos pela análise dos recursos de referenciação, dos mecanismos enunciativos e das manifestações de *ethos* nas atividades intersubjetivas, são atravessados pelas representações sociais.

O capítulo cinco aponta, a título de conclusão, algumas considerações sobre o trabalho realizado.

¹ No capítulo 3, fundamentada em Faïta (2005) e Clot (2007), a noção de autoconfrontação será retomada.

2 UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O objetivo deste capítulo é propiciarmos uma reflexão sobre o norte teórico da pesquisa, construído com base nas contribuições de diferentes frentes de estudos, que nos permitem articular princípios e conceitos da Teoria das Representações Sociais (daqui em diante TRS) com as discussões sobre mecanismos enunciativos, recursos de referenciação e a noção de *ethos*, sob um ponto de vista que privilegia os aspectos da ordem interacional. Assim, como um dos objetivos específicos deste trabalho é examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando-se as representações sociais de professor, aluno, (tele)aula e ensino/aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados, propomos uma abordagem sociointeracionista de cunho interdisciplinar, a partir de preceitos da Psicologia Social, nas abordagens de Abric, 2003a ; 2003b; Jodelet, 1996; 2001; Moscovici, 1979; 2007; Py, 2000; 2004), do Interacionismo Sociodiscursivo (daqui em diante ISD), nos estudos realizados por Bronckart (2006; 2009) e de abordagens discursivas, nas figuras de Amossy (2005), Jubran (2005), de Marcuschi (2005), de Matencio (2001; 2002; 2003; 2005; 2006; 2008; 2009), de Mondada e Dubois (2003).

Buscamos propiciar uma matriz teórica que instaure um diálogo profícuo com autores e estudos escolhidos em tais disciplinas/abordagens a fim de reunir o saber de cada uma. Assim, o presente capítulo tratará da noção de Representação Social (daqui em diante RS), buscando relacioná-la a estudos sobre mecanismos enunciativos, recursos de referenciação e projeção de *ethos* sob uma perspectiva interacionista. De modo mais específico, trata-se de pôr em cena elementos de ordem linguístico-discursiva que permitam flagrar as RS subjacentes aos posicionamentos mapeados bem como revelem pistas das imagens de si e de outrem que os sujeitos constroem discursivamente.

Podemos dizer que sempre houve interesse na análise de fenômenos que mediam a vida social. Devido ao fato de fenômenos sociais serem criados e utilizados pelos seres humanos para interagirem entre si, interessa-nos, neste estudo, particularmente o fenômeno das RS; “por serem ilusórias, contraditórias e ‘verdadeiras’, as representações podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social” (MINAYO, 2003, p. 110). Não desconhecemos sua feição de conhecimento do senso comum, no entanto, consideramos que sua manifestação atravessa os grupos sociais e marca as diversas negociações intersubjetivas vivenciadas nas diferentes práticas sociais de uso da linguagem. Dito de outro modo, as RS expressam simbolicamente a realidade de um grupo social.

Na linha dos estudos da Psicologia Social, inicialmente, apontamos o princípio de que as pessoas não se comportam socialmente do mesmo modo que se comportariam individualmente devido à força coativa das interações sociais. No entanto, não devemos ignorar que o indivíduo, mesmo sozinho, constitui-se um ser social. Posto isso, presumimos que o indivíduo também seria atravessado e constituído no e pelo social – mesmo quando sozinho. Ao retomar Matencio (2006) afirmando que “é preciso investigar como os sujeitos orientam suas ações ou são orientados por conhecimentos pré-construídos ao agir”, poderíamos pensar que esses conhecimentos constituem ou, muitos casos, são exemplos de RS, o que indica ter o sujeito, mesmo agindo individualmente, suas ações guiadas ou orientadas, em certa e grande medida, pelas RS.

É interessante buscarmos uma articulação com a Psicologia Social, pois compreendemos a linguagem como uma atividade social que medeia a relação entre o homem e a realidade objetiva. Para que essa articulação de fato aconteça, apoiamo-nos na TRS. Advoga Moscovici que as RS “são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos.” (MOSCOVICI, 2007, p. 208). Sob este ângulo, concordamos que a linguagem está carregada de RS e pretendemos analisar como elas se manifestam na materialidade linguística que emerge das práticas discursivas.

Procurando uma articulação com o ISD, também admitimos que a linguagem é um instrumento mediador da relação do homem com o meio, além de contribuir para o desenvolvimento humano (BRONCKART, 2009). Ao mesmo tempo em que a atividade, aqui tomada como produção de ações coordenadas em dimensão coletiva, é constitutiva do social, a ação, aqui tomada como produção de linguagem em dimensão individual, é constitutiva do humano, isto é, enfatizamos que a linguagem é constituída pelo homem e o constitui. Dessa forma, a linguagem molda, regula as interações intersubjetivas.

Nessa perspectiva, não poderíamos deixar de considerar a dimensão social da linguagem. Conforme assinala Py (2004, p. 6, tradução nossa), “o discurso é mais especificamente o lugar onde as RS se constituem, se formam, se alteram ou se desintegram”², aspecto que também interessa às abordagens que se ocupam dos discursos. O autor sugere que a linguagem é em si um objeto de RS por ocupar um importante lugar na vida do indivíduo e da comunidade. Assim, é admissível sua hipótese de que o discurso é, por

² (...) le discours est plus spécifiquement le lieu où les RS se constituent, se façonnent, se modifient ou se désagrègent.

excelência, o ambiente natural das RS, uma vez que as RS tanto são constitutivas como constituídas pelo discurso.

No caso dos dados deste trabalho, é notório percebermos como as palavras escolhidas pela professora e pelas alunas, sujeitos da pesquisa, ao se referirem à teleaula, podem indiciar o percurso que o locutor percorre ao construir um objeto de discurso. Nessa medida, temos aí o rastro histórico, social e subjetivo de construção do discurso. Podemos assumir o pressuposto de que “o sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente as categorias manifestadas no discurso.” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Dessa forma, não desconsideramos a dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, pois os objetos de discurso podem ser coconstruídos por diferentes locutores, bem como trazem a memória de RS, também construídas e acionadas em situação de interação.

O motivo, portanto, de buscarmos fundamentação em preceitos da Psicologia Social, do ISD e de abordagens discursivas, articulados às contribuições da TRS, reside no fato de assumirmos que as condutas do sujeito são sempre atravessadas por RS capazes de influenciar seu modo de pensar e de agir. Seus valores, suas crenças são resultado de negociações intersubjetivas que acontecem ao longo de sua vida e assim não são apenas repensados e reapresentados, são reconstituídos socialmente. Desse modo, esta pesquisa alinha-se à ideia de Moscovici (2007, p. 40) de que “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”.

Por compartilhar do pensamento de que as interações humanas são continuamente atravessadas por formas de conhecimento prático socialmente elaboradas e compartilhadas, também defendemos que as RS tanto auxiliam na compreensão do mundo como orientam o agir nesse mundo, uma vez que circulam nos discursos e são, desse modo, naturalmente observáveis.

2.1 No domínio das representações sociais

Iniciamos esta seção com uma proposição de Durkheim, sociólogo precursor dos estudos sobre representações: “A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações;” (DURKHEIM, 2009, p. 14). O autor defende que as maneiras de agir, de pensar e de sentir não são obras do indivíduo, existem fora das consciências individuais e se impõem a ele, com grande força coercitiva e imperativa. Dessa forma, ele instaura uma supremacia das representações coletivas sobre as representações individuais, ao determinar a

fixidez desse grupo de fenômenos sociais, que impõe resistência a tentativas individuais de provocar-lhe mudanças.

Os estudos de Durkheim revelam que ele tenta traçar objetivas diferenças entre esses dois tipos de fenômenos. Em seu ponto de vista, uma representação individual é produzida pelas ações e reações trocadas entre os elementos nervosos do indivíduo (2009), ou seja, ela tem origem nas sensações. Dessa forma, para o autor, as representações individuais têm uma gênese baseada na relação fisiológica do corpo humano com o meio no qual este corpo entra em contato. Já uma representação coletiva é produzida pelas ações e reações trocadas entre as consciências elementares que constituem a sociedade (2009), ou seja, ela tem origem nas interações. Isto posto, para o autor, as representações coletivas têm uma gênese baseada na vida comum, nas práticas do grupo tomadas coletivamente.

Julgamos importante salientar que Durkheim concebe representações coletivas como algo homogêneo e duradouro, diríamos engessado, pois as percebe como formas estáveis de comunicação, cujo poder é capaz de forçar a integração da sociedade como um todo. Para ele, as representações exercem forte influência sobre os indivíduos, uma vez que coagem os sujeitos a agirem de determinada maneira.

Moscovici, cujo campo é o da Psicologia Social, faz mais do que uma releitura do conceito de representações coletivas criado por Durkheim; ele elabora uma teoria: a Teoria das Representações Sociais. Ao adotar o termo representações sociais, Moscovici pretende acentuar seu caráter dinâmico: “as representações sociais se apresentam como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias” (MOSCOVICI, 2007, p. 210). Nessa perspectiva, ele atribui a elas mobilidade devido ao fato de circular, de se cruzarem e de se cristalizarem nas ações de linguagem vivenciadas pelos sujeitos em suas interações sociais.

Admitindo que o caráter dinâmico das RS advém da capacidade de os sujeitos operarem sobre elas, significa isto que eles não são meros receptores, pelo contrário, podem produzir e comunicar as representações que elaboram. Assim surge a possibilidade de analisá-las e de explicá-las em si mesmas, isto é, descobrir seus mecanismos internos. Isso acarreta a diferença na concepção proposta por Moscovici (2007, p. 45), de conceito para fenômeno. Dessa maneira, presume-se que seriam um fenômeno porque não só se pode, como se deve, analisá-las em sua estrutura e componentes. Na visão de Durkheim, as representações coletivas são impostas aos indivíduos; em Moscovici, as representações sociais são trabalhadas pelos indivíduos. Partindo dessa posição, em nosso entender, as RS são

coconstruídas socialmente, tendo sempre, e não de forma dicotômica, uma dimensão social e individual a um só tempo.

Para se ter uma compreensão de como se dá a construção de RS, torna-se necessário discutir os dois processos responsáveis por sua geração, segundo a proposta de Moscovici, que se baseiam na memória e em conclusões passadas: a ancoragem e a objetivação. Nas palavras do referido autor, ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa” (2007, p. 61); e objetivar é “descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (2007, p. 71).

Diante disso, ancorar é categorizar, pôr determinado objeto em uma categoria específica, isto é, etiquetá-lo com um nome já estocado na memória. Dito de outra maneira, ancorar ideias estranhas é reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. E “objetivar é transformar em linguagem”³. Desse ponto de vista, que também traduz a nossa perspectiva, objetivar é transformar algo abstrato em algo quase concreto, é transferir o que está na mente para algo que exista no mundo físico – o que isso significa é que os processos de ancoragem e objetivação pressupõem operações mentais e operações linguísticas.

O que está em questão é a impossibilidade de haver RS sem linguagem, do mesmo modo como não há sociedade sem RS. Assim, a TRS procura relacionar cognição social e processos representacionais. O que pretendemos salientar é que Moscovici (2007, p. 219) busca explicar “uma relação interna-externa (esquemas cognitivos, atitudes e posicionamentos, modelos culturais e normas)”, ou seja, como os princípios da TRS “dão pistas de como os usos da linguagem podem indiciar processos mentais” (MATENCIO, 2006, p. 7). A ancoragem consiste em um movimento interno, visto que transpõe o objeto para nossa esfera particular; já a objetivação, um movimento externo, para mostrar ao outro, pois reproduz o objeto entre as coisas que podemos ver e tocar. Portanto, esses mecanismos transformam o não familiar em familiar.

Parece sensato acreditarmos que estudos teóricos que tratam de temas ligados ao indivíduo não podem deixar de considerá-lo ligado a seu contexto sociocultural e histórico, pois são as relações sociais que asseguram sua existência e, de certa forma, a interação de uma imensa quantidade de indivíduos resulta na sociedade. Em razão de as RS tornarem possível um modo de agir e de pensar bem como de interpretar a realidade que o cerca, elas

³ Anotações de aula da disciplina *Análise do Discurso: abordagens interacionistas das representações sociais*, ministrada pela Professora Doutora Maria de Lourdes Meirelles Matencio, no segundo semestre de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

constituem, segundo Moscovici (2007, p. 49), um modo particular de compreender e de se comunicar que cria tanto a realidade como o senso comum. Sobre esse aspecto, é evidente que conhecimentos e representações sociais são criados e recriados na confluência dos planos individual e social, como já assinalado.

Filiando-se a Moscovici, Jodelet (2001, p. 21) assinala que as RS são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social, daí sua importância na interpretação de nossa realidade cotidiana, visto que podem ser concebidas como uma forma de conhecimento social. Conforme assevera Jodelet, a naturalidade de observação das RS deve-se ao fato de elas circularem nos discursos, serem trazidas pelas palavras, veiculadas em mensagens e imagens midiáticas e cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais. Isso significa que propiciam o esclarecimento dos mecanismos envolvidos na elaboração social do real e é assim que se tornam fundamentais no estudo das ideias e condutas sociais.

A autora pontua que o funcionamento cognitivo e o do aparelho psíquico bem como o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações precisam ser levados em consideração, pois as RS são afetadas por sua intervenção ao longo de seu desenvolvimento:

Mas é preciso dizer: as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais, sociais, integrando – ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir. (JODELET, 2001, p. 26)

Na visão da autora, é necessária uma abordagem que considere os diversos aspectos desses fenômenos, isso porque compreendemos que os homens, valendo-se das palavras, manifestam suas opiniões, seus pensamentos e suas ideias através de mensagens mediadas pela linguagem e socialmente construídas, além de estarem vinculadas às situações reais em que se inserem e refletem as mais diversas práticas sociais. Tal como destacado por Jodelet, essa orientação será levada em consideração ao fazermos a análise dos dados.

É com base nesses parâmetros que a autora propõe um espaço de estudo multidimensional em que a representação é tida como “uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto” (JODELET, 2001, p. 27). De uma forma mais minuciosa ela pontua, ainda, que, para abranger os elementos e relações que constituem as RS, deve-se responder às seguintes formulações: “Quem sabe e de onde sabe?”; “O que e como sabe?”; “Sobre o que sabe e com que efeitos?”.

Como decorrência dessas formulações, a autora define três ordens, interdependentes, de problemáticas: 1) condições de produção e de circulação; 2) processos e estados; 3)

estatuto epistemológico das RS. Daí a aproximação a um postulado fundamental para o estudo das RS: “o da inter-relação, da correspondência, entre as formas de organização e de comunicação sociais e as medidas do pensamento social, considerado sob o ângulo de suas categorias, de suas operações e de sua lógica” (JODELET, 2001, p. 29).

Nesse sentido, Jodelet demonstra a utilidade de se pensar a cognição como algo social, para novos caminhos de pesquisa, no entanto a “articulação com a cognição social não deve ser confundida com uma submissão da teoria das representações sociais aos modelos da cognição social” (CABECINHAS, 2004, p. 131). Em outras palavras, a aproximação dos conceitos de representação social e esquema – aqui concebido como “padrões de expectativas e hipóteses sobre o mundo, seus habitantes e objetos” (TANNEN; WALLAT, 2002, p. 213) – possibilita uma abordagem que não dissocia o aspecto social do aspecto mental.

Nessa linha de ideias, há estudos⁴ que apontam para a necessidade de se levar em conta os três componentes de uma representação: seu conteúdo, sua estrutura e seu núcleo central. Na perspectiva do que aqui expomos, a realidade é representada, isto é, reconstruída e reestruturada por indivíduos e grupos. Em razão disso, as RS seriam indispensáveis para a compreensão da relação entre as comunicações e as práticas sociais, por serem elas as guias da ação. Reiteramos, nessa medida, que as RS interessam muito a nosso trabalho porque orientam o agir no mundo – elas se infiltram nas ideias, nos valores, nas crenças, nas imagens que os indivíduos criam sobre o mundo e exercem certa influência sobre a sua conduta.

Importa ainda salientar as noções de núcleo central e de elementos periféricos, uma vez que assumimos que as RS constituem-se de elementos cognitivos estáveis, ao redor dos quais orbitam elementos cognitivos periféricos. Abric fornece uma orientação fundamental:

“Os elementos centrais são assim os elementos essenciais de uma representação. Eles determinam toda a organização e o significado. Eles constituem mais do que a base comum coletivamente compartilhada pelos indivíduos de um mesmo grupo e são muito consensuais. São determinados, principalmente, pelos sistemas de valores e normas do grupo, são estáveis, resistentes a mudança e independentes do contexto imediato no qual evoluiu a representação. [...] Eles (os elementos periféricos) constituem mesmo o conteúdo essencial da representação, sua parte mais acessível e mais concreta, e eles também cumprem certo número de funções importantes. Os elementos periféricos estão em relação direta com o núcleo central, quer dizer que a sua presença, a sua ponderação, o seu valor e a sua função são determinados por ele. O sistema periférico é o complemento indispensável do núcleo central de que depende.[...] quer dizer que é graças a ele que a representação pode ser integrada à realidade do momento. O sistema periférico realiza três funções principais: uma

⁴ Consulte-se Abric, 2003a .

função de concretização, uma função de adaptação a mudanças e, por último, uma função de individuação.” (ABRIC apud Rateau, 2007, p. 174, tradução nossa). 5

Salienta Abric (2003b) que o núcleo central seria o responsável pela resistência às mudanças, por permitir a conservação da significação social devido a um caráter mais estável. Os elementos periféricos referir-se-iam à possibilidade de mudanças, ou seja, os significados atribuídos ao mundo são mutáveis devido às constantes interações sociais.

Pode-se acrescentar a essas reflexões as proposições com as quais lida Py (2000, p. 14): representação de referência (RR) e representação de uso (RU). “As RR são constituídas de crenças aceitas ou consideradas aceitas, por um conjunto de membros de um grupo qualquer, independentemente de os próprios membros do grupo aderirem ou não a elas” (tradução nossa)⁶. As RU constituem-se das diferentes posições estabelecidas pelos participantes.

Como propõe Py (2000, p.15), as RR estariam para núcleo central assim como as RU estariam para elementos periféricos. Por um lado, o valor convencional das RR seria uma forma de ligação entre todos os membros de uma comunidade, uma centralidade estável, resistente a mudanças. De outro, os valores individuais das RU seriam uma forma de variação ao redor do convencional, uma periferia instável, ou seja, passível de mudanças. Como o autor ressalta, ambas advêm das circunstâncias de interação.

De fato, como defende Py (2000, p. 15), o que parece essencial é a existência de dois níveis e como eles podem conciliar consensos coletivos e convicções individuais, a estabilidade (mesmo efêmera) e mudança contínua.

Em trabalho que dialoga com os estudos de Py sobre RR e RU, Matencio e Ribeiro (2009) demonstram que o movimento das RU é capaz de alterar o movimento das RR e, conseqüentemente, modificar as RS. Em outras palavras, a mudança das RS ocorre de fora para dentro, ou seja, primeiro é preciso que os elementos periféricos sofram uma alteração;

⁵ Les éléments centraux sont ainsi les éléments essentiels d’une représentation. Ils en déterminent tout l’organisation et la signification. Ils constituent de plus la base commune, collectivement partagée par les individus d’un même groupe et sont fortement consensuels. Principalement déterminés par les systèmes de valeurs et de normes du groupe, ils sont stables, résistants au changement et indépendants du contexte immédiat dans lequel évolue la représentation. [...] Ils (les éléments périphériques) constituent même l’essentiel du contenu de la représentation, sa partie la plus accessible et la plus concrète, et remplissent, eux aussi, un certain nombre de fonctions importantes. Les éléments périphériques sont en relation directe avec le noyau central, c’est-à-dire que leur présence, leur pondération, leur valeur et leur fonction sont déterminés par lui. Le système périphérique constitue le complément indispensable du noyau central dont il dépend.[...] c’est-à-dire que c’est grâce à lui que la représentation peut s’intégrer dans la réalité du moment. Le système périphérique remplit trois fonctions principales : une fonction de concrétisation, une fonction d’adaptation au changement et, enfin, une fonction d’individuation.

⁶ [...] les RR sont constituées de croyances reconnues ou réputées reconnues par l’ensemble des membres d’un groupe quelconque, indépendamment du fait que les membres eux-mêmes y adhèrent ou pas.

segundo, que essa alteração reflita no núcleo central; causando, assim, mudanças nas RS. As autoras discutem ainda a circulação das RS – “as quais, sendo materializadas por determinadas estruturas enunciativas, textualizam os objetos **dos** discursos” (p. 3, grifo das autoras). Alinhamo-nos às autoras, pois também compartilhamos da visão de que o discurso dá corpo, modela e remodela as RS e, por isso, pretendemos flagrá-las através da contribuição da TRS em um viés linguístico-discursivo (cf. SERRA, 2000) ⁷.

Segundo Serra, a enunciação de uma RS é indiciada por elementos languageiros que ressaltam a apropriação de seu conteúdo e justificam seu uso. Tais elementos são de natureza diversa e têm funções diferentes. Destacamos as funções enunciativa e argumentativa dos elementos languageiros: a função enunciativa indica a ancoragem existente entre o sujeito e a instância enunciativa-discursiva (relação eu/eles) e seus traços podem ser explícitos ou opacos; a função argumentativa indica a estruturação do discurso, das RS dentro do jogo conversacional argumentativo em relação ao discurso do outro.

Ainda, segundo a autora, os sujeitos produzem e reproduzem discursos e representações que se inscrevem dentro das organizações sociais em que esses sujeitos se encontram, atuam e se posicionam. Para a autora, dois movimentos são responsáveis pela circulação de uma RS: a introdução de um objeto discursivo apresentado como um produto da experiência e da interpretação de um grupo social e a reatualização desse objeto nos fazem compreender a estabilidade e o deslocamento das RS; a estabilidade advém da introdução de um objeto discursivo e o deslocamento, da negociação da introdução desse objeto com outros participantes do contexto interativo.

À luz do que se discutiu nesta seção, faz-se necessário especificar as categorias que constituirão o instrumental de análise dos objetos de estudo. Spink chama atenção para a necessidade de se entender as RS “a partir do contexto que as engendram e a partir de sua funcionalidade nas interações do cotidiano” (SPINK, 1995, p. 118). Vale ressaltar que a linguagem aqui é tomada como forma de conhecimento e de interação social; conseqüentemente, a análise das RS deve ser realizada através da articulação entre as dimensões linguística, psicológica e sociológica, em virtude de uma integração dos aspectos discursivos, mentais e sociais que se manifestam no material sob estudo. Assim, a opção assumida foi por investigar os aspectos linguístico-discursivos através de busca minuciosa dos mecanismos enunciativos, dos recursos de referenciação e de manifestações de *ethos* que

⁷ Segundo a autora, é preciso que o analista identifique os elementos languageiros que sustentam o processo de apropriação e de reelaboração de RS.

sustentarão a análise dos dados e os objetos teóricos no estudo das RS dos agentes envolvidos na pesquisa cujos resultados ora se apresentam.

2.2 Representações sociais e mecanismos enunciativos

Começemos por fazer uma breve aproximação entre RS e linguagem. Na perspectiva de Py (2004, p. 6), a linguagem pode ser abordada de duas maneiras: como um objeto possível de RS e especialmente como um lugar de existência dessas RS. Para o autor, o que torna possível à linguagem ser um objeto de RS é o lugar que ocupa na vida de cada indivíduo, neste sentido o discurso⁸ é mais especificamente o lugar onde as RS se constituem, se formam, se alteram ou se desintegram. Compreendemos assim que o discurso associado a uma RS trata a linguagem como um objeto social a interpretar (e não a controlar).

Conforme assinala Matencio (2006, p. 3), precisamos investigar como os sujeitos “orientam suas ações ou são orientados por conhecimentos pré-construídos ao agir”. No que toca aos objetivos deste trabalho, para nós, é fundamental identificarmos o modo como os sujeitos da pesquisa (professora e alunas) agenciam, dialogicamente, recursos linguísticos e discursivos que indicam os diferentes posicionamentos assumidos por meio dos quais se evidenciam as RS aí envolvidas.

Também na tentativa de adotar uma abordagem interacionista das RS, pretendemos explorar, filiando-nos aos aportes do ISD, o funcionamento dos mecanismos que contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos e que traduzem as diversas avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Fundamentados em Bronckart (2009), entendemos por posicionamento enunciativo a assunção de vozes que expressam posicionamentos e avaliações (modalizações) sobre aspectos do conteúdo temático enunciado, visando à orientação e interpretação de seus interlocutores. Assim, convém abordarmos a distribuição das vozes e a marcação das modalizações imbricadas no modo de dizer que se denuncia no discurso dos sujeitos da pesquisa.

Na concepção do autor, as vozes são definidas “como as entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (BRONCKART, 2009, p. 326). Dentre as vozes que o autor estabelece, interessam-nos:

- i. “voz neutra – é a instância geral de enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer”;

⁸ O termo discurso é aqui entendido como “um processo languageiro de construção da realidade.” SEGUIN, Eve. Unité et pluralité de l’analyse de discours. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. In: Langage et société, n. 69. Paris: Maison des sciences de l’homme. 1994. p. 37-58.

- ii. “as vozes sociais – procedentes de personagens, grupos ou instituições sociais que não intervêm como agentes no percurso temático de um segmento de texto, mas que são mencionados como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo”;
- iii. “a voz do autor – procede diretamente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém, como tal, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado”.

Quanto às modalizações, Bronckart considera que elas “têm a finalidade de traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (2009, p. 330). Ele pontua as seguintes:

- i. as modalizações lógicas – consistem em julgamentos sobre o valor de verdade das proposições enunciadas;
- ii. as modalizações deônticas – avaliam o que é enunciado à luz dos valores sociais;
- iii. as modalizações apreciativas – traduzem um julgamento mais subjetivo;
- iv. as modalizações pragmáticas – introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, principalmente sobre a capacidade de ação (o poder-fazer), a intenção (o querer-fazer) e as razões (o dever-fazer).

A título de ilustração, recortamos os seguintes segmentos em que algumas vozes e algumas realizações modais se fazem presentes nas entrevistas⁹ que a professora S e alunas, sujeitos da pesquisa, concedem à pesquisadora:

Quadro 1 - Entrevista com a professora S

Exemplo 1
P: ao ser comunicada sobre a inclusão da teleaula no curso normal superior... qual foi sua primeira reação?
S: a princípio foi assim... de revolta... desconfiança... porque eles estavam reduzindo a nossa carga horária... reduzindo o salário... então foi assim um momento muito difícil pra nós

Fonte: elaborada pelo autor

⁹ Na transcrição da gravação, foram usadas as seguintes convenções:

... para qualquer pausa;

MAIÚSCULAS, para entoação enfática;

(P) para pesquisadora;

(S) para professora do curso Normal Superior;

(A) aluna do 1º período do curso Normal Superior;

(3) ordem em que foi entrevistada;

(?) para interrogação;

((minúsculas)) para comentários descritivos da transcritora.

Em relação às vozes presentes no exemplo 1, mostra-se, num primeiro momento, a instância geral da enunciação, um dos sujeitos da pesquisa, no caso específico, a professora de Língua Portuguesa do curso Normal Superior, que responde as perguntas que lhe são dirigidas; constituindo-se assim o sujeito da ação de linguagem: “a princípio foi de revolta... desconfiança...”. Parece evidente que ela teve uma reação contrária à inclusão da teleaula, externada pelos substantivos que seleciona: “revolta”, “desconfiança”. Assim a professora entrevistada não demonstra nenhum constrangimento ao expor seu desconforto inicial com a nova situação a ser enfrentada. Também é importante observamos a focalização temporal marcada pela locução adverbial “a princípio”, que gera a expectativa de que houve mudança no modo como significa a adoção da teleaula.

Em segundo lugar, é possível perceber que outra voz aí se expressa, a instância da voz social do grupo de professores, marcada pelas presenças dos pronomes de primeira pessoa do plural – “nossa” e “nós” e também pela repetição do verbo “reduzir”. Ora, ao usar como argumento a redução da carga horária e, conseqüentemente, a redução do salário, podemos claramente perceber que ela representa a voz de todo o corpo docente, pois isso não seria vivenciado apenas por ela, mas por todos; portanto, a dificuldade do momento é incômoda para todo o grupo e não especificamente para um ou outro.

É interessante notarmos, nesse primeiro momento, que a RS de teleaula que emerge no discurso da professora S advém da associação desse recurso com a redução salarial. Assim, poderíamos afirmar que teleaula, nesse caso, representa menos dinheiro no bolso do professor, ao final do mês. Essa imagem está relacionada com a realidade dos professores, ou seja, o fato de que essa classe ganha pouco, dessa forma a teleaula passa a ser um elemento complicador, visto que traz perda financeira. E quando surge o comunicado da diminuição do número de aulas, ganham campo os sentimentos de revolta e desconfiança manifestados pelo sujeito, ressignificados pelas experiências já vividas não só por ele, mas por essa classe de trabalhadores.

Quadro 2 - Entrevista com a professora S

Exemplo 2
P: na sua visão... qual foi o motivo da inclusão da teleaula no curso normal superior?
S: interessante isso aí... porque... apesar de trazer nova tecnologia... mas... a princípio... o objetivo não foi bem esse... o objetivo foi realmente redução de custos... porque o curso normal superior ele é um curso barato... então o que estava arrecadando não estava dando pra manter o curso... então aproveitaram... eh... essa carona aí da era... né... digital... da educação a distância... da teleaula... mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era redução de custos

Fonte: elaborada pelo autor

Nesse segundo exemplo, sob a voz da instância formal da expositora, a professora S, manifesta-se a voz social de seus superiores imediatos, meticulosamente não especificados nesse segmento, porém sugeridos com o uso do verbo “aproveitaram” estrategicamente empregado na terceira pessoa do plural para não revelar os agentes da ação. Um pouco antes, quando a professora S explica o motivo da inclusão da teleaula no curso, ela usa os advérbios “bem” e “realmente”, que parecem funcionar como um anúncio para o que está por vir, como se algo precisasse vir à tona, mas não pode ser totalmente explicitado. Novamente há o uso da locução adverbial “a princípio”, que sugere a ideia de que há outra intenção além da que fora inicialmente revelada por seus superiores imediatos. E a expressão “na verdade” traz à tona a informação que ela de fato queria revelar: o objetivo de redução de custos proporcionado pela adoção da teleaula.

Quando a professora S afirma que “o que estava arrecadando não estava dando para manter o curso”, mais uma vez ela recorre ao recurso da omissão do sujeito da oração; ela não o determina, como se quisesse preservar a imagem das pessoas responsáveis por tal situação. O uso da voz passiva, após uma conjunção adversativa – “*mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era redução de custos*” também contribui para isso, uma vez que o agente da passiva também é omitido. Compreendemos que a entrevistada pretende focalizar a ação, o fato, e não o agente.

Salientamos que, ao ser questionada sobre o motivo da inclusão da teleaula, a professora S responde que houve “*uma carona da era digital*”. A escolha do substantivo “carona” indicia um julgamento ancorado na imagem que ela tem do que seja era digital. Possivelmente essa imagem não é positiva, uma vez que pegar carona pode representar aquele que se deixou levar, que se deixou ser conduzido, ou seja, a instituição poderia estar simplesmente embarcando numa situação já experimentada por outras ou então não querer ficar para trás, com o propósito de acompanhar as que saíram na frente ao incluir recursos advindos das novas tecnologias em suas práticas educacionais. Além disso, o substantivo “carona” é uma pista das RS que compõem a imagem que a Professora S tem acerca “deles” (da IES), uma vez que o recurso linguístico “carona” também aponta para “uma desculpa” encontrada pela IES para justificar a redução das horas-aula do professor e o uso da teleaula, pegando “carona” na era digital. Considerando, aqui, que quem pega carona, pode pegá-la porque sabe qual é o destino que deseja chegar e não apenas porque deseja ser transportado, se deixar levar ou ser conduzido. Repare-se que aqui também o sujeito possivelmente

manifesta uma RS negativa de teleaula (ou de sua adoção), visto que parece não valorizar o fato de a instituição tomar para si algo que não seja efetivamente elaborado por ela¹⁰.

Quadro 3 - Entrevista com a aluna A1

Exemplo 3
P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... tente destacar para mim as principais semelhanças e as principais diferenças
A1: a teleaula... pra mim... ela não passa de uma preparação pra aula... a gente tira as dúvidas depois com o professor... mas é necessária a presença de um professor... sem dúvida

Fonte: elaborada pelo autor

Em relação às marcas de modalização subjacentes ao terceiro exemplo, é possível observar a manifestação da modalização lógica, percebida pelo emprego das expressões “é necessária” e “sem dúvida”, que atribuem à presença física de um professor em uma sala de aula um valor de verdade incontestável. Desse modo, a aluna A1 parece apoiar-se na RS de professor como aquele que está ali, na sala de aula, sempre à disposição do aluno, principalmente para tirar dúvidas. Como se o professor fosse, de fato, o detentor do saber e sua função fosse a de transmissor do conhecimento.

Quadro 4 - Entrevista com a aluna A6

Exemplo 4
P: você gostou (das teleaulas a que assistiu)?
A6: gostei
P: justifique
A6: ele explica até bem... apesar de ser bem monótono... né... é muito chato aquela... a teleaula... mas ele explica bem... mas para falar a verdade eu prefiro a professora mesmo explicando... né... a S explica muito bem...
P: você consegue explicar por que que é chato?
A6: ah... é chato você ficar ali na frente... assim não tem como... então... você fica sentado olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre Português o tempo inteiro... é chato ... é melhor você ver... porque o professor olha prum lado... olha pro outro... você interage com o professor e com a teleaula você não tem essa interação... você entendeu? é chato você ter que ficar só ouvindo e se você tem alguma dúvida... como que você vai tirar a dúvida? aí você tem que escrever a dúvida pra tirar depois... eu sou ansiosa demais pra poder esperar isso ((risos))... tem que ficar parado... esperando... entendeu?

Fonte: elaborada pelo autor

Em relação às realizações modais subjacentes ao quarto exemplo, é possível perceber a ocorrência da modalização apreciativa, visto que a aluna A6 faz um julgamento bem subjetivo sobre a teleaula, marcado pela escolha do adjetivo “chato”: “ah... é chato você ficar

¹⁰ Cabe explicarmos que as TA não foram elaboradas pela IES, e sim gravadas em estúdios por professores especialmente contratados para isso.

ali na frente”, “você fica sentado olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre Português o tempo inteiro... é chato...”. Repare-se que esse julgamento parece estar ancorado na RS tida como tradicional de aula: aquela aula em que os alunos devem ficar assentados, preferencialmente em silêncio, em filas, e o professor é o único que falaria, visto a exposição ser uma forte marca nesse tipo de ensino. Consequentemente, aos alunos praticamente caberia a obrigação de aprenderem o que foi ensinado, uma vez que o professor “falou” sobre Português o tempo inteiro.

Quadro 5 - Entrevista com a aluna A5

Exemplo 5
P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouco sobre isso
A5: eh... é um processo... ela... ela... a professora tem que trazer para a sala de aula o conteúdo que ele sabe... que ele já viu... que já tenha visto... tudo prontinho... pra sala de aula... porque aí quando o aluno questionar ele sabe o que ele tá falando ali... ele tem que dominar aquilo ali que ele tá falando... então a teleaula e o professor... eh... eles têm que andarem... eles têm que estarem juntos... né... o professor tem que ver a teleaula primeiro... pra depois ele trazer para a sala de aula pra poder ter os dois o mesmo... discurso

Fonte: elaborada pelo autor

No quinto exemplo, flagram-se evidências da modalização deôntica: “a professora *tem que* trazer para a sala de aula o conteúdo que ele sabe... que ele já viu... que já tenha visto... tudo prontinho... pra sala de aula... porque aí quando o aluno questionar ele sabe o que ele tá falando ali... ele *tem que* dominar aquilo ali que ele tá falando...”, pois a aluna A5 avalia o que é enunciado à luz dos valores sociais. O uso do verbo *ter* aponta que a aluna se expressa relacionando o conteúdo da frase ao eixo do obrigatório, no domínio do dever, revelando considerar importante a professora presencial estabelecer um vínculo entre a abordagem que adota e a do professor da teleaula, recurso que denuncia no discurso dessa aluna a RS de professor que ela constrói: a de detentor do saber, aquele que é um profundo conhecedor de sua disciplina, que sabe tudo da matéria. A afirmação da aluna de que o professor “*tem que* dominar aquilo ali que ele tá falando” implica que, para ela, os dois professores (o da teleaula e a presencial), de fato, precisam assumir a condição de detentores do saber, a fim de compartilharem o mesmo discurso, isto é, assumirem a mesma abordagem teórica; nesse caso, mais precisamente, conceitos e noções da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

2.3 Representações sociais e recursos de referenciação

Segundo a perspectiva que as RS se constituem a partir de uma estrutura estabilizada pelo jogo de forças entre o seu núcleo duro (Representação de Referência) e sua região periférica (Representações de Uso), reiteramos aqui as considerações feitas acerca do funcionamento das RS por Py (2000), Matencio e Ribeiro (2009), de que as RS pré-existem à situação discursiva, elas existem “antes” no mundo objetivo e social, podendo orientar e, até mesmo, atravessar as ações discursivas dos sujeitos envolvidos na interação.

Como é sido salientado por Matencio e Ribeiro (2009), a materialização das RS em determinadas estruturas enunciativas textualiza objetos do discurso. Sendo assim, o contexto em que se deu a pesquisa é ideal para que se tenham reflexões sobre os processos de referenciação pelos quais e nos quais as RS emergem no discurso do sujeito pesquisado.

Como referenciação, compreendemos “um processo dinâmico e intersubjetivo, ancorado em práticas discursivas e cognitivas situadas social e culturalmente, bem como em negociações que se estabelecem no âmbito das relações interacionais” (JUBRAN, 2005, p. 219). Por admitirmos que os referentes não sejam apenas objetos do mundo e sim objetos de discurso, concebemos que a realidade é construída na e pela linguagem.

Assim, assumimos aqui o pressuposto de que “os pré-construídos que emergem na referenciação, indiciam as RS como memória dos discursos sociais que se construíram, se constroem e/ou se anteveem sobre os objetos de discurso em foco.” (MATENCIO, RIBEIRO, 2009, p. 2). Dessa forma, não podemos desconsiderar a dimensão intersubjetiva das atividades linguísticas e cognitivas, pois os objetos de discurso podem ser coconstruídos por diferentes locutores.

Nesse sentido Marcuschi (2005, p. 64) entende que “as ‘representações mentais’ não são fixas, pois elas emergem na interação, são negociadas e móveis.” A preocupação do autor consiste em resolver o impasse da estabilidade do referente no mundo, uma vez que o interlocutor também participa do ajuste das descrições do mundo ao contexto. Ao discorrer sobre a produção de categorias, Marcuschi defende que seria uma atividade sociocognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento (*op. cit.* p. 65). Embora as estruturas cognitivas humanas confirmem certa estabilidade ao mundo, o referente não é estático, é reconstruído, é recategorizado.

Dizemos, com Jubran, que “os referentes são gerados no interior do discurso: são introduzidos, conduzidos, retomados, identificados no texto, modificando-se à medida que o

discurso se desenrola, por meio de estratégias específicas de referenciação” (JUBRAN, 2005, p. 220). Sobre isso, cabe enfatizar ainda nosso entendimento de que elementos de ordem linguístico-discursiva utilizados pelos sujeitos colocam em cena recursos de referenciação que podem nos possibilitar flagrar RS que atravessam seu discurso.

Tomemos, a fim de ilustrar a discussão que se procura fazer sobre como a negociação intersubjetiva dos recursos de referenciação pode ser atravessada pelas RS, os seguintes exemplos:

Quadro 6 - Entrevista com a professora S

Exemplo 6
S: não havia nada de teleaula no plano de curso... foi uma... foi uma coisa assim muito rápida...
Exemplo 7
S: ...eh... eu acredito que foi a partir do momento que (...) nós... assumimos trabalhar juntos com a faculdade e começamos a defender a ideia das teleaulas
Exemplo 8
S: (...) que eles têm... nem têm chamado agora no momento de teleaula... né... eles têm chamado de... extracurricular
Exemplo 9
S: (...) então eu vejo a teleaula como um... um auxiliar ... e mostrar ao aluno que nós temos outras formas pra nos ajudar sem ser só o quadro... o giz... né... (hum hum) o cuspe aí... né... que são quadro... giz... o cuspe... agora o quadro com pincel... então... eh... eh... acredito que isso aí torna as aulas mais agradáveis...
Exemplo 10
S: (...) eu só compreendo esses expedientes como complementares ao meu trabalho... como auxiliares ao meu trabalho
Exemplo 11
S: (...) já me perguntaram se... se eu teria condição de ver um vídeo com eles, eles gostariam de assistir um vídeo comigo (...)
Exemplo 12
S: (...) eu até pretendo... mesmo que a faculdade venha a parar de trabalhar com esse material ... eu pretendo trabalhar... S: (...) eh... alguns exemplos que não tem na apostila e tem no DVD (...)
Exemplo 13
S: (...) então eu vejo que sim... pode ser... eh eh... um recurso sim

Fonte: elaborada pelo autor

Vejamos mais um exemplo:

Quadro 7 - Autoconfrontação com a professora S

Exemplo 14
P: (...) como você vê o papel da teleaula dentro da aula?
S: (...) eu vejo assim... como... uma ferramenta auxiliar ao meu trabalho... porque a forma como vem sendo trabalhado (...) veio enriquecer muito as minhas aulas com as teleaulas...

Fonte: elaborada pelo autor

É possível observarmos que as seleções lexicais com as quais a locutora opera revelam certa hesitação que a leva a produzir uma lista de lexemas – “coisa”, “ideia”, “extracurricular”, “auxiliar”, “formas”, “isso aí”, “expedientes”, “vídeo”, “material”, “DVD”, “recurso” e “ferramenta” – que podem vincular o processo de ajustamento das palavras ao processo de aceitação da própria prática de ensino/aprendizagem aqui discutida. Nessa lista de vocábulos e expressões produzida pela locutora, podemos notar que há oscilações na denominação do objeto. É como se ela procurasse os termos que se ajustassem ao que tenta dizer sobre o referente e a situação.

É interessante percebermos como as palavras escolhidas podem indiciar o percurso que a locutora percorre ao construir o objeto de discurso. Contudo não podemos dizer que esse percurso seja linear, haja vista as flutuações manifestadas ao longo da entrevista. Há formas da ordem da rejeição, tais como “isso aí”, “coisa”, “extracurricular”, que podem deixar transparecer a não concordância com a introdução da teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem. Há as da ordem da indecisão, como “vídeo”, “DVD”, “material”, “expedientes”, que podem representar a transição entre a rejeição e a aceitação. Há também as palavras da ordem da aceitação, como “ideia”, “auxiliar”, “formas”, “recurso”, que podem evidenciar a adesão à inclusão de tal prática. E ainda da ordem da promoção, como “ferramenta”, que pode indiciar o impulso ao uso da teleaula no curso Normal Superior.

Essa tentativa de ajustamento possibilita o exame de como as RS atravessam os processos de referenciação. A oscilação da locutora por entre as ordens da rejeição, da indecisão, da aceitação e da promoção parece se sustentar na RS de ensino não presencial como algo estranho, esquisito, desconhecido, mais claramente percebido na escolha dos termos “coisa” e “isso aí”. O estado de confusão vivenciado pela professora S pode também se manifestar tanto na indecisão em nomear a teleaula, já que ela varia entre o uso de “DVD”, “vídeo” quanto na hesitação da forma como a concebe – “material”, “recurso”. Enfim, como se a não familiaridade com o ensino não presencial, acrescida da imposição da TA como instrumento de redução da carga horária dos professores, de fato contribuísse para que a professora S experienciasse esse estado de hesitação de quem, a princípio, rejeita mudanças, mas se dispõe a considerar as novas possibilidades que as mudanças podem trazer e depois

assume outra posição: “*eu até pretendo... mesmo que a faculdade venha a parar de trabalhar com esse material... eu pretendo trabalhar...*”. O modalizador “até”, nesse exemplo, tem valor de advérbio (de inclusão) e está sendo reforçado pelo advérbio “mesmo” e indica que o conteúdo do enunciado foi inteiramente assumido pela locutora.

É preciso, ainda, considerarmos as condições de produção do discurso. Ao discorrer sobre as condições de produção dos textos, Bronckart nos orienta sobre a situação de ação da linguagem, expressão que se refere às “propriedades dos mundos formais¹¹ (físico, social e subjetivo) que podem exercer influência sobre a produção textual” (2009, p. 91). Vale destacarmos que Bronckart fundamenta-se na teoria da atividade de Habermas, quando traz o conceito dos mundos formais representados.

Também cabe realçarmos a distinção que o autor faz entre situação de ação de linguagem externa e situação de linguagem interna. Aquela está associada à descrição das características dos mundos formais, realizada por uma comunidade de observadores, esta, à interiorização dessas características por um agente, ou seja, suas representações sobre esses mesmos mundos. Diríamos, então, dialogando com os mesmos aportes teóricos, que, quando em situação de interação face a face, os indivíduos acionam, interpretam, criam e recriam RS resultantes da relação que estabelecem com os mundos formais representados, com o seu mundo vivido e com a própria situação de interação em curso.

Para Bronckart, é a situação de ação interiorizada que realmente exerce influência sobre a produção de um texto empírico, pois é necessário que o agente mobilize, de dois lados diferentes, algumas de suas representações sobre os mundos para produzir um texto. De um lado, as representações são requeridas como contexto de produção textual, de outro, como conteúdo temático. Por contexto de produção entendemos “o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado” (BRONCKART, 2009, p. 93) e por conteúdo temático de um texto, “o conjunto de informações que nele são explicitamente apresentadas” (BRONCKART, 2009, p. 97).

Para analisar o contexto de produção de um texto, o autor determina que os fatores que exercem influência sobre sua forma sejam divididos em dois planos: o do mundo físico e o do mundo social e subjetivo. No plano do mundo físico, devemos levar em consideração o lugar de produção, o momento de produção, o locutor e o interlocutor. No plano do mundo sociosubjetivo, devemos considerar o lugar social, a posição social do locutor, a posição social do interlocutor e o objetivo da interação.

¹¹ Mundos formais são aqui compreendidos como “conjuntos de representações sociais que podem ser objeto de uma descrição *a priori*.”

Tendo em vista os aspectos observados, voltamo-nos aos exemplos de número 6 a 12. Primeiro, consideremos o plano do mundo físico. O lugar em que o texto foi produzido foi a residência da professora S. O momento em que foi produzido foi aproximadamente às quatro horas da tarde, com cerca de uma hora de duração. A locutora é a professora S e a interlocutora, a pesquisadora. Em segundo, o plano do mundo sociosubjetivo. O texto foi produzido no quadro de uma interação formal, pois se tratava de uma entrevista para uma pesquisa acadêmica. A locutora desempenha os papéis sociais de professora e colega¹². A interlocutora desempenha os papéis sociais de pesquisadora, professora e colega. Aqui, cabe ressaltar ainda os papéis comunicativos de entrevistada e entrevistadora, que podem interferir ou não na interlocução, já que a introdução de perguntas, o modo de lidar com respostas que desviem o assunto e a possibilidade de novos questionamentos que instiguem a entrevistada a aprofundar o assunto são de responsabilidade da entrevistadora. Também precisamos considerar o efeito que a locutora pode produzir na interlocutora de fazê-la compreender o que a levou a modificar sua posição sobre o uso da teleaula no curso Normal Superior.

Dessa forma, pretendemos analisar como a introdução e a retomada de referentes podem estar ligadas à mudança de pontos de vista da locutora devido à sua necessidade de nomear o objeto em questão em uma situação nova. Ao passar de uma escolha a outra, a locutora faz uma recategorização adequada ao processo de ajustamento das palavras ao contexto em que o objeto é negociado, é coconstruído. De certa forma, o objeto se transforma, se modifica conforme a variação contextual. Portanto, reconhecemos que o sujeito não só constrói, intersubjetivamente, os objetos de discursos, ele os transforma a partir dos contextos de interação.

2.4 Representações sociais e *ethos* discursivo

Acreditamos ser também relevante verificar como o *ethos* – a imagem que um locutor elabora de si, no e através do discurso (AMOSSY, 2005), pode ser também outra via de entrada para investigarmos as RS, visto que a imagem que o locutor constrói de si é atravessada por RS que se engendram em seu discurso. Salientamos que podemos flagrar na materialidade linguística marcas deixadas pelo locutor ao subjetivar-se, marcas da construção de uma imagem que pretende compartilhar com seu interlocutor.

¹² Vale explicitar que a relação entre locutora e interlocutora era de coleguismo de trabalho, fato que acreditamos não chegar a influenciar a coleta de dados, uma vez que a Professora S, em momento algum, apresentou receio durante a coleta de dados e a análise; pelo contrário, demonstrava-se ansiosa para ler a dissertação para a qual colaborou.

Para Amossy, “a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão” (2005, p. 17), para nós, a imagem pode ainda conferir credibilidade ao que é declarado pelo locutor e pode ainda sofrer investidas advindas de trocas interacionais, sendo passíveis de sofrerem modificações a partir de RS.

Dessa forma, sabemos que a materialidade linguística das entrevistas que integram o *corpus* desse estudo torna possível fazer o levantamento de algumas imagens de si construídas pela professora S e verificar se elas de fato são estimuladas por RS que atravessam seu discurso. É importante relacionarmos a construção da imagem com suas escolhas lexicais, pois é possível que o locutor crie uma imagem, no âmbito discursivo, diferente de suas características pessoais ou, ainda, que mude sua imagem a partir de uma RS. Os quadros abaixo mostram, a partir de marcas de subjetividade, a imagem que a locutora, professora S, faz de si.

Quadro 8 - Entrevista com a professora S

Exemplo 15
P: é possível perceber diferenças teórico-conceituais entre a abordagem da teleaula e a sua? fale um pouco sobre isso
S: ... olha... diferença... não... o que acontece... é que... as teleaulas, elas têm assim uma abordagem muito para o lado da linguística... e é um lado que eu domino bastante... que eu até gosto... então eu não tenho assim uma DIFERENÇA teórico-conceitual... não... até porque as teorias deles são todas válidas... os conceitos... principalmente voltando aí pra área da linguística... então eu... nós eh completamos aí perfeitamente sem nenhum problema... eu vejo... inclusive... eh... o uso até da minha especialização pra essas teleaulas... porque a abordagem dele é muito voltada pra tipos de textos... tipos de leitura... eh... linguagem oral... né... linguagem escrita... variação linguística... eh... e isso não era abordado anteriormente... eh... quando nós formulávamos a apostila... era era abordado... mas não de maneira tão profunda quanto ele aborda agora... a gente ficava só na superfície... até porque o curso normal superior a nossa preocupação maior é formar o profissional... nós não estudamos aqui... o português que nós trabalhamos com eles é o português básico... e eu percebo que o... na teleaula aprofunda bastante esse aspecto aí... mas não vejo assim... diferença não... eu até gosto muito dele e... quando todos os meus colegas se viraram contra a teleaula... não contra a teleaula... eu era contra a teleaula... mas o CONTEÚDO... eu gostei do conteúdo que veio

Fonte: elaborada pelo autor

Possivelmente, nesse exemplo, a locutora tenta construir sua imagem como a de uma professora que domina a linguística: “as teleaulas, elas têm assim uma abordagem muito para o lado da linguística... e é um lado que eu domino bastante”. Podemos notar a influência dos papéis sociais e comunicativos em um jogo de imagens proporcionado nessa situação de interação, pois, como assinalamos anteriormente, são duas professoras, colegas de trabalho, uma em posição de entrevistadora e outra, de entrevistada: a entrevistada pretende projetar a

imagem de uma linguista já experiente (pois já era licenciada em Letras há trinta e três anos e especialista em Língua Falada e Ensino do Português há dez anos, atuando nas disciplinas mais ligadas ao ensino de Língua Portuguesa e tendo sido orientada em seu trabalho de conclusão de curso pela mesma orientadora da entrevistadora), em oposição com a imagem que ela tem da entrevistadora, uma linguista em formação (apesar de ser licenciada em Letras há dezessete anos, era especialista em Literatura Brasileira e atuava, nas graduações, principalmente, à frente das disciplinas relacionadas às Literaturas). Logo em seguida, o uso da oração “que eu até gosto” é bem interessante, pois o modalizador “até” deixa evidente justamente uma posição contrária à imagem que ela pretende construir. Há outra frase que ilustra essa oposição – “até porque as teorias deles são todas válidas...” – atente-se para a anáfora indireta “deles”, que pode sugerir uma relação de não pertencimento ao grupo de linguistas, como se houvesse uma distância significativa entre eles, os teóricos e ela, a professora. Essa distância também parece estar marcada em outro trecho – “na teleaula aprofunda bastante esse aspecto aí” – mais uma vez a opção por um pronome anafórico, “esse”, reforçado pelo dêitico “aí” contribuem para embaçar a imagem de uma pretensa linguista. Dito de outro modo, pode-se supor que a locutora acredita estar construindo a imagem de uma linguista, contudo a materialidade linguística apaga essa imagem, visto que fica nítido seu esforço para parecer uma linguista convicta.

Ainda convém lembrar que há duas RS de professor de língua materna que atravessam seu discurso – o linguista e o tradicionalista, mais claramente percebidos no trecho “a abordagem dele é muito voltada pra tipos de textos... tipos de leitura... eh... linguagem oral... né... linguagem escrita... variação linguística... eh... e isso não era abordado anteriormente...”. Sendo assim, podemos notar que as RS de professor de língua materna de fato influenciam a imagem que ela pretende construir de si. Vejamos o seguinte exemplo.

Quadro 9 - Entrevista com a professora S

Exemplo 16	
P:	você já percebeu mudanças na sua reação?
S:	já... já... até em termos assim de ler mais... eu leio muito... eu gosto muito de ler... né... lógico o professor de português falar que não gosta de ler não tem como... mas eu tenho estudado MUITO... principalmente o meu material lá do PREPES que tem me dado uma bagagem muito boa pra acompanhar essas aulas dele... tá, eh... eu já coloquei assim... no meu material de preparar a aula do dia-a-dia... eu tenho procurado estudar coisas novas e é interessante que hoje... por exemplo... quando eu vejo alguma coisa... às vezes quando eu v... quando ele fala... cita alguma coisa... que eu vou procurar... eu já tinha esse material... eu já tinha estudado... um exemplo disso é um livro da Mary Kato que fala nele... “O aprendizado da leitura”... eu achei assim fantástico... aí... resultado... quando eu mexendo ali no meu material do PREPES... já tinha algum comentário sobre esse livro da Mary Kato... inclusive

na... na bibliografia lá... tinha a presença desse livro... era coisa que eu já tinha e ainda não tinha estudado... não tinha precisado... então essa... **essa mudança assim... esse crescimento eu tenho percebido comigo... porque... pra acompanhá-lo... eu estou tendo... também... que me atualizar bastante**

Fonte: elaborada pelo autor

Nesse segmento podemos examinar como a locutora empreende ações no intuito de criar para si uma imagem de uma professora estudiosa, que lê muito, atualizada: “eu gosto muito de ler”, “eu tenho estudado muito”, “eu tenho procurado estudar coisas novas”. Repare-se a recorrência ao uso do pronome pessoal reto seguidamente empregado na primeira pessoa do singular, aliado ao emprego de verbos na voz ativa, também usados na primeira pessoa do singular. Isso mostra que a imagem que ela, de fato, intenciona elaborar é a de alguém que está buscando não ficar para trás, que parece estar preocupado em não perder seu lugar ou quem sabe até mesmo seu emprego: “essa mudança assim, esse crescimento eu tenho percebido comigo, porque, pra acompanhá-lo... eu estou tendo, também, que me atualizar bastante”. Pode-se interpretar, no caso em questão, que é como se a teleaula constituísse, aos olhos da professora, uma ameaça futura à sua segurança no cargo. Dessa forma, pode-se perceber, nesse exemplo, tanto a influência da RS de teleaula como a da RS de professor como aquele que deve estar sempre atualizado na construção da imagem de uma professora estudiosa, atualizada.

Sobre isso, cabe destacar, como base em Amossy, que “a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso é modelada pelas representações sociais que ele julga partilhadas por cada uma das frações de seu público” (2005, p. 133-134).

Para finalizar, vale reiterar que é dessa perspectiva que acreditamos poder entender por que o fenômeno das RS atravessa os grupos sociais e marca as diversas negociações intersubjetivas vivenciadas nas diferentes práticas sociais de uso da linguagem. Levando-se em consideração as discussões tecidas sobre mecanismos enunciativos, recursos de referenciação e manifestações de *ethos*, sob um ponto de vista que privilegia os aspectos da ordem interacional, percebemos que é essencial examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando-se as representações sociais de professor, aluno, aula e ensino subjacentes aos posicionamentos flagrados.

3 A PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO

O presente capítulo objetiva expor os métodos, técnicas e instrumentos que empregamos para obter dados analisáveis sobre a adoção da teleaula em práticas de ensino de língua materna tendo em vista a percepção dos agentes envolvidos – a professora S¹³, professora de Língua Portuguesa I, e algumas alunas do primeiro período do curso Normal Superior – sobre esse recurso. Além disso, visa também justificar as categorias que assumimos para realizar a análise dos dados obtidos.

Iniciamos essa investigação pela revisão bibliográfica a fim de construirmos o norte teórico da pesquisa a partir de consulta à bibliografia disponível. Essa etapa é essencial para nos ajudar a ter uma melhor percepção sobre nosso objeto de estudo, o que implica estudo sobre a teleaula usada no curso pesquisado, bem como, mais tarde, após uma primeira incursão nos dados coletados conforme descrição a seguir, investimento em leituras sobre a noção de representação social, sobre recursos de referenciação, mecanismos enunciativos e *ethos* discursivo numa perspectiva interacionista.

A etapa seguinte consiste na organização de roteiros que possam nos orientar na elaboração de perguntas a serem usadas nas entrevistas¹⁴. De acordo com Flick (2009), além da observação participante, as entrevistas também têm um desempenho importante nas pesquisas de campo de base etnográfica. Nosso interesse pela entrevista deve-se ao fato de crermos que “sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre entrevistado e entrevistador, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores...” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.189). Compreendemos “contato mais íntimo” como a possibilidade do surgimento de um forte vínculo entre entrevistado e entrevistador, como uma estratégia muito útil tanto para a coleta quanto para a geração de dados. E como nosso objetivo é examinar como os agentes envolvidos nessa pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, vimos nas entrevistas um instrumento que nos levaria a coletar dados para a observação das representações sociais de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados nas respostas dos sujeitos da pesquisa.

A próxima etapa trata da preparação para a gravação em vídeo de aula presencial em que professora e alunas assistem juntas à teleaula, retomando-a em seguida. Flick (2009, p.

¹³ A inicial que identifica a professora pesquisada é uma forma de referência fictícia, devido ao caráter confidencial dos registros.

¹⁴ Os questionários para entrevistar a professora S e as alunas do 1º período Normal Superior constituem os APÊNDICES A e B.

203) destaca que “as práticas apenas podem ser acessadas por meio da observação, uma vez que as entrevistas e as narrativas somente tornam acessíveis os relatos das práticas e não as práticas” e nossa opção pela observação participante justifica-se na possibilidade de observar *in loco* as interações entre os sujeitos envolvidos. Acreditamos ainda que a observação participante é um instrumento muito útil, pois nos permitirá checar se o que dizem os sujeitos investigados sobre a forma como agem está de acordo com a maneira como agem. Ao documentar a situação e as pessoas observadas, não podemos afirmar que não perdemos nada, pois a observação participante depara-se “com o problema da limitada perspectiva observacional do observador, uma vez que nem todos os aspectos de uma situação podem ser compreendidos (e anotados) ao mesmo tempo.” (FLICK, 2009, p. 208). Assim, para obtermos elevado nível de detalhes, julgamos melhor fazer o registro de notas logo após a gravação e estendendo-o até a conclusão do estudo. Esse processo de documentação de dados envolve, portanto, três momentos: a gravação, a escrita de anotações adicionais e a transcrição da gravação. Flick (2009) pontua que a consolidação desses três momentos permite a transformação de interessantes realidades em texto. E esse texto é de grande importância porque propicia que o olhar do pesquisador tenha uma abertura maior para direcionar suas interpretações.

Realizada a gravação, passamos a planejar a etapa seguinte: uma autoconfrontação com a professora. Decidimos realizar a autoconfrontação¹⁵, aqui vista como um eficaz procedimento metodológico proposto por Faïta (2005) para compor a geração de dados, por provocar uma situação em que a professora, sujeito da pesquisa, assista à sua aula gravada em vídeo e seja levada a refletir sobre o evento e suas ações. Como a autoconfrontação é “um método centrado numa perspectiva reflexiva, uma vez que se propõe ao trabalhador um exercício de reflexão sobre aquela que é a actividade habitual de trabalho” (CUNHA; MATA; CORREIA, 2006, p. 26), nosso papel é fazer com que a professora volte o olhar para si mesma, pois o foco está no seu olhar sobre sua atividade, e o que mais nos interessa é a sua percepção sobre o uso da teleaula em sua ação docente. Esse método nos possibilita selecionarmos algumas cenas da gravação da aula em que a professora S assiste a uma teleaula, juntamente com as alunas do 1º período do curso Normal Superior, e depois a retoma, para serem assistidas pela professora S e pela pesquisadora, com a intenção de provocarmos comentários que evidenciem como o sujeito percebe suas ações nessa prática que é alvo de nosso estudo. Não se trata de simplesmente apresentar o vídeo à professora, mas

¹⁵ O roteiro de perguntas para realização da autoconfrontação com a professora S constitui o APÊNDICE C.

de ir além das imagens, de modo que a professora seja estimulada a significar suas opções por determinados procedimentos assumidos durante a aula gravada.

Finalmente, a etapa em que nos dedicamos à análise dos dados. Definimos como método de análise a avaliação por triangulação de dados, pois buscamos realizar uma abordagem que nos possibilite uma interpretação que articule “a dimensão teórica e os dados empíricos; os textos e os contextos; as questões, os pressupostos, os objetivos e os dados” (MINAYO *et al.*, 2005, p. 207). Nessa perspectiva, adotamos a avaliação por triangulação de dados devido à nossa intenção de combinarmos e cruzarmos os pontos de vista da professora e das alunas que emergem dos dados recolhidos pelas entrevistas, pela gravação em vídeo da aula presencial em que a professora assiste e retoma a teleaula com a turma, bem como pela sessão de autoconfrontação com a professora, procedimentos realizados ao longo do trabalho de investigação.

Desde o início da geração de dados percebemos a relevância de duas dimensões teóricas muito proveitosas para esse estudo: os recursos de referenciação e os mecanismos enunciativos que nos permitem flagrar posicionamentos imbricados no modo de dizer que se denuncia nos discursos da professora S e das alunas participantes da pesquisa. O exame dos recursos de referenciação fornece elementos que nos permitem rastrear nos dados gerados a construção do objeto de discurso teleaula, entreabrindo investidas nas RS que atravessam o discurso das participantes. Já através dos mecanismos enunciativos é possível explorar os posicionamentos enunciativos, ocupando-nos da distribuição de vozes e da marcação de modalizações que emergem da materialidade linguística dos dados. É também relevante verificar como o *ethos* pode ser também outra via de entrada para investigarmos as RS, visto que a imagem que o locutor constrói de si é atravessada por RS que se engendram em seu discurso. Cabe ressaltar que essas dimensões não são tomadas isoladamente, uma vez que se complementam e se adequam ao nosso propósito de promover sua interseção com a TRS.

A princípio, realizamos uma análise vertical dos dados recolhidos nas entrevistas, na gravação da aula e na sessão de autoconfrontação, a fim de efetuarmos um primeiro recorte dos conteúdos. Organizamos o material analisado conforme os posicionamentos assumidos: rejeição, aceitação e promoção da teleaula. Em seguida, realizamos uma análise horizontal, buscando identificar marcas linguísticas que nos forneçam elementos de análise que confirmem os posicionamentos assumidos, a fim de enquadrá-las nas dimensões anteriormente estabelecidas. Depois relacionamos todos esses dados para realizar a triangulação, uma vez que assumimos que a pesquisa se torna “mais produtiva se diversas

abordagens teóricas forem utilizadas, ou ao menos consideradas, para a combinação dos métodos” (FLICK, 2009, p. 32).

Nesse plano, optamos por uma pesquisa de base social etnográfica qualitativa. A etnografia “é um modo de investigar naturalista, baseado na observação, descritivo, contextual, aberto e profundo” (EISMAN *et al.*, 1997 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2008a, p. 112). Acreditamos que a abordagem etnográfica, por nos conduzir ao campo observado, ao espaço de atuação da professora com a teleaula, à sala de aula como espaço de ensino/aprendizagem, permite-nos olhar mais de perto como o grupo constituído pela professora e pelas alunas reage diante da introdução da teleaula e como esse grupo representa o universo pesquisado.

Em virtude disto, também consideramos a pesquisa de caráter qualitativo. Segundo Flick (2009, p. 23):

“Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.”

Dessa forma, o objeto de estudo, representado dentro de seu contexto, é primordial para a escolha dos métodos. Como nosso campo de estudo envolve práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana, não necessariamente precisamos seguir padrões rígidos, mas sim nosso senso de pesquisadora/questionadora, que deve estar aguçado diante da necessidade de se examinar atentamente o contexto social em que a pesquisa se desenvolve.

Não significa isso que estabelecemos uma separação entre práticas científicas e práticas sociais. Reconhecemos que ambas têm suas particularidades, mas consideramos necessária uma aproximação entre elas, pois compartilhamos com Spink e Menegon (2000) o pensamento de que a pesquisa científica, além de prática reflexiva e crítica, é também prática social. Isso porque a pesquisa científica tornou-se uma atividade que não é mais exclusividade da comunidade acadêmica; pelo contrário, como mostram Booth *et al.* (2000, p. 325), “a pesquisa acha-se agora no centro da indústria, do comércio, do governo, da educação, da saúde, das operações militares, até mesmo do entretenimento e da religião”. A presença dessa atividade nos mais variados setores de nossa sociedade reforça essa discussão, pois nos permite ressignificar os pressupostos metodológicos da pesquisa científica.

Convém ressaltar que não nos afinamos com a dicotomia entre métodos qualitativos e quantitativos por assumirmos uma postura epistemológica construcionista. Concebemos como

construcionismo uma teoria do conhecimento cujo foco reside na compreensão de que “os termos em que o mundo é compreendido são artefatos sociais, produtos das trocas historicamente situadas entre as pessoas” (GERGEN, 1985 *apud* SPINK; MENEGON, 2000, p. 76). Essa noção nos é cara por nos possibilitar uma aproximação entre construcionismo e Interacionismo Sociodiscursivo, visto que ambos não defendem a existência de uma realidade *a priori*, pois consideram as dimensões sociais, históricas e culturais da construção do conhecimento. Assim, ao adotarmos uma abordagem qualitativa, estamos considerando a existência de uma relação dinâmica, mediada pela linguagem, entre mundo social, sujeito e objeto.

Após definido o alinhamento epistemológico, passamos a refletir sobre a escolha do método. Como já assinalamos, pretendemos empregar a estratégia da triangulação, compreendida aqui como “a combinação e o cruzamento de múltiplos pontos de vista; a visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO *et al.*, 2005, p. 29). Em outras palavras, trabalharemos com a triangulação de dados recolhidos das entrevistas, da gravação em vídeo da aula presencial em que a professora assiste e retoma a teleaula com a turma, bem como da sessão de autoconfrontação com a professora, pois julgamos apropriado variar a forma de gerar e coletar dados para o fenômeno investigado, visto que essa estratégia contribui para atender os objetivos que desejamos alcançar.

3.1 As participantes da pesquisa

Como já explicitado anteriormente, as participantes dessa pesquisa são uma professora de Língua Portuguesa do curso de graduação Normal Superior de uma instituição universitária particular de Minas Gerais e estudantes do primeiro período desse curso. Escolhemos esse público devido ao fato de a professora ser a única docente a prontificar-se ao uso da teleaula no referido curso (ela é a única a usá-la deliberadamente, enquanto os demais só a usam de modo involuntário) e também pela aceitação da turma por vivenciar a experiência com esse recurso de ensino.

Por trabalharmos na instituição em foco, o acesso à professora e às estudantes ocorre sem dificuldades, o que torna proveitosa a coleta e a geração de dados. Em contrapartida, não obtivemos acesso ao discurso da coordenadora do curso e ao do diretor da IES. Salientamos que, apesar de a pesquisadora também trabalhar com esse curso, não leciona para essa turma; ela leciona duas disciplinas no referido curso: Fundamentos e Metodologia do Ensino da

Língua Portuguesa no quarto período e Literatura Infantojuvenil no quinto período. Cabe esclarecer que a pesquisadora vivenciou os mesmos dilemas que os demais docentes revelaram em relação à adoção da teleaula, assumindo, igualmente, uma posição contrária à sua adoção, porém não foram produzidos DVDs para teleaula de Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, e a disciplina Literatura Infantojuvenil não integrava a relação das disciplinas que usariam a teleaula.

Feito o convite à professora, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁶. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizessem necessários. A professora prefere levar o documento consigo, para examiná-lo em casa, antes de assiná-lo. Após a leitura atenta, ela o devolve assinado.

Quando convidamos o primeiro período para participar da gravação em vídeo da aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula, explicamos que também haveria uma entrevista, porém com um número limitado de alunas, não a turma toda. Em seguida apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁷, explicando que sua participação seria voluntária e sigilosa. Entregamos o documento às alunas, para que lessem com atenção em casa e solicitamos à professora participante que os recolhesse em sua próxima aula e nos entregasse devidamente assinados.

A professora mostra-se solícita e reforça junto às alunas a importância da participação de todas na pesquisa, uma vez que também lhe interessa, mesmo que indiretamente, a análise dos resultados sobre o uso da teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem de língua materna. As alunas, apesar de parecerem envergonhadas a princípio, também se prontificam a participar da pesquisa.

3.1.1 A professora S

A professora S possui vasta experiência na rede pública de ensino, tendo também atuado como inspetora escolar. Ela é licenciada em Letras há trinta e três anos, e também licenciada em Pedagogia, com habilitação em Inspeção e Supervisão, há vinte e sete anos. Realizou a especialização em Planejamento Educacional há dezoito anos e há dez anos especializou-se em Língua Falada e Ensino do Português. Há sete anos é professora universitária e há quatro atua na instituição em que a pesquisa foi realizada. Sua experiência como professora universitária está diretamente ligada ao ensino da língua materna, uma vez

¹⁶ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores constitui o ANEXO A.

¹⁷ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para alunos constitui o ANEXO B.

que leciona Língua Portuguesa, Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura Infantojuvenil, sendo Língua Portuguesa a disciplina com que mais trabalha.

3.1.2 O primeiro período do curso Normal Superior

Seis estudantes participaram da pesquisa, alunas do primeiro período, que iniciaram o curso Normal Superior no segundo semestre de 2008. O curso Normal Superior destina-se à formação de professores para a Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Conforme algumas alunas nos relatam durante as entrevistas, ao se inscreverem para o vestibular, estavam certas de que o curso seria presencial, não havendo nenhuma informação sobre teleaula. Ao se matricularem, segundo elas, matricularam-se em um curso presencial. A turma inicia o semestre com cinquenta e cinco alunos e termina com trinta e um. Não é comum a saída de um número tão elevado de alunos logo no começo do curso. Um dos motivos da evasão é a migração para o ensino a distância; outro motivo é o assédio de uma concorrente direta que além de lançar o curso na modalidade presencial, ofereceu outras vantagens, tais como a isenção da taxa de matrícula e a redução no valor das mensalidades; cabe dizer que essa concorrente é uma das mais tradicionais e renomadas da cidade mineira em que os dados foram coletados.

O primeiro período é uma turma bastante heterogênea: algumas alunas já atuam como professoras, outras trabalham no comércio e algumas não possuem nenhuma experiência profissional. Algumas acabaram de concluir o ensino médio, outras estão fora da escola há alguns anos. Junte-se a isso o fato de algumas alunas residirem em municípios vizinhos. Tendo em vista nossa experiência de trabalho com o curso, podemos afirmar que esse primeiro período é uma típica turma do curso Normal Superior.

3.2 A teleaula

O modelo de teleaula adotado na instituição pesquisada é uma combinação de dois recursos didáticos – vídeo e apostila –, a serem usados pelo professor de cada disciplina. As teleaulas não são gravadas por professores da instituição em foco, e sim são gravadas em estúdios por professores especialmente contratados para isso, segundo informação obtida do diretor da instituição de ensino em conversa com o corpo docente do qual a pesquisadora faz parte. Esses vídeos, gravados em DVD, têm duração aproximada de vinte e cinco a trinta

minutos e introduzem os conteúdos a serem abordados na teleaula do dia. As apostilas, organizadas e numeradas conforme os vídeos, constituem uma coletânea de textos e atividades da disciplina Língua Portuguesa bem como das demais disciplinas que constam da grade curricular do período.

A proposta é de que os alunos, sem a presença do professor, assistam aos vídeos na própria sala de aula, façam a leitura dos textos da apostila, troquem impressões sobre o tema e realizem exercícios para melhor compreensão e aplicação do tema trabalhado. A aula ministrada pelo professor presencial ocorre em horário distinto da teleaula, para que ele possa dar continuidade aos assuntos apresentados no vídeo e na apostila, corrigindo os exercícios e buscando responder às indagações dos alunos.

Para o primeiro período do Curso Normal Superior são disponibilizados oito DVDs¹⁸, em cada um são gravadas três teleaulas, totalizando vinte e quatro teleaulas de Língua Portuguesa I. Acompanham os DVDs três apostilas¹⁹. Pode-se afirmar que a primeira apostila é uma coletânea organizada a partir das disciplinas estudadas no referido período – Língua Portuguesa I, Matemática I, História do Brasil I, Metodologia do Trabalho Científico I, História da Educação, Educação e Sociedade e Filosofia da Educação.

Apresentamos, a seguir, trecho da apostila 1 de Língua Portuguesa I que acompanha os DVDs com as teleaulas a serem assistidas pelo primeiro período do curso Normal Superior.

Quadro 10 - Apostila 1 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 1

[...] a **época atual**, caracterizada como sociedade do conhecimento, impõe às **organizações modernas** o enfrentamento de **ambientes especialmente dinâmicos, eficientes e inovadores** o que demanda **novas estratégias** para construção do conhecimento. Dentro dessa visão, a XYZ²⁰ inova e aderindo a essa **nova realidade em sala de aula** implanta no curso Normal Superior uma **nova modalidade de ensino**, o modelo bimodal, composto por aulas tradicionais, com a presença física do professor em sala de aula, e as teleaulas, que consistem em aulas gravadas transmitidas via TV, embasadas em **propostas pedagógicas inovadoras e eficientes**.

Fonte: elaborada pelo autor

O exemplo acima nos mostra que essa primeira apostila exhibe uma apresentação, cujo objetivo é prestar esclarecimentos aos alunos sobre a adoção e o funcionamento da teleaula no curso Normal Superior. Vale observarmos a escolha de determinados termos, como *época*

¹⁸ Não obtivemos esclarecimentos sobre os DVDs correspondentes às teleaulas de número 25 ao número 40. À professora S foram disponibilizadas apenas as 24 primeiras teleaulas.

¹⁹ Convém esclarecermos que o uso da apostila não será tomado como objeto de análise.

²⁰ A forma de referência é fictícia, a fim de resguardarmos o nome da instituição em foco.

atual, organizações modernas, ambientes especialmente dinâmicos, eficientes e inovadores, novas estratégias, nova realidade em sala de aula, nova modalidade de ensino e propostas pedagógicas inovadoras e eficientes marca o discurso da instituição em foco e evidencia sua estratégia de articular o uso da teleaula ao discurso da inovação, da modernidade e da eficiência. Tal escolha nos permite inferir que o produto oferecido – a teleaula – “ao cliente” – o aluno – tem valor de compra – credibilidade. Com a disseminação de instituições de ensino particular nas cidades do interior, surge não só a necessidade de atrair novos alunos como garantir a permanência desses alunos. Sabemos que é grande a evasão no ensino superior e as instituições particulares têm buscado estratégias oriundas da área de Administração de Empresas tanto para evitar a evasão quanto para garantir sua manutenção, sua subsistência. Surge daí a associação do aluno ao cliente que precisa ser seduzido e da teleaula com o produto que precisa ser vendido.

Devemos acrescentar ainda que essa apostila é constituída por textos que são trabalhados nas teleaulas de número 1 ao número 12 de Língua Portuguesa I, isto é, os textos que são lidos, discutidos, explicados pelo professor da teleaula são também reproduzidos na apostila. Verificamos que a primeira apostila do primeiro período não disponibiliza a realização de atividades, ela reproduz somente os textos usados para a explicação do conteúdo de cada aula específica.

A segunda apostila compreende apenas as disciplinas Língua Portuguesa I, História do Brasil I e Educação e Sociedade. É constituída por textos e atividades que são trabalhados nas teleaulas de número 13 ao número 25 de Língua Portuguesa I. A terceira apostila também contém somente as disciplinas Língua Portuguesa I, História do Brasil I e Educação e Sociedade. É constituída por textos e atividades que são trabalhados nas teleaulas de número 27 ao número 40 de Língua Portuguesa I. Após examinar vários exemplares da terceira apostila, foi possível perceber que nenhuma delas apresentava a teleaula de número 26.

O primeiro DVD de Língua Portuguesa I inicia-se com a apresentação de um *menu*, que indica o nome da disciplina – **Português I** – (diferente da capa do DVD, onde consta **Língua Portuguesa I**) e disponibiliza três opções de aula para serem assistidas – **Aula 1**, **Aula 2**, **Aula 3**. O pano de fundo dessa tela inicial tem o azul claro como cor predominante e a sigla da instituição à esquerda, disposta na posição vertical, ligeiramente inclinada na diagonal. Após selecionarmos a opção “Aula 1”, ao som de uma forte música instrumental, a logomarca da instituição pesquisada surge ao centro da tela. Em seguida, ao som de um instrumental mais suave, o logotipo das teleaulas é focalizado e, em menor destaque, são mostrados a logomarca e o nome completo da instituição. A próxima tomada apresenta, ao

centro, o nome da disciplina – **Português I** (mais uma vez em dissonância) – e, abaixo, a aula gravada – **Aula 1**. A música é finalizada, retorna a tela com a sigla da instituição como pano de fundo da cena e a palavra **Introdução** surge, em amarelo, ao centro.

Essa **Introdução** que inicia a aula tem a duração aproximada de nove minutos. Nela o professor discute a ineficiência do ensino da língua portuguesa centrado no ensino da gramática normativa e mostra a necessidade de estruturá-lo a partir do paradigma da leitura, interpretação e produção de textos. Vejamos como se dá a abertura da teleaula²¹:

Quadro 11 - Teleaula número 1 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 2

PT1: **olá...** vamos dar início ao nosso curso de língua portuguesa fazendo algumas considerações iniciais sobre o estudo dessa disciplina desenvolvido até então no Brasil... é inegável que historicamente o ensino de língua portuguesa não tem se mostrado... não tem se revelado eficiente... haja vista o resultado que o Brasil tem alcançado em programas... eh... do Banco Mundial... como o Pisa... por exemplo... programa que visa medir exclusivamente a capacidade do aluno de LER... compreender aquilo que leu... interpretar... portanto... e redigir com clareza e eficiência... esses resultados não têm sido satisfatórios...

Fonte: elaborada pelo autor

É interessante destacarmos o modo como se dá o “início da aula”, pois foge ao formato convencional de abertura de um primeiro contato (tradicional) com os alunos: não há, por exemplo, a apresentação do professor. Ele usa a interjeição *olá* para saudar rapidamente os alunos e já vai direto ao início das considerações sobre o estudo dessa disciplina. Após assistir aos demais DVDs, pode-se dizer que o emprego dessa interjeição marca o início de cada teleaula, como um hábito de praxe, até mesmo quando outro professor passa a apresentá-la, mais adiante.

Podemos observar, ao assistir à teleaula, que os olhos desse professor não se dirigem diretamente para os interlocutores; seus olhos parecem buscar, em diversas ocasiões, um ponto fixo, o que nos leva a cogitar a possibilidade de que ele esteja lendo o texto que profere. Observamos também que o ambiente criado ao seu redor em nada se parece com uma sala de aula e sim com um cenário, como o fundo de um cenário de um telejornal. Fazemos essa

²¹ Na transcrição das teleaulas, foram usadas as seguintes convenções:

... para qualquer pausa;

MAIÚSCULAS, para entoação enfática;

(?) para interrogação;

(PT) para professor da teleaula;

(1) ordem de apresentação na teleaula;

(S) para professora do curso Normal Superior;

() incompreensão de palavras ou segmentos;

::) para prolongamento de vogal e consoante;

(...) para indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.

comparação porque um dos elementos que caracterizam a sala de aula é a presença do quadro negro, hoje praticamente substituído pelo quadro branco. Geralmente o quadro localiza-se na frente da sala, às costas do professor. Na teleaula, no lugar do quadro, há um fundo, uma decoração cênica, como nos estúdios fotográficos, contendo o logotipo das teleaulas e, em menor destaque, a logomarca e o nome completo da instituição.

E nessa perspectiva, o professor da teleaula parece estar sentado sobre um banco, pois quase não se movimenta (sua mão esquerda move-se o tempo todo, ao contrário da direita, que quase não aparece; é como se ele a usasse para segurar-se no banco). Logo no início da quarta teleaula temos a confirmação, pois o modo como se ajeita, como se acomoda e depois se aquieta, evidencia que ele realmente está sentado sobre um banco. Geralmente os professores não ficam nessa posição quase inerte em sala de aula presencial; pelo contrário, caminham de um lado para outro, vão ao quadro e usam as duas mãos ao gesticularem. Essa postura parada do interlocutor assemelha-se à dos apresentadores de telejornais, que ficam sentados lendo um *teleprompter*. A troca do quadro por essa decoração cênica e ainda a imobilidade do professor contribuem para que associemos as teleaulas aos telejornais.

Ao final da primeira teleaula, o professor faz uma breve recapitulação do conteúdo trabalhado e informa aos alunos o que será visto no dia seguinte. A aula é encerrada com uma breve saudação de despedida – “Até amanhã!”. Em seguida, ao som de outra música instrumental, a tela volta a apresentar a logomarca e a sigla da instituição em foco.

As doze primeiras teleaulas do 1º período são ministradas por um mesmo professor, seguindo, de modo geral, o padrão descrito há pouco. É interessante apontarmos que o conteúdo temático da décima primeira teleaula – Funções da linguagem – é continuado até a décima quarta; porém, na décima terceira, um novo professor está incumbido de ministrá-la. Apesar de o mesmo padrão de gravação ser mantido, há uma diferença – o nome completo do novo professor surge na parte inferior da tela, com um fundo azul, logo no minuto inicial, momento em que, após saudar rapidamente os alunos, ele faz uma breve recapitulação do que foi visto na teleaula anterior e dá continuidade à explanação do conteúdo.

Ao nos concentrarmos no segundo professor que ministra a teleaula, notamos que os movimentos faciais, principalmente dos olhos e das sobrancelhas, algumas pausas fora de sintonia com o discurso que está sendo produzido e o engasgo ao pronunciar determinadas palavras nos possibilitam a confirmação de que o professor realmente lê o que fala, ou seja, sua aula expositiva não tem um discurso espontâneo; pelo contrário, é previamente determinada, estabelecida, programada. Não estamos aqui nos referindo ao planejamento da aula, etapa que antecede a aula em si, mas à elaboração, à produção de um texto que será lido

por esse professor durante a gravação da teleaula, tal como um discurso previamente redigido para que um político/candidato o leia em um programa eleitoral. Além disso, ao final dessa décima terceira aula, ele não faz uma recapitulação do conteúdo trabalhado, apenas a divulgação do que será estudado na próxima teleaula. No encerramento dessa aula, o professor despede-se da turma, saudando os alunos com a seguinte expressão: “Um abraço e até lá!”. Assim é possível confirmarmos que os dois professores responsáveis pela apresentação das teleaulas mantêm certo padrão ao seguirem a estrutura: saudação inicial, uma rápida revisão do que foi estudado na aula anterior, exposição do conteúdo e saudação final.

Como acompanhamos a caminhada dessa turma, também se faz necessário descrever os DVDs e apostilas de Língua Portuguesa II que foram usados durante o semestre em que a turma tornou-se o segundo período do curso Normal Superior. É importante lembrar que a disciplina Língua Portuguesa II também está sob a responsabilidade da professora S, o que favorece a continuidade de nossos estudos.

Para o segundo período do Curso Normal Superior são disponibilizados doze DVDs²², em cada um são gravadas três teleaulas, totalizando trinta e seis teleaulas de Língua Portuguesa II. Acompanham os DVDs três apostilas²³. Convém frisarmos que nos foi disponibilizada apenas a segunda apostila, devido ao fato de realizarmos a gravação em vídeo tanto do momento da teleaula 25 quanto do momento de sua retomada pela professora e pelas alunas. A segunda apostila é constituída por textos e atividades que são trabalhados nas teleaulas de número 13 ao número 26 de Língua Portuguesa II, além das aulas referentes às disciplinas História do Brasil II e Geografia. O nono DVD²⁴ contém as teleaulas 25, 26 e 27, cuja gravação mantém a mesma organização dos vídeos do primeiro período – saudação inicial, breve revisão da aula anterior, exposição do conteúdo e saudação final –, e é apresentado pelo segundo professor citado há pouco.

A título de ilustração, recortamos os seguintes fragmentos da apostila e do vídeo da teleaula 25 de Língua Portuguesa II, 2º período:

²² Não tivemos acesso ao DVD com as aulas 16, 17 e 18.

²³ Cabe lembrar que a apostila não será tomada como objeto de análise.

²⁴ Assim como no primeiro período, a apresentação das aulas gravadas cabe a dois professores – o primeiro deles, não nomeado, encarrega-se das doze primeiras; o segundo, identificado no início de cada aula, apresenta as demais.

Quadro 12 - Apostila 2 – Língua Portuguesa II – 2º período

Exemplo 3

LÍNGUA PORTUGUESA II

Aula 25

2º período

A leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Informações submetidas à reflexão crítica são indispensáveis à produção escrita. Além disso, a leitura de textos, feita adequadamente, permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita, que, como já sabemos, tem normas próprias, diversas daquelas da língua falada. Leia o texto a seguir e faça as atividades propostas.

Fonte: elaborada pelo autor

Quadro 13 - Teleaula número 25 – Língua Portuguesa II – 2º período

Exemplo 4

PT2: **olá... como vai? revisando... voltemos no assunto leitura e produção de textos...** a leitura... antes de aprofundarmos nossas atividades de análise de produção de textos escritos... **vamos discutir o problema da leitura** ... o motivo disso é bastante simples... no sentido amplo que a tomamos em nossas aulas... a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade... informações submetidas a reflexões críticas são indispensáveis à produção escrita... **além disso... a leitura de textos... feita adequadamente... permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita que... como já sabemos... tem normas próprias... diversas da língua falada...**

Fonte: elaborada pelo autor

Os exemplos acima nos permitem flagrar pistas sobre o conteúdo temático da teleaula 25 – a leitura. Podemos notar que há uma breve introdução do assunto tanto na apostila quanto na teleaula: “A leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade.”, “vamos discutir o problema da leitura”. Acreditamos que a variedade linguística presente nos dois recursos – a padrão – parece oscilar entre o que podemos chamar níveis de formalidade e informalidade, ou seja, a linguagem oscila desde uma saudação informal – “olá... como vai?” – a uma frase de construção mais formal – “Além disso, a leitura de textos, feita adequadamente, permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita, que, como já sabemos, tem normas próprias, diversas daquelas da língua falada.”. Aos nossos olhos, essas oscilações estão ligadas à tecnologia, pois o professor precisa lidar com a questão da distância, buscando alternativas para aproximar-se dos alunos. Também podemos notar que ele procura ser simpático, numa

tentativa de cativar a turma. Vale lembrar que, nessa situação, professor e alunos não estão participando de uma comunicação face a face, visto que a teleaula é gravada em DVD. Dessa maneira, podemos afirmar que ele usa a linguagem como estratégia de envolvimento dos alunos.

Um ponto de discordância entre a apostila e a teleaula é que no vídeo o professor busca estabelecer uma articulação com as aulas anteriores, em que o conteúdo temático se organiza em torno da leitura e produção de textos: “revisando... voltemos no assunto leitura e produção de textos”. Acreditamos que o emprego dos verbos na primeira pessoa do plural é uma estratégia linguística que parece ter a intenção de aproximar o professor da teleaula e os alunos do Normal Superior.

Em relação ao texto²⁵ selecionado para desenvolvimento do conteúdo temático, observamos que este consta na apostila e na teleaula. A diferença é que as atividades propostas para interpretação do texto constam apenas na apostila. Já na teleaula o professor explora analiticamente o texto, discute os conceitos de leitura e discorre sobre os tipos de leitura – sensorial, emocional e intelectual. Como dissemos anteriormente, a tarefa de articular a apostila ao vídeo cabe à professora presencial.

3.3 Técnicas e instrumentos de coleta e geração de dados

Como já assinalado, as técnicas usadas para coleta e geração de dados são a entrevista, a observação e registro de aula e a autoconfrontação. Vale lembrar que pretendemos combiná-las, pois acreditamos que o pesquisador também pode fazer com que os dados surjam; assim, “pela escolha de um ponto de vista e o recurso a diversos instrumentos, seleciona alguns elementos, transformando-os em informações significativas”, como observam Laville e Dionne (1999, p. 133). A nosso ver, essa variação quanto à coleta e geração de dados possibilita ao pesquisador um olhar mais aprofundado sobre o fenômeno investigado.

Quadro 14 - Etapas da coleta de dados

Coleta de dados			
	Procedimento	Recurso	Data
1	entrevista com a professora	gravação em áudio	02/10/2008
2	entrevistas com as alunas	gravação em áudio	27/11/2008
3	observação participante	primeira gravação em vídeo	7/11/2008

²⁵ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1986. p. 11-13.

4	observação participante	segunda gravação em vídeo	9/6/2009
5	autoconfrontação	gravação em áudio	19/10/2009

Fonte: elaborada pelo autor

3.3.1 Entrevista

Optamos por realizar uma entrevista semiestruturada, que consiste em uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.188). Vemos nesse tipo de entrevista um procedimento de coleta e geração de dados que nos permite maior aproximação com as entrevistadas, facilitando a interação, já que podemos ir um pouco além do que estava planejado, ou seja, realizar perguntas que colaborem para o surgimento de informações que podem contribuir para o aprofundamento da questão. Além disso, concordamos que, “em uma interação em ambiente de confiança e empatia, os entrevistados podem permitir o acesso a informações muito importantes, geralmente interditas aos interlocutores usuais” (MINAYO *et al.*, 2005, p. 169). Não podemos negar que o modo como conduzimos a entrevista pode gerar um ar de confiança, uma situação aconchegante, capaz de fazer com que os entrevistados sintam-se mais propensos a conversar sobre os temas abordados.

Nesse sentido, decidimos realizar a entrevista com a professora na sua residência, por pensarmos que lá ela se sentiria bem à vontade para responder às perguntas, inclusive com mais tranquilidade, pois nas dependências da instituição correríamos o risco de ser interrompidas por alunos e/ou professores. Realizamos a gravação em áudio dessa entrevista no dia 02/10/2008.

Realizamos as entrevistas com as alunas na própria instituição, devido ao fato de algumas morarem em municípios vizinhos e outras virem diretamente do trabalho para a faculdade. De forma a favorecer as alunas a não se sentirem influenciadas pela presença da professora S em sala, combinamos com o professor de Matemática utilizar um dia em que ele tivesse aula com a turma, para que pudéssemos entrevistar algumas alunas para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Aproveitamos a ocasião para informar o professor sobre a necessidade de não impormos às alunas a participação na entrevista, e sim incentivarmos a participação espontânea.

Ele prontamente se dispôs e, passados alguns dias, marcou o dia posterior a uma prova que ele iria aplicar; a aula seria de análise da prova, o que não prejudicaria a quem fosse

conceder a entrevista. Conversamos com a turma sobre esses detalhes, as alunas concordaram e decidimos que a gravação em áudio das entrevistas aconteceria no dia 27/11/2008, no horário de Matemática. Nesse dia, fomos à sala da turma e, junto com o professor de Matemática, reiteramos a participação voluntária das alunas para a gravação das entrevistas. O professor pediu para organizar a saída das voluntárias, já que a gravação aconteceria em outra sala, disponível naquele dia. Sob seus cuidados, oito alunas se prontificaram a conceder entrevista, contudo, apenas seis alunas de fato foram entrevistadas, pois as outras duas desistiram.

Por se tratar de um momento em que o curso atravessava um grande conflito devido à adoção da teleaula, principalmente com as turmas que já estavam na segunda metade do curso e que foram extremamente resistentes à sua adoção, chegando, algumas alunas, ao ponto de consultarem a Procuradoria de Proteção e Defesa do Consumidor – PROCON – e até mesmo advogados para terem seus direitos resguardados, foi necessário que a direção administrativa repensasse a condução desse momento. Para apaziguar os ânimos, o diretor, a coordenadora pedagógica e alguns professores promoveram reuniões com todas as turmas do curso Normal Superior. Após essas reuniões, eles perceberam que algumas alunas da turma que acabara de ingressar no curso estavam mais predispostas a concordar em experimentar o uso da teleaula, tendo a professora S contribuído efetivamente para que o primeiro período tomasse a decisão de aceitar o uso da teleaula nas aulas de Língua Portuguesa I. É evidente que tal decisão não agradou a todas as alunas, mas a maioria deixou claro que não abriria mão da presença da professora S nos dias em que ocorresse a teleaula.

Em relação às condições socioculturais, observamos que as alunas participantes desta pesquisa podem ser consideradas “imigrantes digitais”²⁶, pois apresentavam grande dificuldade em relação às possibilidades de uso das novas tecnologias no ambiente escolar. É necessário pontuarmos que, embora a teleaula não seja um recurso que utilize um suporte digital em que as alunas precisassem dominar práticas de uso do computador, embora a TV exista há mais de 5 décadas no Brasil e o DVD não seja um objeto tecnológico que ainda provoque tanto estranhamento, haja vista a existência dos DVDs de músicas vendidos por cantores e bandas populares em todo Brasil, ainda assim as alunas apresentavam grande dificuldade de aceitação.

²⁶ Expressão criada por Prensky (2001), que se refere às pessoas que não nasceram no mundo digital, que apresentam dificuldade de uso e até mesmo de aceitação das novas ferramentas de informação e comunicação advindas do avanço tecnológico.

Quanto à faixa etária, também há heterogeneidade, pois participaram alunas com idade aproximada entre os vinte e os cinquenta anos. Quanto à experiência profissional, havia alunas que nunca trabalharam na área da educação, atuando no comércio; algumas já com algum tempo de serviço na educação; e outras apenas começando nessa área. Além disso, não devemos nos esquecer de informar que, desde o início da pesquisa, não há, entre o grupo de alunas, unanimidade nos pontos de vista assumidos sobre a adoção da teleaula.

3.3.2 Observação e registro de aula

Decidimos pela observação participante, em que a pesquisadora vivencia diretamente o fenômeno, por considerarmos de extrema importância a oportunidade de experimentar o uso desse recurso em sala de aula como um dos elementos envolvidos na situação. Segundo Laville e Dione, “a observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real” (1999, p. 176). Pensamos que essa proximidade com o objeto de pesquisa possibilita-nos selecionar com maior precisão informações que podem nos auxiliar na combinação com os demais instrumentos utilizados, a entrevista e a autoconfrontação. Para coletar informações observando o fenômeno, realizamos duas gravações em vídeo.

Fizemos a primeira gravação em vídeo no dia 7/11/2008. Combinamos previamente com a professora e a turma. Nesse dia a professora S teria dois horários de aula com a turma – em um primeiro momento ela assistiria, junto com a turma, à teleaula 18, cujo conteúdo temático trata das variações linguísticas, e, em um segundo momento, faria sua retomada.

A título de ilustração, recortamos os seguintes fragmentos da apostila, da teleaula 18 e da gravação em vídeo da retomada da teleaula 18 de Língua Portuguesa I, 1º período, pela professora S:

Quadro 15 - Apostila 2 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 5
Língua Portuguesa I
Aula 18
1º período
<p>Uma língua, como todos sabem, não é falada de maneira idêntica pelos seus usuários. Não sendo uniforme, podemos observar inúmeras variações se compararmos, por exemplo, a expressão de gaúchos, pernambucanos, cariocas, mineiros e paulistas. Essas variações são, entre outras, principalmente de natureza fonética (o que chamamos de sotaque), lexicais (emprego de palavras e expressões próprias) e sintáticas (ordem das palavras na oração,</p>

regência, concordância etc.).

Fonte: elaborada pelo autor

Quadro 16 - Teleaula 18 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 6
Língua Portuguesa I
Teleaula 18
1º período
<p>PT1: (...) tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita... podemos observar diversos graus de formalidade... do mais informal ao mais formal... não é a mesma coisa falar para dezenas de pessoas em um auditório e contar algo a um amigo... tampouco é a mesma coisa falar com um irmão e falar com a diretora da escola... cada um desses momentos é uma situação comunicativa diferente... variam não só as pessoas... mas o lugar... o momento... o receptor ou os receptores... as relações afetivas e o tema do qual se fala... a partida de futebol... a suspensão do aluno... uma novela... uma receita... etc... são situações diferentes... repetindo o assunto... registro é como chamamos a variante linguística condicionada pelo grau de formalidade existente na situação em que se dá o ato da fala ou a finalidade no ato da escrita... observe diferentes registros... o diretor... seguidor fiel dos regulamentos... não permitirá qualquer desvio de conduta dos alunos... é uma maneira formal... o diretor... é rigoroso e não vai permitir qualquer desordem dos alunos... já é uma maneira informal... o assunto é o mesmo... mas a maneira é informal... se eu dissesse... o diretor é ligado na disciplina e não vai dar colher de chá aos alunos... já seria um modo muito informal (...)</p>

Fonte: elaborada pelo autor

Quadro 17 - Apostila 2 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 7		
Língua Portuguesa I		
Aula 16		
1º período		
DIALETOS SOCIAIS	CULTO	<p>Maior ligação com a gramática e com a língua dos escritores etc</p>
	COMUM	<p>Subpadrão linguístico Menor prestígio Situações menos formais</p>
	POPULAR	<p>Falantes do povo menos cultos Linguagem escrita popular Simplificação sintática</p>

		Vocabulário mais restrito Gíria, linguagem obscena Fora dos padrões da gramática tradicional etc
--	--	--

Fonte: elaborada pelo autor

Quadro 18 - Gravação em vídeo da retomada da teleaula 18 – Língua Portuguesa I – 1º período

Exemplo 8
S: (...) justamente desta parte da variedade linguística... observem que... qual de nós aqui que conversando temos essa preocupação em falar... você assistiu AO capítulo da novela de ontem? não é? normalmente a gente fala... noh... e aí? você assistiu a novela ontem? por quê? isso aí vem confirmar aquele quadro que nós temos na apostila e que ele tornou a falar no vídeo... nós usamos a língua falada de modo... de forma mais informal... mais tranquila... agora vejam bem... ele deixou claro aí para nós desde o princípio que o que faz efeito sobre o meu nível de linguagem é o quê? é o ambiente... é o contexto... eu diria... a nossa plateia...

Fonte: elaborada pelo autor

Gravamos apenas o segundo momento da aula, em que a professora S parece estabelecer um diálogo com o professor da teleaula: “*ele* deixou claro *aí* para nós desde o princípio que o que faz efeito sobre o meu nível de linguagem é o quê? é o ambiente... é o contexto... eu diria... a nossa plateia...”. O pronome anafórico *ele* e o advérbio dêitico *aí* referem-se, respectivamente, ao professor da teleaula e à aula que ele ministrou em vídeo e parecem marcar o discurso da professora S, como poderemos ver no capítulo em que focalizaremos a análise do objeto de pesquisa.

No exemplo 8, a professora S ainda busca uma articulação entre a apostila e o vídeo: “*isso aí* vem confirmar aquele quadro que nós temos na apostila e que ele tornou a falar no vídeo...”. A expressão *isso aí* refere-se aos níveis de linguagem, conteúdo temático da teleaula 16 que está sendo ampliado na teleaula 18 pelo professor do vídeo e retomado pela professora presencial.

Após assistirmos à gravação da retomada da teleaula 18, percebemos a importância de também ter registrado em vídeo o momento em que a professora S assistia junto com as alunas à aula do professor. Isso nos alertou para a necessidade de realizar outra gravação de aula, pois o diálogo que ela parece estabelecer com o professor não se dá somente após o término do vídeo.

Tomamos a decisão de realizar a segunda gravação no semestre seguinte, porque a professora e as alunas estavam muito envolvidas com as avaliações finais. Assim, fizemos a segunda gravação em vídeo no dia 9/6/2009. O grande intervalo entre uma gravação e outra se

deve ao fato de a professora S ter se licenciado; assim, tivemos que esperar pela sua volta às atividades.

Vejamos um exemplo retirado da segunda gravação em vídeo de uma aula em que a professora S e as alunas assistem juntas a uma teleaula e a retomam em seguida:

Quadro 19 - Gravação em vídeo da teleaula 25 e sua retomada pela professora S e alunas – Língua Portuguesa II – 2º período

Exemplo 9
<p>S: bom... nós vamos parar aqui um pouquinho... porque ele nos pede para concenTRARmos nossa atenção nessa frase que ele coloca aí pra nós... eh, “a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela.”... bom... quando nós falamos em coesão... né... nós falamos em coesão por () nós falamos já pra vocês a respeito do uso dos pronomes e aí nós vemos o emprego aí de dois pronomes... são pronomes demonstrativos... só lembrando RAPidamente aqui da gramática... né... o pronome () é uma palavra que nós usamos para substituir os nomes ou para acompanhar o nome... que tá relacionado ao nome... então dentro desse texto nós vamos encontrar dois pronomes DEMonstrativos que são uSAdos na organização pessoal para evitar a REpetição das palavras... então nós temos aí o DESTA e o DAQUELE... aí esse pronome demonstrativo desta... que na verdade é esta... né... ele vai conter aí a preposição... que não vem ao caso pra nós aqui agora... ele retoma qual a palavra da frase aí?</p>

Fonte: elaborada pelo autor

Como podemos notar no exemplo 9, através da interrupção temporária que a professora S realiza: “bom... nós *vamos parar aqui* um pouquinho... porque ele nos pede para concenTRARmos nossa atenção nessa frase que ele coloca aí pra nós...”, na segunda gravação, registramos tanto o momento da teleaula 25 de Língua Portuguesa II, 2º período, quanto o momento de sua retomada pela professora e pelas alunas, o que nos deu condições de realizar posteriormente a autoconfrontação.

3.3.3 Autoconfrontação

Durante o intervalo entre uma gravação e outra, aprofundamos a pesquisa bibliográfica e com isso resolvemos fazer uso da autoconfrontação porque julgamos que tomar o vídeo como ponto de partida para que a professora S teça comentários sobre sua atuação em sala de aula configura-se como outra opção de captar a percepção que ela tem do uso da teleaula em sua prática docente.

Nesse sentido, alinhando-nos a Clot (2007, p. 135), acreditamos que a atividade de verbalização dos dados registrados “dá um acesso diferente ao real da atividade do sujeito”.

Defendemos que a autoconfrontação pode contribuir para que se descortinem mais possibilidades de interpretação dos dados, visto que o pesquisador, ao estimular o sujeito a falar sobre si ou sobre o que está vendo, consiga provocar inquietações que façam com que o sujeito saia de uma possível situação de conforto, repensando-se e repensando suas ações e até mesmo ressignificando sua prática.

Ao tentarmos fazer com que a professora S ressignifique sua prática, buscamos perceber se as RS que circulam em seu discurso ao ser confrontada com as imagens de sua aula são as mesmas que atravessam seu discurso ao ser entrevistada pela pesquisadora e se isso interfere ou não no modo como se posiciona diante da adoção da teleaula em sua prática docente.

A sessão de autoconfrontação foi o momento em que colocamos a professora S para assistir às imagens da segunda gravação em vídeo a fim de expor verbalmente o que as cenas lhe evocaram. Como se deu na entrevista, preferimos realizar o procedimento na residência da professora S, para evitar possíveis interferências de alunos e outros professores da instituição em que se deu a pesquisa, buscando criar um ambiente propício para que a professora se sentisse à vontade para revelar suas opiniões, suas ideias. Esse momento foi registrado em áudio e ocorreu no dia 19/10/2009.

Ao tomarmos o vídeo com a gravação da teleaula e sua retomada como ponto de partida para a autoconfrontação com a professora S, selecionamos imagens que mostravam a turma assistindo ao momento inicial da teleaula; escolhemos cenas que retratavam pausa no DVD para intervenção da professora S; mostramos momentos em que a professora fazia anotações no quadro; selecionamos imagens da turma assistindo à teleaula e reagindo às intervenções da professora S; escolhemos cenas que focalizavam a atuação do professor da teleaula a fim de analisarmos como a docente pesquisada representa a si mesma, suas ações e as dos alunos ao assistir a uma de suas aulas gravadas.

3.4 O *corpus* de análise

Constituem, portanto, o *corpus* de análise da pesquisa: (i) gravação em áudio de entrevista com a professora S; (ii) gravação em áudio de entrevistas com as alunas do curso Normal Superior; (iii) gravação em vídeo de aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula; (iv) gravação em áudio da sessão de autoconfrontação com a professora S. Todos esses dados foram transcritos.

3.5 A metodologia de análise de dados

Como consequência da variedade de instrumentos utilizados para coletar e gerar dados, optamos por uma abordagem que privilegie aspectos linguístico-discursivos, fundamentando-nos nos aportes teóricos de abordagens discursivas (MONDADA; DUBOIS, 2003; MATENCIO; SILVA, 2005; MATENCIO, 2006; MARCUSCHI, 2005) e da Teoria das Representações Sociais (ABRIC, 2003a ; 2003b; JODELET, 1996; 2001; MOSCOVICI, 1979; 2007; PY, 2000; 2004), uma vez que tomamos as dimensões dos recursos de referência, dos mecanismos enunciativos e de manifestações de *ethos* que se configuram como pistas importantes para a apreensão das RS no discurso das alunas e professora.

4 UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

No presente capítulo, temos como objetivo examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando as representações sociais de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados.

Por desejarmos aproximar representação social e linguagem, nossa proposta aqui é a de examinarmos como os posicionamentos assumidos pelos agentes envolvidos na pesquisa, mais claramente percebidos pela análise dos recursos de referência, dos mecanismos enunciativos e das projeções de *ethos* nas atividades intersubjetivas, são atravessados pelas representações sociais.

Partiremos do pressuposto de que as RS orientam o agir no mundo – elas se infiltram nas ideias, nos valores, nas crenças, nas imagens que os indivíduos criam sobre o mundo e exercem certa influência sobre a sua conduta. Pretendemos, como assinalado, averiguar como as RS se materializam no discurso dos agentes envolvidos na pesquisa. Nessa perspectiva, como já exposto, a estratégia aqui adotada é a avaliação por triangulação de dados, já que almejamos produzir um trabalho de integração de análise de dados.

Ao longo de nossa análise, combinamos e cruzamos os pontos de vista da professora e das alunas que emergem dos dados recolhidos pelas entrevistas, pela gravação em vídeo da aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula, e também pela sessão de autoconfrontação com a professora.

Realizamos, primeiramente, uma análise das condições de produção dos dados recolhidos ao longo da pesquisa. É importante determinar o contexto de produção da situação comunicativa, pois há possibilidade de que interfira na organização dos textos produzidos pelos agentes (BRONCKART, 2009).

No primeiro semestre de 2008, o corpo docente da instituição tomada para pesquisa foi comunicado pela coordenação de que a teleaula seria introduzida somente no curso Normal Superior. Com isso as disciplinas teriam sua carga horária reduzida pela metade, visto que a teleaula preencheria a outra metade. Além disso, o salário do professor também seria reduzido, visto que o número de aulas cairia também.

Vale citar, aqui, que nossa experiência dentro da instituição levou-nos a perceber que o comunicado causou certo impacto, pois se tratava de uma decisão vertical, que precisaria ser acatada pelo corpo docente. Mesmo assim, houve quem manifestasse sua opinião, questionando as intenções evidenciadas por tal determinação. As explicações obtidas frisavam tanto a necessidade da adoção de novas tecnologias ao ensino bem como a situação financeira

provocada pela inadimplência do corpo discente. Dessa forma, o professor não teve outra opção a não ser admitir a introdução da teleaula na disciplina que ministra no curso Normal Superior.

Contudo, os alunos não receberam o comunicado passivamente, muito pelo contrário, houve, como já comentado, quem chegasse a procurar o PROCON para informar-se sobre seus direitos. Mesmo com os professores advogando em defesa da teleaula, com algumas turmas aceitando assistir a algumas como experiência, a maioria não acatou a decisão da instituição. Assim, estabeleceu-se a suspensão do expediente ainda no primeiro semestre de 2008.

Com o início do segundo semestre, mais uma tentativa de introduzir a teleaula no curso Normal Superior foi determinada. A posição de não aceitação imperou em algumas turmas. Alguns professores encorparam o grupo, propondo uma reformulação dos recursos. A instituição mais uma vez decidiu pela suspensão, ao final do segundo semestre de 2008, acrescentando que fora comunicada sobre uma reformulação dos recursos por uma nova equipe, a fim de que, no próximo ano, a teleaula realmente fosse incluída. E ainda deu autonomia ao professor que manifestasse interesse de usá-la em sua prática.

Somente um professor tomou a decisão de adotar a teleaula em sua prática: a professora de Língua Portuguesa, professora S. Como as turmas mais antigas eram as que apresentavam mais resistência, ela definiu que iniciaria o trabalho com os novatos, ou seja, com os alunos do primeiro período do curso Normal Superior.

Também se faz necessário especificar o contexto sociosubjetivo, aqui tomado sob o ponto de vista de Bronckart (2009), como implicações do mundo social (normas, valores, regras, etc.) e do mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir) em que a pesquisa se dá.

Como o objetivo das interações comunicativas é gerar/coletar dados para uma dissertação de mestrado, a universidade, como lugar social, proporciona interações formais, pois tanto emissores/locutores quanto receptor/interlocutor representam suas instituições de ensino superior. É importante mostrar que os locutores desempenham diferentes posições sociais: a de aluno, a de professor e a de colega da pesquisadora. O interlocutor exerce o papel de professor e de colega da professora. Todas essas condições serão levadas em consideração ao analisarmos os posicionamentos assumidos pelas agentes da pesquisa: rejeição, aceitação e promoção da teleaula. Eis o contexto em que se situam os dados gerados/coletados que ora se analisam.

4.1 Exame dos posicionamentos assumidos pelos agentes em relação à teleaula

A seguir, destacamos alguns recortes que ilustram posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula.

Quadro 20 - Posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula

Posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula	
Entrevista com S	<p>P: na sua visão... qual foi o motivo da inclusão da teleaula no curso normal superior?</p> <p>(1) S: interessante isso aí... porque... apesar de trazer nova tecnologia... mas... a princípio... o objetivo não foi bem esse... o objetivo foi realmente redução de custos... porque o curso normal superior ele é um curso barato... então o que estava arrecadando não estava dando pra manter o curso... então aproveitaram eh essa carona aí da era... né... digital... da educação a distância... da teleaula... mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era redução de custos</p>
Entrevista com alunas	<p>P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?</p> <p>(2) A5: posso ser sincera? eu não gosto de teleaula... eu não gosto... eu gosto do professor comigo ali presente... sabe... dentro da sala de aula comigo... foi por isso que eu optei por vir para a XYZ²⁷... porque eu passei em outras...passei... mas aulas não-presenciais</p> <p>P: educação a distância?</p> <p>A5: educação a distância... e eu optei por vim pra cá por isso... P: hum, hum</p> <p>A5: porque aqui eu tenho o professor comigo... ali perto de mim... eu quero sentir... eu quero ter esse contato com ele... eu não acho muito... eu não gosto muito não</p>
Autoconfrontação com S	<p>P: você percebe alguma modificação no modo como a turma recebia a teleaula no período anterior e agora?</p> <p>(3) no primeiro período... nós mesmos... professores... tivemos uma rejeição... isso não deixa de passar para o aluno... né... na verdade o professor... ele é um formador de opinião... então quando ele quer... ele joga a turma da forma como ele quer...</p>

Fonte: elaborada pelo autor

Observamos nos fragmentos acima uma das primeiras reações à inserção da teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem motivada por uma forte RS sobre ensino/aprendizagem a distância como algo de menos valor do que ensino/aprendizagem presencial, o que caracteriza certo preconceito aos cursos a distância. Vejamos como isso se mostra no primeiro fragmento

²⁷ Como já assinalado, a forma de referência é fictícia, a fim de resguardamos o nome da instituição em foco.

recortado: “*apesar de trazer nova tecnologia*”, “*aproveitaram eh essa carona aí da era... né... digital*”. Destacamos o uso do operador e das expressões nominais para mostrar a forma como a professora S expressa uma posição contrária à inclusão da teleaula com base na entrada das novas tecnologias de informação e comunicação na educação. Quando a aluna A5 afirma: “eu gosto do professor comigo ali *presente... sabe... dentro da sala de aula comigo... eu quero sentir... eu quero ter esse contato com ele*”, é possível notar que ela faz questão de evidenciar para a pesquisadora sua recusa pela modalidade de educação a distância. Podemos notar que as RS de ensino/aprendizagem a distância que professora e aluna ativam contribuem para que ambas assumam uma atitude de rejeição ao recurso pretendido pela instituição de ensino. Além disso, na sessão de autoconfrontação, a professora S declara que “*nós mesmos... professores... tivemos uma rejeição... isso não deixa de passar para o aluno... né... na verdade o professor... ele é um formador de opinião... então quando ele quer... ele joga a turma da forma como ele quer*”. A modalização pragmática feita pela professora em “*isso não deixa de passar para o aluno*” expõe uma das facetas da responsabilidade dos professores no jogo para que os alunos também rejeitem a teleaula (cf. BRONCKART, 2009).

Vejamos mais alguns fragmentos:

Quadro 21 - Mais posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula

Entrevista com S	<p>P: de que forma... então... foi informada aos alunos a inclusão da teleaula?</p> <p>(4) S: foi a co... a nossa coordenadora é que passou pra eles numa reunião... né... até lá no teatro atiaia... passou pra eles... mas na hora da SALA de aula mesmo... eu fui a primeira pes... professora a ter contato com eles... aí veio aquela cobrança que... “ah... eu vou pedir transferência”... “ah... eu vou pro procon”... nós tivemos alunos indo até ao PROCON... por quê? eles haviam feito vestibular PARA curso presencial... eh, teve aluno que queria pagar em juízo só as aulas presenciais... nós tivemos... nós passamos por tudo isso na... na...na faculdade... então assim f... criou... a princípio... criou um transtorno MUITO grande...</p>
Entrevista com alunas	<p>P: você percebe alguma diferença da teleaula para a aula presencial?</p> <p>(5) A1: percebo, eu acho muito frio... assim... o professor falando... falando... falando...</p> <p>P: você vai fazer pra mim... agora... uma comparação com a teleaula e a aula presencial de português... tentando mostrar pra mim o que que tem de semelhança e o que que tem de diferença</p> <p>(6) A2: a teleaula, o único problema é que é mecânico... não tem como você questionar... perguntar... opinar e o professor você questiona... você tira dúvida... e lá você tem que escrever e esperar alguém pra te responder... então a diferença é que na teleaula é tudo mecânico... não tem como você questionar</p>

	<p>P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... destaque suas principais semelhanças e diferenças</p> <p>(7) A3: semelhanças... né... o conteúdo... o professor procura... parece que... eu imagino assim... o professor faz uma parceria com o professor da teleaula... Agora a diferença é que na teleaula o professor não interage... ele te passa conhecimento... você anota e se assimilou se não assimilou... isso aí você tem que procurar o professor... e já o professor presencial... aí não... você debate... interage... se não entendeu pede outros exemplos... recursos... ou outros exemplos até entender</p>
Autoconfrontação com S	<p>P: e... focalizando agora no professor da teleaula... na sua opinião qual é o papel do professor da teleaula na aula?</p> <p>(8) S: olha... eh... observando bem... eu vejo ele como um ator... nada mais do que um ator... porque você pode perceber que ele apenas lê... ele fica lá assim... estático... e tem hora que ele tem até dificuldade de ler... porque talvez pela distância... alguma coisa que fica lá... ele ali... ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter... passando as informações... e ele... e as informações... eh... são muito assim... muito difíceis para os alunos... é preciso que eu esteja trabalhando com eles estes aspectos... mas eu não vejo... eu diria assim... é um ator até certo ponto... porque ele nem vive muito a aula... você percebe que ele é uma pessoa... fria... ele está falando... às vezes ele faz assim alguns... alguns meneios... alguma coisa assim... que você percebe uma participação dele... mas é... fria... e ele ali tá só... como diz? mandando o conteúdo... mais nada... é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né? então você percebe que ali não há uma interação... há uma distância...</p>

Fonte: elaborada pelo autor

No fragmento (4), alguns traços indicam a relação existente entre a professora S e a instância enunciativa-discursiva (relação eu/eles). Transparecem nesse jogo conversacional três faces distintas: a face da professora, a da instituição e a dos alunos, que se relacionam a cada uma das instâncias envolvidas nessa situação conflituosa. Os elementos linguageiros que configuram a face do sujeito aparecem na voz da locutora: “mas na hora da *SALA de aula mesmo... eu fui a primeira pes... professora a ter contato com eles*”. Os elementos destacados explicitam a tarefa que coube à professora S nesse jogo conversacional: administrar conflitos surgidos em sala de aula devido à adoção da teleaula. A face da instituição pode ser flagrada no trecho “*foi a co... a nossa coordenadora é que passou pra eles numa reunião... né... até lá no teatro atiaia... passou pra eles*”. Nesse momento, a coordenadora surge como uma representante dos interesses da instituição, pois não é o diretor quem assume a responsabilidade de informar os alunos e sim, a coordenadora do curso. Há também a face dos alunos “ah... eu vou pedir *transferência*”... “ah... eu vou pro *procon*”, cuja intenção é externar

a desaprovação à inserção da teleaula no curso. Vale lembrar que cada um está de um lado diferente, cada um defende seus interesses: os professores querem evitar a redução salarial, a instituição quer diminuir os prejuízos devido à inadimplência e os alunos querem evitar as teleaulas.

Segundo Serra (2000), os sujeitos produzem e reproduzem discursos e representações que se inscrevem dentro das organizações sociais em que esses sujeitos se encontram, atuam e se posicionam. Nos fragmentos (5) e (6), mais uma vez se manifesta uma forte RS sobre recursos e práticas envolvendo tecnologia a distância, na qual estes são relacionados como algo frio, sem calor humano: “eu acho muito *frio*... assim... o professor falando... falando... falando”; “a teleaula, o único problema é que é *mecânico*”. Essas assertivas apresentam posicionamento discordante em relação ao uso da teleaula, visto que os termos recortados indicam a preferência pelas aulas presenciais.

Os fragmentos (7) e (8) ilustram a percepção das locutoras sobre o professor da teleaula. Diante de determinados enunciados construídos por elas, percebemos a materialização da RS de teleaula orientada por uma concepção negativa dos efeitos da tecnologia em sua construção. Tal manifestação se faz notar nos seguintes fragmentos: “ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter... *passando as informações*... e ele... e as informações... eh... são muito assim... muito difíceis para os alunos”, “... Agora a diferença é que na teleaula o professor não interage... *ele te passa conhecimento*... você anota e se assimilou se não assimilou... isso aí você tem que procurar o professor... e já o professor presencial... aí não... você debate... interage... se não entendeu pede outros exemplos... recursos... ou outros exemplos até entender”, “mas é... fria... e *ele ali tá só... como diz? mandando o conteúdo... mais nada*... é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né? então você percebe que ali não há uma interação... há uma distância”. Outra RS que atravessa esse discurso é o de que no ensino a distância não há interação entre professor e alunos. De fato essa RS decorre do fato de as teleaulas serem gravadas em DVD e por apresentarem uma organização que se baseia em aulas expositivas. Além disso, não há sincronia entre o momento em que o professor ministra a aula e o momento em que os alunos a assistem.

Salientamos que, na gravação da aula presencial com retomada da teleaula, não houve posicionamentos da ordem da rejeição da teleaula. Uma das hipóteses para isso ter ocorrido seria a presença da pesquisadora, que poderia ter exercido influência sobre o comportamento e a interação das pessoas observadas. Além dessa hipótese, poderíamos também pensar que a própria materialidade do formato do gênero entrevista (antes e no momento da

autoconfrontação) poderia ter possibilitado o acionamento desses posicionamentos dos sujeitos acerca da rejeição da teleaula. Levando-se em conta, ainda, que a pesquisadora estava presente nas duas situações, entrevistando ou filmando.

Apresentamos, agora, alguns recortes que ilustram posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula.

Quadro 22 - Posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula

Posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula	
Entrevista com S	P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula? (1) S: nós podemos dizer que a teleaula ela passou por três fases na faculdade... ela veio... não decolou... foi embora... voltou para o normal... né... as aulas todas presenciais e agora ela voltou de uma forma que... eu tenho tido boas expectativas... acredito que nós temos melhorado em relação ao uso da teleaula
Entrevista com alunas	P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente? (2) A1: junto ao professor... sim
Autoconfrontação com S	P: como que você vê a turma em relação à teleaula e em relação às suas intervenções? (3) S: olha... eu percebo que eles gostam dessa intervenção... eles sentem a presença do professor... né porque aquele que está lá na frente falando pra eles é muito frio... é muito distante... então... o o... quando... eu faço essas intervenções... eu estou sendo um elo entre o professor que está falando lá na tela e o professor presente na sala de aula... é uma forma que eu tenho de falar com eles... olha... eu estou aqui... eh... aquele aparelho ali... ele não dispensa a minha presença... apesar da da gravação ser interessante... apesar da fala ser interessante... a minha presença aqui é um... é um suporte pra eles... é uma garantia pra eles... então eu procuro me colocar sempre de forma que eles sintam falta da minha presença...

Fonte: elaborada pelo autor

Podemos observar, no fragmento (1), que a locutora demonstra mais predisposição a aceitar a teleaula: “e agora ela voltou de uma forma que... eu tenho tido boas expectativas... acredito que *nós temos melhorado* em relação ao uso da teleaula”. Quando a locutora usa a primeira pessoa do plural para externar a mudança de atitude, podemos compreender que a mudança não é coletiva, não se estende a toda a instituição, mas a si mesma, uma vez que afirma ter boas expectativas.

Já no fragmento (2), a aluna A1 afirma: “junto ao professor... sim.”. É possível percebermos que é uma aceitação com restrições, ou seja, a locutora pontua que a teleaula só tem utilidade se houver acompanhamento e retomada pelo professor da disciplina. É notório

como a RS de ensino a distância como algo frio, sem contato, sem interação continua atravessando o posicionamento da locutora até mesmo quando aceita a teleaula.

Isso também ocorre com a professora S: “eles *sentem a presença* do professor... né porque aquele que está lá na frente falando pra eles *é muito frio... é muito distante*”, que, apesar de não estar mais se opondo à teleaula, faz uma clara distinção entre o envolvimento afetivo do professor presencial e o distanciamento do professor da teleaula. Ainda nesse fragmento (3), a locutora projeta um *ethos* de professora indispensável, ou melhor, insubstituível: “*eu estou sendo um elo entre o professor que está falando lá na tela e o professor presente na sala de aula... é uma forma que eu tenho de falar com eles... olha... eu estou aqui... eh... aquele aparelho ali... ele não dispensa a minha presença... apesar da da gravação ser interessante... apesar da fala ser interessante... a minha presença aqui é um... é um suporte pra eles... é uma garantia pra eles*”. É importante ressaltar como as alunas de fato assimilam essa imagem de professora insubstituível de tal forma que isso se faz notar em seu discurso, como se pôde ver no fragmento anterior (2), quando A1 afirma que “junto ao professor... sim”.

Passemos aos próximos fragmentos.

Quadro 23 - Mais posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula

Posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula	
Entrevista com S	<p>P: para você... a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?</p> <p>(4) S: é engraçado isso... né... a princípio você pode até pensar que são dois... mas eu já incorporei de tal maneira a... a... teleaula... que eu não vejo dessa forma... eh... eu vejo o professor da teleaula como um ajudante meu e eu como uma ajudante dele... então nós nos completamos... eu diria isso... há uma intercomplementaridade NA explicação... no trabalho do conteúdo e os alunos vêm dessa forma... porque quando eu me refiro na sala de aula... quando eu faço alguma referência ao... à teleaula... eu nunca falo assim... “o professor”... né? eu procuro colocar... “olha... na telaula vocês observaram que... foi passado pra nós por... pela pessoa responsável... ou até mesmo usando a expressão professor... mas eu nunca o coloco no meu lugar e nem me coloco no lugar dele... nós dois fazemos um trabalho conjunto... eu até gostaria de conhecê-lo pra falar que ele tem me ajudado bastante nas nas aulas... sabe?</p>
Entrevista com alunas	<p>P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouco sobre isso</p> <p>(5) A5: eh... é um processo... ela... ela... a professora tem que trazer para a sala de aula o conteúdo que ele sabe... que ele já</p>

	<p>viu... que já tenha visto... tudo prontinho... pra sala de aula... porque aí quando o aluno questionar ele sabe o que ele tá falando ali... ele tem que dominar aquilo ali que ele tá falando... então a teleaula e o professor... eh... eles têm que andarem... eles têm que estarem juntos... né... o professor tem que ver a teleaula primeiro... pra depois ele trazer para a sala de aula pra poder ter os dois o mesmo... discurso</p> <p>P: isso A5: o mesmo discurso</p> <p>P: você percebe isso entre os dois?</p> <p>A5: muito bom... e é muito bom, tá?</p>
--	---

Fonte: elaborada pelo autor

Destacamos a seguinte fala da professora S no fragmento (4): “é engraçado isso... né... a princípio você pode até pensar que são dois...”. Vale lembrarmos as condições de produção em que esse enunciado foi construído: temos aí duas professoras de Português, uma na condição de locutora e outra na de interlocutora. Uma mais experiente na área da Linguística do que a outra. Nesse momento, é como se a professora S declarasse para sua interlocutora: “Olha, eu sei que várias pessoas, inclusive você, assumem a existência de dois professores, mas eu não.” Fica evidente sua intenção de assegurar ao professor da teleaula sua condição de ajudante: “eu vejo o professor da teleaula como um ajudante meu e eu como uma ajudante dele”. No entanto, ao mesmo tempo em que ela confere esse lugar menor ao professor da teleaula, ela se coloca como uma ajudante dele: “então nós nos completamos”. É interessante trazer aqui uma informação adicional: nas teleaulas, em nenhum momento, o professor dirige-se ao professor presencial, seu discurso é todo voltado para o aluno, que é visto como um professor em formação. Assim, quando o professor da teleaula usa o vocábulo professor, é ao aluno, professor em formação, que ele se dirige.

Ao determos nosso olhar na construção “a princípio você pode até pensar que são dois”, as expressões adverbiais *a princípio* e *até* bem como o verbo *poder* são pistas que sinalizam a intenção da professora S de conseguir a adesão de seus interlocutores sobre o que enuncia: que há somente um professor.

Recortamos no fragmento (5) dois trechos. O primeiro enfatiza a necessidade de articulação entre o professor da teleaula e a professora titular: “então a teleaula e o professor... eh... *eles têm que andarem... eles têm que estarem juntos*”. Observe como a locutora usa o verbo *ter* com a intenção de introduzir uma recomendação sobre o modo como o professor deve proceder. O segundo expressa um juízo de valor sobre a teleaula: “muito bom... e é muito bom, tá?”. O que nos chamou a atenção aqui foi o fato de essa aluna ser uma das mais

resistentes à adoção da teleaula. Dessa forma, percebemos que a transição da rejeição para a aceitação pode ser tão natural que nem chega a ser sentida pela aluna.

Salientamos que na gravação da aula presencial com retomada da teleaula não houve posicionamentos da ordem da aceitação da teleaula. Reiteramos que o ato da observação pode ter influenciado as pessoas observadas, por mais que a pesquisadora tenha procurado não se envolver no evento e em suas ações. Apresentamos, agora, alguns recortes que ilustram posicionamentos da ordem da promoção da teleaula.

Quadro 24 - Posicionamentos da ordem da promoção da teleaula

Posicionamentos da ordem da promoção da teleaula	
Entrevista com S	<p>P: como é realizada a motivação/orientação dos alunos no contato com esses expedientes?</p> <p>(1) S: eu até já falei um pouquinho sobre isso... a partir do momento que eu aceitei a teleaula... que eu assim incorporei a ideia da teleaula... eu tive condições de motivar os meus alunos mostrando pra eles que... nós temos outras formas de trabalhar sem ser só professor-aluno... só só o professor falando o tempo todo... eu procuro mostrar pra eles a riqueza do material que na verdade... ah... ah... o conteúdo que é passado pelo professor é muito bom... é muito rico...</p>
	<p>P: quais são as estratégias que você usa para estabelecer o diálogo com a teleaula?</p> <p>(2) S: eu procuro valorizar isso muito com com os alunos e mostrar pra eles que ali a nossa possibilidade de crescimento é maior... eu não sei assim se seria estabelecer um diálogo, eu continuo achando que eu procuro estabelecer uma complementação</p>
Entrevista com alunas	<p>P: como você compreende esses expedientes... vídeo e apostila... no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?</p> <p>(3) A1: eh, ficou muito mais fácil aprender português</p> <p>P: é?</p> <p>A1: muito mais</p> <p>P: o que você sentiu que torna isso mais fácil?</p> <p>A1: é porque a gente pode voltar a aula... né... num perde nada... a gente volta a fita... o DVD... num dá para perder nada</p>
Gravação da aula presencial com retomada da teleaula	<p>(4) S: vocês estão vendo? é bastante repetitivo o exercício... bom... pessoal... essa... era... a complementação da nossa aula anterior... e eu volto a insistir com vocês... eh... peguem os DVDs... na biblioteca... assistam... nos finais de semana... ou quando vocês estiverem folgados... porque vocês perceberam como enriquece o texto quando você assiste ao DVD? ele fala muito mais... vejam bem que a parte do texto que ele fala pra nós é em torno de oito minutos... e a aula foi uma aula de dezoito minutos e cinco segundos... normalmente eu marco o tempo da aula... eh... vocês querem acrescentar mais alguma coisa aí que</p>

	chamou a atenção de vocês?
Autoconfrontação com S	<p>P: e as anotações? por que que você faz as anotações no quadro?</p> <p>(5) S: e é uma forma também de chamar a atenção deles... vamos parar um pouquinho o DVD... o filme... a gravação... e vamos escrever um pouquinho... também é uma forma de alertá-los... se eu noto que alguém está mais disperso...</p>
	<p>P: em relação à teleaula? você acha que... eles sentem falta... não sentem falta? como é a reação deles mais especificamente em relação à teleaula?</p> <p>(6) S: é interessante... porque... porque quando nós começamos com a teleaula houve uma rejeição muito grande... e depois nós vimos que tínhamos que nos adequar a isso... nós começamos a trabalhar os nossos alunos... eu vejo hoje que eles reagem de uma forma positiva à teleaula... e eu procuro sempre ressaltar com eles... com eles... os aspectos positivos da teleaula... eu acho que eles demonstram assim... interesse bem maior do que quando começou... porque também eles têm a oportunidade de levar os DVDs pra sala de aula... PRA CASA... e assistem... alguns até gravam... porque às vezes não podem ficar com o DVD muito tempo... eu vejo assim uma participação bem efetiva deles e uma aceitação também por esse tipo de aula...</p>
	<p>P: prosseguindo... com essa... com o DVD... com a gravação... como você vê o papel da teleaula dentro da aula?</p> <p>(7) S: é interessante...né... eu vejo assim... como... uma ferramenta auxiliar ao meu trabalho... porque a forma como vem sendo trabalhado... eh... nós percebemos... por exemplo... nós que somos voltados aí para a para a linguística... todos os DVDs são muito voltados para a teleaula... e... eu gosto dessa forma que eles trabalham porque veio nos dar mais oportunidade para não ficarmos muito presos à gramática... hoje... a partir das teleaulas... eu eu percebo que houve um crescimento dos alunos em relação à linguística... né... texto... contexto... coesão... coerência... eh... os fatores pragmáticos... a aceitabilidade... a intencionalidade... a intertextualidade... eram assuntos que... antes das teleaulas... não eram tão abordados com eles... então eu vejo assim... veio enriquecer muito as minhas aulas com as teleaulas... pra mim assim foi muito bom o... o... a... a... como é que eu diria? o uso delas... para ajudar... para trabalhar... essa parte mais voltada para a linguística...</p>
	<p>P: e... focalizando agora no professor da teleaula... na sua opinião qual é o papel do professor da teleaula na aula?</p> <p>(8) S: olha... eh... observando bem... eu vejo ele como um ator... nada mais do que um ator... porque você pode perceber que ele apenas lê... ele fica lá assim... estático... e tem hora que ele tem até dificuldade de ler... porque talvez pela distância... alguma coisa que fica lá...</p>

Fonte: elaborada pelo autor

Há dois trechos significativos no fragmento (1): “a partir do momento que *eu aceitei* a teleaula... que *eu assim incorporei* a ideia da teleaula... eu tive condições de *motivar* os meus alunos” e “eu procuro mostrar pra eles a *riqueza* do material que na verdade... ah... ah... *o conteúdo que é passado pelo professor é* muito bom... é muito rico...”. O primeiro, marcado pela expressão adverbial *a partir do momento*, revela que a professora S admite que sua mudança de percepção do objeto tem relação direta com a motivação dos alunos. É válido comentar que não se trata de uma mudança natural, espontânea, de dentro para fora, e sim de uma mudança necessária, forçada, de fora para dentro, como evidenciam as formas verbais *aceitei* e *incorporei*. No segundo trecho, podemos notar que a RS de ensino a distância como algo menos valoroso começa a perder força, pois a professora S apresenta outro ponto de vista sobre o objeto, enfatizando a riqueza do material e a qualidade do conteúdo que ele desenvolve. Assim, enquanto a RS de ensino a distância perde força, as RS de teleaula expositiva e professor como figura central do processo de construção do conhecimento se tornam cada vez mais presentes.

Quando a professora S afirma em (2) que “eu procuro valorizar isso muito com com os alunos e mostrar pra eles *que ali a nossa possibilidade de crescimento é maior...* eu não sei assim se seria estabelecer *um diálogo*, eu continuo achando que eu procuro estabelecer *uma complementação*”, podemos flagrar uma inversão de valores, pois ela começa a perceber na teleaula novos horizontes, chegando a afirmar que ela proporciona maiores condições de crescimento do que a aula presencial. No entanto, logo em seguida, a professora S evita assumir que dialoga com o professor da teleaula, ela sente-se mais confortável ao usar o termo *complementação*. Dessa forma, podemos notar que ela intenciona projetar a imagem de que o professor titular tem um *status* maior do que o professor da teleaula, ou seja, a teleaula está ali para complementar o trabalho do professor titular e não o contrário. O professor da teleaula é quem seria o coadjuvante, não ela. Mais uma vez a RS de professor como figura central do processo de construção do conhecimento se infiltra em seu discurso.

A aluna A1 comenta, no fragmento (3) que “ficou *muito mais fácil* aprender português”. O argumento que ela usa para defender seu ponto de vista é a praticidade do recurso, pois é possível assistir à aula quantas vezes quiser bem como qualquer momento específico que se queira rever. Apesar de reclamar da ausência de interação com o professor da teleaula em outros momentos da entrevista, nesse ponto, a aluna A1 não se mostra mais tão influenciada pela RS de ensino/aprendizagem a distância como algo frio, ela passa a considerar a possibilidade que a teleaula traz de os próprios assumirem a busca pela construção do conhecimento.

Podemos visualizar, no fragmento (4), uma orientação da professora S que constitui uma importante amostra de como ela compartilha com as alunas sua ideia de teleaula, a partir do momento em que diz às alunas como devem utilizar esse material didático e ainda expõe seus benefícios. Tal movimento é marcado pelo uso do verbo no imperativo *peguem* e pela presença da frase interrogativa “*vocês perceberam como enriquece?*”, que evidenciam como o enunciado enquadra-se no eixo da conduta, configurando marcas da modalização deôntica (KOCH, 2009), uma vez que nessa orientação a professora, de certa forma, tem a intenção não de realizar um convite, mas de persuadir as alunas a assistirem às teleaulas. Nessa medida, o que está sendo dito é tomado como algo incontestável, sobretudo se considerarmos a posição social e enunciativa de quem diz – a professora –, em relação a quem se diz – as alunas. Além disso, podemos perceber no trecho “*e eu volto a insistir com vocês*” que não é a primeira vez que essa recomendação é feita, que a promoção da teleaula já se tornou uma ação recorrente nas aulas da professora S.

No fragmento (5), a professora S justifica as intervenções que faz durante a aula em que assiste junto com as alunas a uma teleaula: “*é uma forma também de chamar a atenção deles... vamos parar um pouquinho o DVD... o filme... a gravação... e vamos escrever um pouquinho... também é uma forma de alertá-los... se eu noto que alguém está mais disperso*”. Esses exemplos reforçam sua intenção de mostrar-se insubstituível, de mostrar-se no controle da situação, pois, como vimos antes, a ideia de que a tecnologia possa vir a substituir o professor está infiltrada em seu discurso.

Ao comentar, na autoconfrontação, sobre a reação dos alunos, a professora S admite, no fragmento (6), que “*depois nós vimos que tínhamos que nos adequar a isso... nós começamos a trabalhar os nossos alunos... eu vejo hoje que eles reagem de uma forma positiva à teleaula... e eu procuro sempre ressaltar com eles... com eles... os aspectos positivos da teleaula*”. Em *tínhamos que nos adequar a isso* podemos notar através da manifestação da modalização epistêmica, aqui percebida pelo emprego da construção do verbo auxiliar *ter* que seguida de infinitivo, o caráter prescritivo do recurso, indicado pela ênfase dada ao enunciado (SANTOS, 2000). É importante observarmos também que a mudança na reação dos alunos pode ser tomada como reflexo da mudança de postura da própria professora, que passou a considerar outras perspectivas do objeto: “*eu vejo hoje que eles reagem de uma forma positiva à teleaula... e eu procuro sempre ressaltar com eles... com eles... os aspectos positivos da teleaula... eu acho que eles demonstram assim... interesse bem maior do que quando começou*”. Podemos visualizar uma importante amostra de como a professora S se empenha

para compartilhar com as alunas as ideias, os valores e as crenças que orientam seu julgamentos e ações sobre a teleaula.

No fragmento (7), a professora S esclarece que “eu gosto dessa forma que eles trabalham porque veio nos dar mais oportunidade *para não ficarmos muito presos à gramática... hoje... a partir das teleaulas... eu eu percebo que houve um crescimento dos alunos em relação à linguística*”. O uso do advérbio *hoje* pode ser considerado uma marca que determina um dos impactos que a teleaula provocou nas práticas de ensino/aprendizagem da professora S: a mudança de uma postura mais conservadora, centrada no ensino da gramática normativa para uma postura mais reflexiva, centrada no trabalho com conhecimentos advindos da linguística. Além disso, podemos observar que a locutora projeta uma imagem de si como uma linguista que não colocava esses conhecimentos em prática, que priorizava o ensino da língua materna através do estudo da gramática normativa, mesmo ela já possuindo muita experiência, tendo feito especialização há 10 anos e, inclusive, tendo comentado ter encontrado no conteúdo das teleaulas referências de livros e autores usados por ela na especialização.

Ao referir-se ao professor da teleaula “*como um ator... nada mais do que um ator*”, a professora S está, na verdade, retirando o professor da teleaula da condição de professor ao empregar a expressão *nada mais do que*, marca de modalização afetiva que contribui para dar um tom pejorativo ao que enuncia. Poderíamos dizer que o efeito de sentido pretendido com essa retirada da condição de professor não deixa de estar associado aos valores, às opiniões e às crenças da professora S, que são reflexo dos valores, opiniões e crenças que circulam em nosso mundo social. Nessa perspectiva, acreditamos que, em seu discurso, a professora S necessita mobilizar não só conhecimentos que circulam socialmente, como também RS que se imbricam nas ideias que materializam seus valores, suas opiniões, suas crenças que se revelam na imagem que ela possui de um (bom) professor.

4.2 Exame das representações sociais subjacentes aos posicionamentos flagrados

Conforme destacamos, o trabalho focalizou o exame das RS de professor, de (tele)aula e de ensino/aprendizagem que atravessam os posicionamentos assumidos pelos agentes em relação à teleaula, o que se tentará sistematizar a partir dos seguintes exemplos:

Quadro 25 - Representações sociais subjacentes aos posicionamentos da professora S e das alunas

Entrevista com S	(1) S: eu procuro mostrar pra eles a riqueza do material que na verdade... ah... ah... o conteúdo que é passado pelo professor é muito bom... é muito rico...
	(2) S: “olha... na telaula vocês observaram que... foi passado pra nós por... pela pessoa responsável... ou até mesmo usando a expressão professor... (...) ”
Entrevista com alunas	(3) A1: ela tá ali para tirar as dúvidas e o professor lá não tira
	(4) A2: a teleaula... o único problema é que é mecânico... não tem como você questionar... perguntar... opinar e o professor você questiona... você tira dúvida
	(5) A3: na teleaula o professor não interage... ele te passa conhecimento... você anota e se assimilou se não assimilou... isso aí você tem que procurar o professor... e já o professor presencial... aí não... você debate... interage... se não entendeu pede outros exemplos... recursos... ou outros exemplos até entender
	(6) A4: alguma coisa que a gente não pegou por falta de atenção ao professor titular
	(7) A5: eu gosto do professor comigo ali presente... sabe... dentro da sala de aula comigo... (...) porque aqui eu tenho o professor comigo... ali perto de mim... eu quero sentir... eu quero ter esse contato com ele... (...) é porque o professor... antes de vir para a sala de aula... ele tem que tá pronto para o conteúdo que ele vai passar
	(8) A6: ah... é chato você ficar ali na frente... assim não tem como... então... você fica sentado olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre português o tempo inteiro... é chato... é melhor você ver... porque o professor olha prum lado... olha pro outro... você você interage com o professor e com a teleaula você não tem essa interação... você entendeu? é chato você ter que ficar só ouvindo e se você tem alguma dúvida... como que você vai tirar a dúvida? aí você tem que escrever a dúvida pra tirar depois... eu sou ansiosa demais pra poder esperar isso ((risos))... tem que ficar parado... esperando... entendeu...
Autoconfrontação com S	(9) porque aquele que está lá na frente falando pra eles é muito frio... é muito distante... apesar da fala ser interessante... (...) ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter... passando as informações... (...) e ele ali tá só... como diz? mandando o conteúdo... mais nada... é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né? então você percebe que ali não há uma interação... há uma distância...

Fonte: elaborada pelo autor

Uma marcante RS de professor que se mostra nos dados é a de professor como fonte de saber, como aquele que fala, que explica o conteúdo, que tira as dúvidas do aluno, que é o

dono do conhecimento e que tem, por obrigação, que transmiti-lo aos alunos. Vejamos como ela se manifesta nos discursos produzidos pela Professora S e pelas alunas.

No exemplo (1), a professora S afirma “o conteúdo que *é passado* pelo professor é muito bom... é muito rico”. É válido notar o uso da voz passiva com auxiliar, pois o foco da ação de *passar* está sobre o conteúdo, ou seja, a professora S expressa uma opinião de que a ação de repassar o saber aos alunos é uma importante tarefa do professor; logo, temos aí a RS de professor como aquele que transmite o conhecimento aos alunos.

Já no exemplo (2), “*foi passado pra nós por... pela pessoa responsável... ou até mesmo usando a expressão professor...*”, é interessante observarmos como a Professora S exterioriza uma ideia de que o professor da teleaula não deveria ser tomado como um professor ao demonstrar breve hesitação no momento de referir-se a ele. A breve pausa antes de decidir qual agente da passiva usar, depois a opção pela expressão “*pessoa responsável*” e sua posterior substituição pelo próprio termo “*professor*”, reforçada pelo operador “*até*”, revelam que ela tenta negar sua condição de professor, mas não consegue, pois, se atentarmos para o início desse exemplo, veremos que a RS de professor como aquele que explica o que sabe mais uma vez se manifesta em “*foi passado pra nós*”.

Essa RS está tão arraigada em A1 que ela chega ao ponto de distinguir a professora S do professor da teleaula pela possibilidade que uma tem de tirar dúvidas e outro não, como mostra o exemplo (3) em “*ela tá ali para tirar as dúvidas e o professor lá não tira*”. Avançando um pouco mais na análise, podemos perceber que o uso dos advérbios “*ali*” e “*lá*” ajuda a marcar a oposição entre ensino/aprendizagem presencial e ensino/aprendizagem a distância. Fica evidente que a RS de ensino/aprendizagem como simples transmissão do saber está latente no discurso de A1.

Podemos verificar essas mesmas manifestações no exemplo (4), em que A2 demonstra acreditar que “*a teleaula... o único problema é que é mecânico... não tem como você questionar... perguntar... opinar e o professor você questiona... você tira dúvida*”. Novamente temos aí uma oposição entre ensino/aprendizagem a distância e ensino/aprendizagem presencial, marcada pelo emprego do adjetivo “*mecânico*” e do substantivo “*professor*”, pois, assim como “*mecânico*” está para práticas que associam educação e tecnologia, “*professor*” está para práticas que não as integram.

É possível observarmos, na fala da aluna A4, no exemplo (6), novamente a presença da RS de ensino/aprendizagem como simples transmissão do saber: “*alguma coisa que a gente não pegou por falta de atenção ao professor titular*”. O emprego do verbo “*pegar*”

evidencia que, na visão de A4, o conteúdo é algo que deve ser passado do professor para o aluno, que o professor é quem deve conduzir a transmissão do conhecimento.

Há também nos dados forte manifestação de RS positiva do ensino presencial, e nessa medida da necessidade de interação entre os alunos e o professor, o que também se associa, por oposição, a uma RS de que a relação professor/aluno a distância é monótona, pouco eficiente. Isso se mostra no exemplo (5), quando a aluna A3 afirma que *“na teleaula o professor não interage... ele te passa conhecimento... você anota e se assimilou se não assimilou... isso aí você tem que procurar o professor... e já o professor presencial... aí não... você debate... interage... se não entendeu pede outros exemplos... recursos... ou outros exemplos até entender”*. Podemos observar que A3 faz uma evidente distinção entre o agir do professor da teleaula e o agir da professora S, em seu ponto de vista, ele é mero transmissor, ela, mediadora. Vê aí, portanto, uma RS do senso comum de que no ensino a distância não há possibilidade de interação.

De modo mais forte, no exemplo (7), essa mesma RS se manifesta, quando a aluna A5 admite que *“eu gosto do professor comigo ali presente... sabe... dentro da sala de aula comigo... (...) porque aqui eu tenho o professor comigo... ali perto de mim... eu quero sentir... eu quero ter esse contato com ele... (...) é porque o professor... antes de vir para a sala de aula... ele tem que tá pronto para o conteúdo que ele vai passar”*. Destacamos aqui as orações *“eu gosto do professor comigo ali presente”*, *“eu quero sentir”*, *“eu quero ter esse contato com ele”* por nos permitirem flagrar nas expressões sublinhadas a presença de modalizações apreciativas, que revelam um julgamento mais subjetivo de como A5 valoriza a presença, o contato, a possibilidade de interação com o professor, o que é bastante recorrente na leitura do que o senso comum tem sobre as interações a distância.

Há, ainda, nas manifestações de A3 e A5, a revelação de um perfil de aluno dependente do professor, sem autonomia, algo muito comum na visão tradicional de ensino.

No exemplo (8), os comentários da aluna A6 têm a intenção de estabelecer uma distinção entre a teleaula e a aula presencial: *“ah... é chato você ficar ali na frente... assim não tem como... então... você fica sentado olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre português o tempo inteiro”*. Curiosamente, essa configuração de (tele)aula está diretamente ligada a uma aula expositiva presencial em que um professor está diante de um quadro negro ou branco, à frente dos alunos, cujas carteiras estão umas atrás das outras, ou seja, do mesmo modo que as alunas da teleaula estão sentadas, *“olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre português o tempo inteiro”*, os alunos ficam assentados olhando para um professor falando ao vivo e em cores em uma aula expositiva tradicional. No

caso em questão, essa RS de (tele)aula é atravessada pela RS de ensino/aprendizagem a distância como algo chato, sem interação, mais claramente percebidos em “*com a teleaula você não tem essa interação*” e nas seguintes marcas de manifestação de modalização apreciativa “*é chato*”, “*eu sou ansiosa demais pra poder esperar isso*”.

Por último, no exemplo (9), que recorta um trecho da sessão de autoconfrontação, a Professora S também tenta estabelecer uma distinção entre ensino/aprendizagem a distância e ensino/aprendizagem presencial, quando afirma que “*aquele que está lá na frente falando pra eles é muito frio... é muito distante... apesar da fala ser interessante... (...) ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter... passando as informações... (...) e ele ali tá só... como diz? mandando o conteúdo... mais nada... é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né? então você percebe que ali não há uma interação... há uma distância*”. De um lado, os termos que se ligam à teleaula, tais como “*frio*”, “*distante*”, “*distância*” e, de outro, o termo “*interação*” e a oração “*é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né?*”, que se ligam à aula presencial. Também é possível admitir que as RS de professor como transmissor do saber e como mediador do conhecimento contribuem para que a Professora S tente negar a condição de professor do professor da teleaula, quando afirma que “*ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter*”. No entanto, ela mesma o restitui-lhe essa condição quando diz “*passando as informações*”, “*mandando o conteúdo... mais nada*”.

Ao examinar as RS de professor, de (tele)aula e de ensino/aprendizagem que atravessam os posicionamentos assumidos pelos agentes em relação à teleaula, julgamos necessário realizar o mapeamento do objeto de discurso teleaula, isto é, o registro das formas que indiciam como esse referente é construído no discurso da professora S e das alunas, acompanhando tanto sua introdução quanto sua retomada nos dados que emergem das entrevistas realizadas, da gravação em vídeo da aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula, e também da sessão de autoconfrontação com a professora, uma vez que consideramos relevante verificar o envolvimento de RS na construção do objeto de discurso teleaula.

Vejamos, nos seguintes exemplos, como a professora S refere-se à teleaula:

Quadro 26 - Marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S

A teleaula no discurso produzido durante entrevista com a professora S
(1) a princípio foi assim... de revolta... desconfiança... porque eles estavam reduzindo a nossa carga horária... reduzindo o salário... então foi assim um momento muito difícil pra nós

(2) não havia nada de teleaula no plano de curso... foi uma... foi uma coisa assim muito rápida...
(3) apesar de trazer nova tecnologia... (...) aproveitaram eh essa carona aí da era... né... digital... da educação a distância... da teleaula mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era redução de custos
(4) eu acredito que foi a partir do momento que eles... que a faculdade abriu o jogo conosco que precisaria da nossa ajuda pra esse trabalho... e... nós... assumimos trabalhar juntos com a faculdade e começamos a defender a ideia das teleaulas
(5) que eles têm... nem têm chamado agora no momento de teleaula... né... eles têm chamado de... extracurricular... mas eu tenho trabalhado como teleaula
(6) então eu vejo a teleaula como um... um auxiliar... e mostrar ao aluno que nós temos outras formas pra nos ajudar sem ser só o quadro... o giz... né... (hum hum) o cuspe aí... né... que são quadro... giz... o cuspe... agora o quadro com pincel... então... eh... eh... acredito que isso aí torna as aulas mais agradáveis...
(7) eu só compreendo esses expedientes como complementares ao meu trabalho... como auxiliares ao meu trabalho... eh... eu não vejo assim uma outra forma de trabalhar a não ser... eh... usando isso aí a meu favor... e com isso a minha disciplina... eu acredito que ela tem saído assim... tem sido passada para os alunos de uma forma mais... mais rica
(8) eu até pretendo... mesmo que a faculdade venha a parar de trabalhar com esse material... eu pretendo trabalhar
(9) então eu vejo que sim, pode ser... eh... eh... um recurso sim

Fonte: elaborada pelo autor

Observamos no fragmento (1) que a professora S introduz o referente teleaula por meio da expressão nominal “*um momento muito difícil pra nós*”, ou seja, cria uma equivalência entre a teleaula e “*um momento muito difícil*”. Dessa forma ela realiza uma primeira categorização do objeto de discurso. Ao relacionar a teleaula a “*um momento difícil*”, a professora assume um posicionamento crítico que deixa explícita sua indignação perante a inclusão da teleaula no curso. O verbo “*reduzindo*” é uma importante pista textual que remete a associação do referente à redução de carga horária e à redução de salário dos professores, por ativar informações contextuais sobre a classe, tais como a reivindicação por melhores salários e a desvalorização da profissão no mercado de trabalho. Sob o olhar de S, é como se a teleaula estivesse contribuindo para desvalorizar ainda mais a classe de professores.

No fragmento (2) ela retoma o referente teleaula e em seguida o recategoriza –“*foi uma coisa assim muito rápida*” – criando um novo rótulo. O fato de ter optado pelo substantivo “*coisa*” parece evidenciar certo tom depreciativo à forma como esse expediente foi introduzido no curso, o que pode sinalizar sua não concordância com tal situação.

Em (3), ao usar as expressões nominais “*essa carona*” e “*era digital*”, ela expressa uma postura crítica sobre a forma de inclusão da teleaula com base na entrada das novas tecnologias de informação e comunicação na educação. Em seguida há uma reativação da primeira categorização feita: “*mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era*

redução de custos”. Ao mesmo tempo em que reativa, ela acaba por propiciar a recategorização do objeto em foco, pois há uma associação de redução de custos à redução de carga horária e de salário do professor, mostrada anteriormente.

No fragmento (4) há nova recategorização: “*eu acredito que foi a partir do momento que eles... que a faculdade abriu o jogo conosco que precisaria da nossa ajuda pra esse trabalho*” e em seguida a professora S reativa o referente teleaula: “*e... nós... assumimos trabalhar juntos com a faculdade e começamos a defender a ideia das teleaulas*”. A recategorização ocorre quando ela usa a expressão nominal “*esse trabalho*”. O tom depreciativo que até então imperava começa a perder força e também se faz notar na reativação do referente na expressão “*ideia das teleaulas*”. Essa possibilidade de mudança de postura é sugerida pelos substantivos “*trabalho*” e “*ideia*”, pistas importantes de interpretação, que apontam uma provável causa para essa mudança, indiciada pela oração “*que a faculdade abriu o jogo conosco*”. A construção “*abriu o jogo*” constitui-se um divisor de águas em razão de marcar o momento em que os professores tomam conhecimento de que precisam aceitar a teleaula para garantir seus empregos, bem como explicita a existência de um jogo, que envolve, portanto, adversários. Posto isso, os professores perceberam que precisavam começar a “jogar” junto com a equipe gestora.

No fragmento (5), “*que eles têm... nem têm chamado agora no momento de teleaula... né... eles têm chamado de... extracurricular*”, ao empregar o adjetivo “*extracurricular*”, a professora S poderia estar simplesmente apresentando um novo modo de nomear a teleaula, proposto por seus superiores, aqui representados pelo pronome “*eles*”. Com esse exemplo podemos perceber como a construção do objeto de discurso teleaula é dinâmica, pois o referido rótulo é desativado pela locutora. Assim, ao optar por não usar o termo “*extracurricular*”: “*mas eu tenho trabalhado como teleaula*”, a professora S estabelece um evidente contraste entre o que pretendem os superiores (mudança de estratégia a partir da mudança de nome), marcados pelo pronome “*eles*”, e o que admitem os professores (defesa de seus interesses), marcados pelo pronome “*nós*”.

No fragmento (6) “*então eu vejo a teleaula como um... um auxiliar*”, a professora S toma a teleaula como algo menor, que está em condição de coadjuvante em relação à aula. Assim, mais uma recategorização ocorre, sendo percebida pela escolha do substantivo “*auxiliar*” e pelo uso da anáfora “*isso aí*”, que retoma o referente e confere um sutil tom de menosprezo à declaração de que a teleaula torna as aulas mais agradáveis.

Ao se referir ao vídeo e à apostila que compõem a teleaula, no fragmento (7), a professora S reativa o referente, ao declarar: “*eu só compreendo esses expedientes como*

complementares ao meu trabalho... como auxiliares ao meu trabalho". Os adjetivos destacados podem revelar como a professora faz uma distinção entre a sua aula e a teleaula, atribuindo a esses expedientes uma menor escala, limitando-os a uma participação secundária, acessória.

Podemos observar que a professora novamente recategoriza o referente, ao afirmar, no fragmento (8): *"eu até pretendo... mesmo que a faculdade venha a parar de trabalhar com esse material... eu pretendo trabalhar"*, conferindo à teleaula o atributo de recurso didático. É interessante notarmos também o uso do operador "até", importante pista textual que sinaliza seu parcial consentimento com o uso do material. Vale considerarmos as condições de produção desse enunciado, uma vez que a pesquisadora atua na mesma instituição e trabalha com disciplinas afins.

No fragmento (9), a professora dá mais um passo em direção à construção do referente teleaula, ao recategorizá-lo: *"então eu vejo que sim, pode ser... eh... eh... um recurso sim"*. Não podemos deixar de notar o uso da modalização epistêmica, marcada pelo operador "poder" que relativiza o valor de verdade da proposição (SANTOS, 2000), evidenciando como a professora S ressignifica a adoção da teleaula em sua prática pedagógica, movida em razão dos questionamentos que a pesquisa proporciona.

Veremos agora como as RS de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem se materializam no discurso da professora S, participando, de certa forma, da construção do objeto de discurso teleaula.

Quando a professora S enuncia em (6) que *"nós temos outras formas pra nos ajudar sem ser só o quadro... o giz... né... o cuspe... (...) agora o quadro com pincel"*, podemos perceber a materialização da RS de (tele)aula tradicional, isto é, aquela em que o professor ministra uma lição através de uma aula expositiva. Os termos "cuspe" e "giz" são as pistas textuais que sustentam essa representação, pois fazem clara alusão à fala e à escrita no quadro, costumeiras ações que caracterizam o trabalho do professor em uma aula expositiva.

No fragmento (7), a professora declara: *"eu não vejo assim uma outra forma de trabalhar a não ser... eh... usando isso aí a meu favor... e com isso a minha disciplina... eu acredito que ela tem saído assim... tem sido passada para os alunos de uma forma mais... mais rica"*. Temos aí a materialização de uma RS de ensino/ aprendizagem como transmissão/recepção de conhecimentos, pois o aluno é visto como passivo no processo, o que se faz visível na construção *"a minha disciplina (...) tem sido passada para os alunos de uma forma mais... mais rica"*. O uso do pretérito perfeito composto "tem sido passada" indica que esse posicionamento da professora continua se repetindo até o presente, ou seja, embora

afirme que está trabalhando de forma “*mais rica*”, ela continua mantendo sua concepção de que os alunos aprendem recebendo conhecimentos do professor.

Como vimos, as RS de professor como figura central do processo de construção do conhecimento, (tele)aula tradicional expositiva e ensino/aprendizagem como transmissão/recepção de conhecimentos atravessam o discurso da professora S e contribuem para que a teleaula seja colocada em uma condição de apoio à aula. Dessa forma, acompanhamos a construção do objeto de discurso teleaula como um recurso, como um material didático, sob o ponto de vista da professora S.

Passemos agora ao discurso das alunas.

Quadro 27 - Marcas linguísticas presentes nos posicionamentos das alunas

A teleaula nos discursos produzidos durante entrevistas com as alunas	
(10)	A1: a teleaula... pra mim... ela não passa de uma preparação pra aula... a gente tira as dúvidas depois com o professor... mas é necessária a presença de um professor... sem dúvida
(11)	A1: a teleaula (...) é só o que passa... como se fosse um livro ... a gente tá ali lendo e se tiver dúvida quem tira é a professora
(12)	A2: olha... não deixa de ser interessante... porque ele... como a colega tinha dito... ele ajuda no reforçar aquilo que o professor traz pra gente com a apostila ou até mesmo a presença do professor... o conteúdo do professor
(13)	A2: igual uma colega minha conta... né... você não tem como prestar atenção na aula... você poder levar esse material pra casa e tá analisando... vendo sozinho... é interessante sim
(14)	A2: a teleaula... o único problema é que é mecânico ... não tem como você questionar... perguntar... opinar
(15)	A3: eu acho que a teleaula vem assim... dá oportunidade de você ver às vezes uma aula que você perdeu num outro dia... né... um outro horário mais adequado... mesmo se você viu e ficou dúvida... você tem... eh é um reforço ... né?
(16)	A3: vai ser o primeiro (vídeo) que eu vou ver em casa... P: o que que te motivou a pegar esse (vídeo)? A3: depois do exemplo pra gente conhecer... saber que tem alguma coisa a mais que tem na apostila... além do que a professora falou
(17)	A4: olha... creio eu que ela serve para tá aprimorando mais... né... as nossas aulas... alguma coisa que a gente não pegou por falta de atenção ao professor titular... né... pro que tá passando lá pra gente... passou despercebido... então a teleaula pra gente poder ver e tá frisando... né... mais... explorando mais o português
(18)	A4: porque na teleaula... no vídeo ... eles aprimoram muito
(19)	A5: eu acho que só pra reforçar mesmo
(20)	A5: só complementação da aula dela mesmo
(21)	A6: é um recurso didático
(22)	A6: a professora explicou a matéria... pediu para a gente ver o vídeo pra REFORÇAR

Fonte: elaborada pelo autor

Podemos notar, no fragmento 10, que a aluna A1 introduz o referente teleaula por meio da frase assertiva “*a teleaula... pra mim... ela não passa de uma preparação para a aula*”. Ao rotulá-la como “*preparação*”, a aluna demonstra perceber a teleaula de forma diferenciada da aula propriamente dita. Cabe ressaltarmos que, nessa primeira categorização do objeto, A1 também atribui à teleaula um lugar menor do que a aula, assim como demonstrou a professora S nos segmentos analisados. Tal posição de A1 é marcada pelo uso do advérbio “*não*” e do verbo “*passa*”, que sinalizam sua atitude perante o enunciado produzido.

Em outro momento da entrevista, no fragmento (11), A1 retoma o referente teleaula e o recategoriza ao construir a frase assertiva “*a teleaula (...) é só o que passa... como se fosse um livro... a gente tá ali lendo e se tiver dúvida quem tira é a professora*”. O operador “*só*” reforça a interpretação da posição de lugar menor conferido à teleaula e abre caminho para a comparação da teleaula a um livro. Assim, fica implícito no discurso de A1 o rótulo de teleaula como material didático. Além disso, podemos notar que fica marcado em seu discurso o lugar que é dado à professora, como aquela que tem a resposta, a palavra certa.

O fragmento (12) mostra como a aluna A2 introduz o referente teleaula: “*olha... não deixa de ser interessante... porque ele... como a colega tinha dito... ele ajuda no reforçar aquilo que o professor traz pra gente com a apostila ou até mesmo a presença do professor... o conteúdo do professor*”. É válido assinalar que A2 introduz o referente realizando a retomada de uma ideia defendida por sua colega: a de que a teleaula ajuda o trabalho do professor; no entanto, é A2 quem a categoriza como um reforço. Além disso, o verbo “*deixar*”, ao ser empregado como auxiliar na construção “*não deixa de ser interessante*”, indica que há uma oposição entre o que A2 diz e o modo como ela diz, ou seja, ao declarar ser a teleaula interessante, esse operador verbal sinaliza sua posição contrária ao uso da teleaula no curso.

No fragmento (13): “*igual uma colega minha conta... né... você não tem como prestar atenção na aula... você poder levar esse material pra casa e tá analisando... vendo sozinho... é interessante sim*”, podemos observar que A2 recategoriza o referente ao rotulá-lo como um material. Nesse movimento de recategorização, fica evidente que ela toma para si, novamente, uma ideia construída por uma colega de curso: “*igual uma colega minha conta*”. Além disso, quando essa aluna afirma que a teleaula “*é interessante sim*”, podemos notar uma oposição entre a opinião revelada para a pesquisadora e a posição compartilhada com os colegas, de que a teleaula é algo “*mecânico*”, como evidencia o próximo exemplo.

Quando A2 declara, no fragmento (14), que “*a teleaula... o único problema é que é mecânico... não tem como você questionar... perguntar... opinar*” temos aí outra recategorização do referente sinalizada pelo adjetivo “*mecânico*”. Essa assertiva apresenta seu posicionamento discordante em relação ao uso da teleaula, visto que o adjetivo recortado indicia sua preferência pelas aulas presenciais. A expressão “*o único problema*” contribui para percebermos como A2 enquadra o referente em nova categoria. Acreditamos que esse posicionamento é resultante, como visto em outros exemplos aqui trazidos, de uma forte RS sobre recursos e práticas envolvendo tecnologia a distância, na qual estes são relacionados como algo mecânico, frio, sem calor humano. Dessa forma, percebemos como A2 mobiliza conhecimentos socialmente partilhados (KOCH, 2008), à medida que constrói o objeto de discurso teleaula.

No fragmento (15), a aluna A3 afirma: “*eu acho que a teleaula vem assim... (...) você tem... eh é um reforço... né?*”. Percebemos nessa frase a introdução do referente e sua primeira categorização, determinada pelo substantivo “*reforço*”. O emprego da forma “*eu acho*” revela o baixo nível de adesão ao que é dito (SANTOS, 2000), sendo assim A3 demonstra não acreditar realmente no papel da teleaula como um reforço às aulas do curso.

Em outro momento da entrevista, no fragmento (16): “*depois do exemplo pra gente conhecer... saber que tem alguma coisa a mais que tem na apostila... além do que a professora falou*”, A3 retoma o referente rotulando-o como “*alguma coisa a mais*”. Vale atentarmos para o emprego da expressão “*depois do exemplo*”, importante pista textual que nos indica que a aluna mobiliza informações compartilhadas provavelmente com a professora S e/ou com as colegas nas interações em sala de aula a fim de construir o objeto de discurso teleaula.

A aluna A4 constrói o referente teleaula, no fragmento (17), com a frase assertiva “*creio eu que ela serve para tá aprimorando mais... né... as nossas aulas...*”. O emprego da forma “*creio eu*” enquadra a declaração da aluna no eixo do crer (KOCH, 2009), isso significa que a locutora propicia ao interlocutor a possibilidade de aderir ou não ao discurso que lhe é dirigido, uma vez que o conteúdo enunciado na modalidade epistêmica indica possibilidade. Nessa perspectiva, A4 recategoriza o referente teleaula como um aperfeiçoamento, sinalizado pela escolha dos verbos “*aprimorando*” e “*explorando*”.

No fragmento (18): “*porque na teleaula... no vídeo... eles aprimoram muito*”, ao retomar o referente, A4 realiza nova recategorização, ao rotulá-lo como “*vídeo*”. Percebemos nesse fragmento certa hesitação ao retomar o referente, uma vez que A4 hesita entre o uso dos termos “*teleaula*” e “*vídeo*”. Contudo, a repetição do verbo “*aprimoram*” é uma pista que

sinaliza sua compreensão de teleaula como um recurso que acrescenta algo positivo à aula da professora.

É interessante a forma como a aluna A5 introduz o referente: “*eu acho que só pra reforçar mesmo*”, no fragmento (19), pois ao mesmo tempo em que o rotula como um reforço, a forma “*eu acho*” e o operador “*mesmo*” revelam que ela não assume para si o que o enunciado diz, deixando ao interlocutor a alternativa de aceitar ou não sua afirmação.

Podemos notar que no fragmento (20) a aluna A5 realiza outra recategorização do referente, ao construir a frase assertiva “*só complementação da aula dela mesmo*”. Vale ressaltarmos como o uso dos operadores “*só*” e “*mesmo*” contribui para auxiliar a interpretação de que a locutora se posiciona de forma a dar um lugar menor à teleaula, assim como outras colegas e a professora S.

No discurso da aluna A6, no fragmento (21): “*é um recurso didático*”, temos a introdução do referente por meio da expressão nominal “*recurso didático*”. Cabe ressaltarmos que A6 retoma esse referente em outro momento da entrevista, no fragmento (22): “*a professora explicou a matéria... pediu para a gente ver o vídeo pra REFORÇAR*” e, ao recategorizá-lo como um “*vídeo*”, fica evidente o momento em que ela ativa conhecimentos socialmente partilhados com sua professora nesse processo de construção do objeto de discurso teleaula.

Passemos agora à análise das RS de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem que atravessam o discurso das alunas durante o processo de construção do objeto de discurso teleaula.

Diante de determinados enunciados construídos pelas alunas, percebemos a materialização da RS de (tele)aula tradicionalmente expositiva, em que um professor discorre sobre um tema a um determinado grupo de alunos. Tal manifestação se faz notar nos seguintes fragmentos: “*mas é necessária a presença de um professor... sem dúvida*” (A1); “*aquilo que o professor traz pra gente*” (A2); “*além do que a professora falou*” (A3); “*alguma coisa que a gente não pegou por falta de atenção ao professor titular... né... pro que tá passando lá pra gente*” (A4); “*só complementação da aula dela mesmo*” (A5) e “*a professora explicou a matéria...*” (A6). Vale destacarmos que os verbos que se referem à atividade da professora: “*traz*”, “*falou*”, “*passando*”, “*explicou*” são pistas textuais que ajudam na interpretação dessa RS, em que a professora é vista pelas alunas como a figura central da aula, já que a ela caberia a função de lhes transmitir conhecimentos. Trata-se, portanto, da visão de professor como um transmissor de conhecimentos.

Em consonância com essa ideia, também verificamos no discurso das alunas a RS de ensino/aprendizagem como transmissão/recepção de conhecimento, que emerge dos seguintes enunciados: “a gente tira as dúvidas depois com o professor” (A1); “*você não tem como prestar atenção na aula*” (A2); “*uma aula que você perdeu*” (A3); “*alguma coisa que a gente não pegou*” (A4); “*pediu para a gente ver o vídeo pra REFORÇAR*” (A6). As construções “*tira as dúvidas*”, “*prestar atenção*”, “*aula que você perdeu*” e “*a gente não pegou*” são importantes pistas textuais que mostram a crença das alunas de que uma parcela considerável de sua aprendizagem é adquirida por transmissão/recepção, uma vez que as construções em destaque evidenciam a posição passiva do aluno diante da construção do conhecimento.

Afinal, como essas RS alimentam a coconstrução do objeto de discurso teleaula em atividades interacionais em que ele é tematizado/evocado? Vejamos um significativo fragmento retirado da transcrição da gravação em vídeo da aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula:

Quadro 28 - Mais marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S

A teleaula no discurso produzido durante gravação em vídeo da aula presencial em que professora e alunas assistem juntas e retomam uma teleaula	
(23)	S: peguem os DVDs... na biblioteca.... assistam... nos finais de semana... ou quando vocês estiverem folgados... porque... vocês perceberam... COMO enriquece o texto quando você assiste ao DVD?

Fonte: elaborada pelo autor

Podemos visualizar nessa orientação da professora S uma importante amostra de como ela compartilha com as alunas sua ideia de teleaula, a partir do momento em que diz às alunas como devem utilizar esse material didático e ainda expõe seus benefícios. Tal movimento é marcado pelo uso do verbo no imperativo “*peguem*” e pela presença da frase interrogativa “*vocês perceberam COMO enriquece?*”, que evidenciam como o enunciado enquadra-se no eixo da conduta, configurando marcas da modalização deôntica (KOCH, 2009), uma vez que nessa orientação a professora, de certa forma, tem a intenção não de realizar um convite, mas de persuadir as alunas a assistirem às teleaulas. Nessa medida, o que está sendo dito é tomado como algo incontestável, sobretudo se considerarmos a posição social e enunciativa de quem diz – a professora –, em relação a quem se diz – as alunas.

Quadro 29 - Mais algumas marcas linguísticas presentes nos posicionamentos da professora S

A teleaula no discurso produzido durante sessão de autoconfrontação com a professora S	
(24)	<p>P: vamos avançar mais um pouco... na gravação... eh... como que você vê a turma em relação à teleaula e em relação às suas intervenções?</p> <p>S: olha... eu percebo que eles gostam dessa intervenção... eles sentem a presença do professor... né porque aquele que está lá na frente falando pra eles é muito frio... é muito distante... então... o o... quando... eu faço essas intervenções... eu estou sendo um elo entre o professor que está falando lá na tela e o professor presente na sala de aula... é uma forma que eu tenho de falar com eles... olha... eu estou aqui... eh... aquele aparelho ali... ele não dispensa a minha presença... apesar da da gravação ser interessante... apesar da fala ser interessante... a minha presença aqui é um... é um suporte pra eles... é uma garantia pra eles... então eu procuro me colocar sempre de forma que eles sintam falta da minha presença.</p>
(25)	<p>P: como você vê o papel da teleaula dentro da aula?</p> <p>S: é interessante...né... eu vejo assim... como... uma ferramenta auxiliar ao meu trabalho... porque a forma como vem sendo trabalhado... eh... nós percebemos... por exemplo... nós que somos voltados aí para a para a linguística... todos os DVDs são muito voltados para a teleaula (<i>sic</i>)... e... eu gosto dessa forma que eles trabalham porque veio nos dar mais oportunidade para não ficarmos muito presos à gramática... hoje... a partir das teleaulas... eu eu percebo que houve um crescimento dos alunos em relação à linguística... né... texto... contexto... coesão... coerência... eh... os fatores pragmáticos... a aceitabilidade... a intencionalidade... a intertextualidade... eram assuntos que... antes das teleaulas... não eram tão abordados com eles... então eu vejo assim... veio enriquecer muito as minhas aulas com as teleaulas... pra mim assim foi muito bom o... o... a... a... como é que eu diria? o uso delas... para ajudar... para trabalhar... essa parte mais voltada para a linguística...</p>
(26)	<p>P: bom... após assistir... né... a toda a gravação da aula... como você a vê como um todo?</p> <p>S: olha... eu acho que é uma aula bem rica... bem produtiva... eh... eh... há uma participação não tão assim de fala dos alunos... mas pela forma que os se comportam na sala ... eh...você percebe que eles estão interessados... então eu vejo assim... que a aula... na retomada da teleaula aí... elas se complementam... torna a aula mais agradável... eh... há uma participação mais efetiva... tanto deles quanto minha... sabe? eu vejo dessa forma... há um crescimento... eu poderia assim dizer</p>

Fonte: elaborada pelo autor

Verificamos no fragmento (24) que a Professora S, a princípio, retoma o referente teleaula por meio da expressão “*aquele aparelho ali*”, ou seja, faz uma alusão a recursos e práticas envolvendo tecnologias a distância e manifesta sua preferência pelo ensino presencial. Contudo, pouco mais adiante, no fragmento (25), ela declara que a teleaula é “*uma ferramenta auxiliar ao meu trabalho*”, modificando o referente à medida que o diálogo com a pesquisadora se desenrola, pois o que antes fora tomado apenas como um produto tecnológico passa a ser encarado como um recurso didático.

Em outro exemplo recortado do fragmento (25), a professora admite que “*veio enriquecer muito as minhas aulas com as teleaulas*”. Ao conceber a teleaula como um enriquecimento de sua aula, ela reforça a ideia de recurso que está sendo atribuída ao referente. O reforço dessa ideia também ocorre no exemplo (26), quando assume que aula e teleaula “*se complementam*”, pois está defendendo que os recursos, aliados a práticas adequadas, podem exercer importante papel no ensino/aprendizagem dos alunos.

Novamente o discurso da Professora S é atravessado por RS de ensino/aprendizagem a distância como algo frio, sem possibilidades de interação entre professor e alunos, de professor como transmissor de conhecimentos e de tele(aula) como exposição oral de conteúdos que precisam ser ensinados aos alunos.

Percebemos nos fragmentos anteriores que professora e alunas compartilham, de modo geral, as mesmas RS de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem, isto é, para elas o aluno deve receber o conhecimento do professor, figura central do processo de construção do conhecimento. Por tudo o que verificamos, acreditamos que as RS se infiltram nas ideias, nos valores, nas crenças, nas imagens que os indivíduos criam sobre o mundo bem como orientam seus julgamentos e suas ações. Assim, o objeto de discurso teleaula foi coconstruído pelas alunas e pela professora como um material didático que tanto pode ser utilizado pela professora em sala de aula quanto em casa pelas alunas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de estudar a adoção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna, analisando suas principais características bem como a percepção dos agentes envolvidos – professora e alunas – sobre esse recurso.

Conforme discorremos na abertura do texto, as mudanças que se operam na educação, em especial as transições para o novo, motivaram esta investigação, já que pretendíamos discutir o uso da teleaula como recurso de trabalho das práticas de ensino/aprendizagem de um curso regular de graduação.

O foco nas RS como elemento articulador de uma abordagem interdisciplinar que nos permitisse examinar os posicionamentos assumidos pelos sujeitos da pesquisa foi alicerçado em estudos de elementos linguístico-discursivos sob uma perspectiva interacionista/discursiva.

Para atingirmos os objetivos propostos, buscamos construir uma matriz teórica para fundamentar a análise, passando pela discussão da noção de RS, de questões sobre recursos de referenciação, de mecanismos enunciativos e *ethos* discursivo, de abordagens que se ocupam dos discursos.

Como defendemos ao longo do trabalho, as condutas do sujeito são sempre atravessadas por RS capazes de influenciar seu modo de pensar e de agir. Seus valores, suas crenças são resultado de negociações intersubjetivas que acontecem ao longo de sua vida e assim não são apenas repensados e rerepresentados, são reconstituídos socialmente.

Ao observarmos os posicionamentos assumidos pelos agentes da pesquisa, verificamos que as marcas deixadas pelas RS resultam da negociação de atividades intersubjetivas que se estabelecem nas interações sociais e que, certamente, isso não apenas interfere no modo como se posiciona sobre a teleaula, como apontará caminhos para o uso desse recurso. Sob esse ponto de vista, a análise dos discursos construídos sobre esse evento nos mostra também o modo como o professor, a (tele)aula e o ensino/aprendizagem são representados.

Através da análise dos dados, pôde-se mostrar que as RS estudadas subjazem às interações humanas, atravessam suas atividades, manifestam-se em suas ações e transformam-se à medida que as condições de produção do discurso instauram novas atividades intersubjetivas.

Os dados sobre o estudo nos sugerem que os sujeitos da pesquisa supõem um interlocutor ávido a receber opiniões, valores, crenças, imagens e posicionamentos. Sendo o discurso o lugar apropriado para a circulação das RS, é comum que os posicionamentos

venham, muitas vezes, construídos como verdade. Os locutores defendem seu ponto de vista, manifestam as RS de professor, (tele)aula e ensino/aprendizagem que alimentam seu discurso; no entanto, há momentos em que as RS atravessam as próprias RS, o que confirma seu dinamismo, sua flexibilidade, sua transformação.

É importante ressaltar que os agentes da pesquisa constroem coletivamente o objeto discursivo teleaula como um recurso que complementa o trabalho do professor titular e facilita a aprendizagem dos alunos.

Após o trabalho de análise do *corpus* deste estudo, podemos afirmar que os sujeitos da pesquisa agenciam, dialogicamente, recursos linguísticos e discursivos que indicam os diferentes posicionamentos assumidos, o que confirma que as RS de fato se materializam em seu discurso, infiltrando-se nas ideias, nos valores, nas crenças e nas imagens que criam sobre a teleaula.

Longe de esgotar este estudo, e sem a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura da pesquisa aqui descrita, foram apontados apenas alguns direcionamentos que dizem respeito ao uso da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem, em especial, a incidência de RS sobre o modo como as participantes da pesquisa se posicionam sobre a teleaula, o que, certamente, poderá contribuir para os estudos sobre o uso de recursos advindos das novas tecnologias de comunicação e informação, ainda que em caráter experimental, pois muitas são as nuances em relação às abordagens linguístico-discursivas, um vasto campo a ser explorado, aprofundado e detalhado. Outros aspectos relativos à ordem interacional também podem ser investigados e desvendados.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003b. p.60-61.
- ABRIC, Jean-Claude. L'analyse structurale des représentations sociales. In: MOSCOVICI, Serge; BUSCHINI, Fabrice (orgs.) **Les méthodes des sciences humaines**. Paris: PUF, 2003a. p. 375-392.
- ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. In: Revista **COMUM**, v. 10, n. 23. Rio de Janeiro: 2004. p. 122-138.
- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, M.(V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, Raquel Goulart; GUIMARAES, Glaucia Campos; MAGALHAES, Ligia Karam Corrêa de and LEHER, Elizabeth Menezes Teixeira. **As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, v. 11, n. 31, pp. 31-42. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a04v11n31.pdf>> Acesso em 16 jan. 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1988.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989.
- BOTH, Wayne, COLOMB, Gregory & WILLIANS, Joseph. Pesquisa e ética. In: **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASÍLIA. UNESCO Brasil, SESU, 2003. **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização**. Anais. Disponível em: < <http://www.brasilia.unesco.org/publicacoes/livros/educasuperior>> Acesso em 20 dez. 2008.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**; trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2009.
- BRONCKART, Jean-Paul. Por que e como analisar o trabalho do professor. In: MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes M. (Orgs.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 203-229.

- CABECINHAS, Rosa. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia** (Ribeirão Preto). 2004, vol.14, n.28, pp. 125-137.
- CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHRISTIANS, C. G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. , LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006. p. 141-162.
- CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Trad. Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CORTELLA, Mário Sergio. **Qual é a tua obra?** Vozes, 2007. CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- CUNHA, Líliliana; MATA, Rita Gil; CORREIA, Fernanda. Instrumentos de investigação – Luz, câmara, acção: orientações para a filmagem da actividade real de trabalho. In: **Laboreal**, v. 11, n. 1, 2006, p. 24-33.
- DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade**. 11ª ed. Campinas: Papirus, 2007.
- DREY, Rafaela Fetzner. **Eu nunca me vi, assim, de fora**. Representações sobre o agir docente através da autoconfrontação. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- DURKHEIM, ÉMILE. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e Filosofia**; trad. Fernando Dias Andrade. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 13-48.
- ECKERT-HOFF, Beatriz M. **Escritura de si e identidade**: o sujeito-professor em formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- FAIRCLOGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- FAÏTA, Daniel. O desenvolvimento de uma situação do trabalho docente no diálogo entre professores: uma atividade discursiva sobre a atividade educativa. In: **Análise dialógica da atividade profissional**. Rio de Janeiro: Imprinta Editra, 2005. p. 117-145.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANCO, Maria Laura. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2004. P. 169-186.
- GOFFMAN, Erving. *Footing*. IN: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, Serge. (comp.). In: **Psicología Social II**. Barcelona: Paidós, 1996. p. 469-494.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-241.

KLEIMAN, Angela B. As metáforas conceituais na educação lingüística do professor: índices da transformação de saberes na formação. In: KLEIMAN, Angela B.; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 203-228.

KLEIMAN, Angela B.; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.). **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. 271 p. (Coleção idéias sobre linguagem)

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. **Revista Investigações**, Recife, v. 21, n. 2, p. 99-114.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008b.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: ArtMed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

LYMAN, Stanford M. e VIDICH, Arthur. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: DENZIN, N. K. , LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Bookman e Artmed: 2006. p. 49-90.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de *ethos*. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA; Maria Cecília Pérez de (Org.). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 55-73.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim e NAME, Maria Cristina. **Lingüística e cognição**. (Orgs.) Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005a. p. 49-78.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KLEIMAN, Angela B.; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Letramento e formação**

do professor: praticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005b. p. 53-101.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Abordagens do discurso e formação de professores de português. In: **Anais do II Simpósio sobre Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2002b. *Cdrom*. (Digitalizado).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas : um estudo do resumo. In: **Revista Scripta**, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002a. p. 109-122.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna:** uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Gêneros na formação do professor: construção de saberes e de representações em atividades interacionais. COUTINHO, Maria Antónia & MIRANDA, Florência (Orgs.). In: **Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa**. Lisboa: Ed. da UNL. 2008a. (Digitalizado).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Letramento na formação do professor – integração a práticas discursivas acadêmicas e construção da identidade profissional. In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves & BOCH, Françoise (Orgs.). **Ensino de língua:** representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006b. (Digitalizado).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Linguagem, cognição e emoção: representações e sentido na abordagem de Vygotsky. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato & EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análise do discurso:** *ethos*, emoções e argumentação. Belo Horizonte: UFMG: NAD. 2008c. (Digitalizado).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Os movimentos dos sentidos:** unidades lexicais complexas e representações sociais. 2008b. (Digitalizado)

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Práticas de leitura e escrita: abordagens discursivas das representações sociais. In: **Anais do II Simpósio Internacional sobre Práticas Escritas na Escola:** letramento e representação. São Paulo: USP, 2006a.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003, p. 110-120.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. A dinâmica das e nas representações sociais: o que nos dizem os dados textuais? In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (3): 229-238, set.-dez. 2009.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; SILVA, Jane Q. G. Referência pessoal e jogo interlocutivo: efeitos identitários. In: KLEIMAN, Angela B. e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Letramento e formação do professor:** práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 246-266.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista INES-ESPAÇO**, n.º 16, p. 42-59, jul./dez., 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS, Simone Gonçalves de, SOUZA, Edinilsa Ramos de (orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito das representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCH, Sandra (org). **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* (Org.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. IN: SCHNITMAN, Dora F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Tradução de Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, Serge. La representación, un concepto perdido. Publicado originalmente em: **El Psicoanálisis, su imagen y su público.** Buenos Aires: Ed. Huemul, 1979.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências,** Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINHEIRO FILHO, Fernando. A noção de representação em Durkheim. In: **Lua Nova,** 2004, n. 61, p.139-155.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky - Digital Natives, Digital Immigrants - Part1.pdf>>. Acesso em 21 agos. 2010.

PY, Bernard. Pour une approche linguistique des représentations sociales. In: **Langages: Représentations métalinguistiques ordinaires et discours,** 154, Larousse: Paris, 2004.

PY, Bernard. Représentations sociales et discours. Questions épistémologiques et méthodologiques. In: **Travaux neuchâtelois de linguistique,** n. 32. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 2000. p. 5-20.

RATEAU, Patrick. Les représentations sociales. In : AMY, Gérard; PIOLAT, Michel (Orgs.). **Psychologie Sociale.** Paris: Bréal, 2000. p. 164-218.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **O discurso docente (re)velado no gênero memorial.** 2008. 293f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

ROCHA, Lisiane dos Santos *et al.* Emprego de verbos e modalização discursiva. **Cadernos**

Fapa, Porto Alegre: Faculdades Porto Alegrenses, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cadernosfapa/artigos/2edicao/linguagem/EmpregoVerbosModalizacaoDiscursiva.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

SÁ, Celso Pereira. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. Cap. 1, 2, 3, 4 e 5. p. 21-95.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 2, p.1-5, 2000.

SCHWANTT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. , LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Bookman e Artmed: 2006. p. 193-218.

SEGUIN, Eve. Unité et pluralité de l'analyse de discours. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. In: **Langage et société**, n. 69. Paris: Maison des sciences de l'homme. 1994. p. 37-58.

SERRA, Cecilia. Traitement discursif et conversationnel des représentations sociales. In: **Travaux neuchâtelois de linguistique**, n.32. Neuchâtel : Université de Neuchâtel, 2000. p. 77-90.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Dec. 2002, vol. 23, nº 81, p. 143-160. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>> Acesso em 07 jul. 2007.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 117-145.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. In: **Cadernos de saúde pública**, v. 9. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1993. p. 300-308.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 63-92.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 183-214.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VALA, J. Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. In: J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.), **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1), p. 27-32. 2001.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI**. Hipertextus Revista Digital [online]. 2007, v. 1. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>> Acesso em 17 jan. 2009.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento digital e ensino**. UFPE: Recife. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento %20digital %20 e%20 ensino.pdf](http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf)> 2003. Acesso em 21 set. 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAR A PROFESSORA S

1. Ao ser comunicada sobre a inclusão da teleaula no curso Normal Superior, qual foi sua primeira reação?
2. A teleaula já constava do Plano de Curso de sua disciplina ou foi necessário refazê-lo? Você poderia detalhar como foi esse processo de planejamento?
3. Na sua visão, qual o motivo da inclusão da teleaula no curso Normal Superior?
4. Quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?
5. De que forma foi informada aos alunos a inclusão da teleaula?
6. Quantas aulas você tem por semana com a turma? Quantas são destinadas à teleaula? O que determina essa divisão?
7. Você já usava meios tecnológicos em sua prática? Quais? De que forma?
8. Você defende que o uso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente. De que forma a teleaula proporciona isso?
9. Você defende, em seu plano de ensino, que a teleaula pode tornar as aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas e eficientes. Como?
10. A teleaula é composta por vídeo e apostila. Como você usa esses expedientes/recursos?

11. Como você compreende esses expedientes/recursos no processo de ensino/aprendizagem de sua disciplina?
12. Quantas são as teleaulas e com quantas você já trabalhou até agora?
13. Qual tem sido a reação dos alunos? Dê exemplos.
14. E com relação às apostilas? Dê exemplos.
15. Como é realizada a motivação/orientação dos alunos no contato com esses expedientes/recursos?
16. Para você, a disciplina tem dois professores: a professora da sala de aula e o professor da teleaula? Os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?
17. É possível perceber uma espécie de hierarquia entre os dois professores? De que forma?
18. Os alunos comparam, em algum momento, o discurso do professor da teleaula com o seu? Poderia exemplificar?
19. Em sua aulas, é necessário legitimar o conteúdo trabalhado na teleaula? Como isso acontece?
20. Apesar de estar na proposta, a apostila não traz exercícios. Como você lida com a questão?
21. Quais são as estratégias que usa para estabelecer o diálogo com a teleaula?

22. Como se dá a avaliação de cada teleaula?
23. É possível perceber diferenças teórico-conceituais entre a abordagem da teleaula e a sua? Fale um pouco sobre isso.
24. Você já percebeu mudanças na reação dos alunos?
25. Você já percebeu mudanças na sua reação?
26. Você já percebeu mudanças na reação das pessoas que representam a instituição?
27. A teleaula pode ser considerada um recurso de formação para o próprio professor da disciplina? Justifique com exemplos.
28. Você determina em seu objetivo geral que novas técnicas de ensino, aliadas ao ensino tradicional, oferecem um ensino de inquestionável qualidade. Você acredita que a teleaula seja o diferencial nos cursos de formação de professores?
29. Como era a professora S antes das teleaulas e como é a de agora?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAR AS ALUNAS

1. Quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana? Quantas são destinadas à teleaula?
2. Na sua visão, qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior?
3. Quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?
4. Você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? Quais? De que forma?
5. Você acredita que a teleaula, como recurso de novas tecnologias, possibilita um trabalho mais eficiente?
6. Você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas? Justifique.
7. A teleaula é composta por vídeo e apostila. Como você usa esses expedientes/recursos?
8. Como você compreende esses expedientes/recursos no processo de ensino/aprendizagem de sua disciplina?
9. A quantas teleaulas você já assistiu até agora?
10. Você gostou? Justifique.
11. Estabeleça comparação entre a teleaula e a aula presencial. Destaque suas principais semelhanças e diferenças.
12. Para você, a disciplina tem dois professores: a professora da sala de aula e o professor da teleaula? Os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?
13. Os alunos comparam, em algum momento, o discurso do professor da teleaula com o da professora titular? Poderia exemplificar?

14. Durante as aulas, a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula?
Estabelece diálogo com a teleaula? Como isso acontece?
15. Apesar de estar na proposta, a apostila não traz exercícios. Como a professora titular lida com a questão?
16. Como se dá a avaliação de cada teleaula?
17. É possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? Fale um pouco sobre isso.

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA REALIZAÇÃO DA
AUTOCONFRONTAÇÃO COM A PROFESSORA S**

1. Como percebe a turma na “escuta” inicial da teleaula?
2. Como escolhe os momentos de parar e intervir?
3. Por que faz a primeira parada? Com qual objetivo?
4. Por que anota no quadro?
5. Como vê a turma em relação à teleaula e em relação às suas intervenções?
6. Como vê o papel da teleaula na aula?
7. Como vê o papel do professor da teleaula na aula?
8. Você percebe alguma modificação no modo como a turma recebia a teleaula, no período anterior, e a recebe agora?
9. Como vê a aula como um todo?
10. Como se vê?

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEPE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES

Título do Projeto: A teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem: imagens, valores e crenças na formação de professores

Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa *A teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem: imagens, valores e crenças na formação de professores*.

Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa.

A pesquisa prevê gravação de entrevistas com alunas do Curso Normal Superior da UNIPAC/Governador Valadares, gravação de aulas realizadas pela disciplina Língua Portuguesa com a utilização de teleaulas, coleta de parte do material escrito produzido pela professora da disciplina Língua Portuguesa no planejamento das teleaulas, entrevista e autoconfrontação com a mesma professora sobre o planejamento e execução das teleaulas. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição.

É preciso entender a natureza da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

2) Objetivo

O estudo ora apresentado propõe-se a estudar a adoção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna, analisando suas principais características bem como a percepção dos agentes envolvidos – professor e alunos – sobre esse recurso. Pretende-se ainda examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando as representações sociais de professor, aluno, aula, aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados.

3) Procedimentos do Estudo

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitada a participar de uma entrevista gravada sobre sua atividade como docente nas teleaulas, permitir a gravação em vídeo das aulas realizadas pela disciplina Língua Portuguesa com a utilização de teleaulas, bem como participar de uma autoconfrontação simples.

4) Caráter Confidencial dos Registros

Você não será identificada quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Saiba, portanto, que, em hipótese alguma, haverá identificação de qualquer dos informantes da pesquisa – alunas e professores – na divulgação de seus resultados.

5) Participação

Sua participação nesta pesquisa consistirá em: permitir a gravação e transcrição de suas aulas; conceder entrevista e participar da autoconfrontação simples. É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo de pesquisa é completamente voluntária e de que você pode recusar-se a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem penalidades ou perda de benefícios aos quais você tenha direito de outra forma.

6) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso você venha a sofrer uma reação adversa ou danos relacionados ao estudo, ou tenha mais perguntas sobre o estudo, por favor, ligue para a pesquisadora Ursula Bianca Ribeiro Herzog, nos telefones 3278-2826 e 8413-3507, residente à rua José Barreto Guimarães, 133 – bairro Elvamar, Governador Valadares – MG.

7) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informada sobre os objetivos da pesquisa e minha forma de participação.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa - CEPE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS

Título do Projeto: *A teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem: imagens, valores e crenças na formação de professores*

Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa *A teleaula nas práticas de ensino/aprendizagem: imagens, valores e crenças na formação de professores*.

Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa.

A pesquisa prevê gravação de entrevistas com alunas do Curso Normal Superior da UNIPAC/Governador Valadares, gravação de aulas realizadas pela disciplina Língua Portuguesa com a utilização de teleaulas, coleta de parte do material escrito produzido pela professora da disciplina Língua Portuguesa no planejamento das teleaulas, entrevista e autoconfrontação com a mesma professora sobre o planejamento e execução das teleaulas. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição.

É preciso entender a natureza da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

2) Objetivo

O estudo ora apresentado propõe-se a estudar a adoção da teleaula em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna, analisando suas principais características bem como a percepção dos agentes envolvidos – professor e alunos – sobre esse recurso. Pretende-se ainda examinar como os agentes envolvidos na pesquisa posicionam-se acerca do uso da teleaula, analisando as representações sociais de professor, aluno, aula, aprendizagem subjacentes aos posicionamentos flagrados.

3) Procedimentos do Estudo

Se concordar em participar deste, estudo você será solicitada a participar de uma entrevista gravada sobre sua atividade discente nas teleaulas e a permitir a gravação em vídeo das aulas realizadas pela disciplina Língua Portuguesa com a utilização de teleaulas.

4) Caráter Confidencial dos Registros

Você não será identificada quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Saiba, portanto, que, em hipótese alguma, haverá identificação de qualquer dos informantes da pesquisa – alunas e professores – na divulgação de seus resultados.

5) Participação

Sua participação nesta pesquisa consistirá em permitir o registro em vídeo das aulas da oficina das teleaulas de Língua Portuguesa de que você participa, ao longo do 1º semestre de 2009 e, se convidado, a conceder entrevista.

É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo de pesquisa é completamente voluntária e de que você pode recusar-se a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem penalidades ou perda de benefícios aos quais você tenha direito de outra forma.

6) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso você venha a sofrer uma reação adversa ou danos relacionados ao estudo, ou tenha mais perguntas sobre o estudo, por favor, ligue para a pesquisadora Ursula Bianca Ribeiro Herzog, nos telefones 3278-2826 e 8413-3507, residente à rua José Barreto Guimarães, 133 – bairro Elvamar, Governador Valadares – MG.

7) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informada sobre os objetivos da pesquisa e minha forma de participação.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO C – TRANSCRIÇÕES

Texto 1

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA S – 2/10/2008

P: então vamos lá... S... começando

S: hã

P: eu vou falar um pouquinho mais alto por causa dessa rouquidão... sua voz está saindo mais alta do que a minha

P: ao ser comunicada sobre a inclusão da teleaula no curso normal superior... qual foi sua primeira reação?

S: { ah... a princípio...

P: { pode... só estou colocando o volume mais alto

S: a princípio foi assim... de revolta... desconfiança... porque eles estavam reduzindo a nossa carga horária... reduzindo o salário... então foi assim um momento muito difícil pra nós

P: a teleaula já constava do plano de curso de sua disciplina ou foi necessário refazê-lo? você poderia detalhar como foi esse processo de planejamento?

S: não havia nada de teleaula no plano de curso... foi uma... foi uma coisa assim muito rápida... e... aos poucos é que eu estou adaptando o meu plano de ensino ao trabalho da teleaula... ainda não fiz uma reformulação total no plano de ensino

P: na sua visão... qual foi o motivo da inclusão da teleaula no curso normal superior?

S: interessante isso aí... porque... apesar de trazer nova tecnologia... mas... a princípio... o objetivo não foi bem esse... o objetivo foi realmente redução de custos... porque o curso normal superior ele é um curso barato... então o que estava arrecadando não estava dando pra manter o curso... então aproveitaram eh essa carona aí da era... né... digital... da educação a distância... da teleaula... mas na verdade o que nos foi passado é que o objetivo era redução de custos

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

S: nós podemos dizer que a teleaula ela passou por três fases na faculdade... ela veio... não decolou... foi embora... voltou para o normal... né... as aulas todas presenciais e agora ela voltou de uma forma que... eu tenho tido boas expectativas... acredito que nós temos melhorado em relação ao uso da teleaula

P: de que forma... então... foi informada aos alunos a inclusão da teleaula?

S: { eu acredito que esse tenha sido o pior momento

P: { hum hum

S: porque os alunos chegaram na faculdade... principalmente os do primeiro período... né... que haviam feito um vestibular pra aula presencial e sem... foi feito uma reunião... falado pra eles... né... de que teria teleaula... mas foi muito em cima da hora... não houve assim um preparo para os alunos de como é que funcionaria... foi bem...a... a coisa foi assim bem complicada... os alunos ficaram até revoltados a princípio

P: foi você quem assumiu ou foi algum representante da instituição?

S: foi a co... a nossa coordenadora é que passou pra eles numa reunião... né... até lá no teatro atiaia... passou pra eles... mas na hora da SALA de aula mesmo... eu fui a primeira pes... professora a ter contato com eles... aí veio aquela cobrança que... “ah... eu vou pedir transferência”... “ah... eu vou pro procon”... nós tivemos alunos indo até ao PROCON... por quê? eles haviam feito vestibular PARA curso presencial... eh, teve aluno que queria pagar em juízo só as aulas presenciais... nós tivemos... nós passamos por tudo isso na... na...na faculdade... então assim f... criou... a princípio... criou um transtorno MUITO grande...

P: o que você acha que conseguiu... S... controlar esse transtorno?

S: eh... eu acredito que foi a partir do momento que eles... que a faculdade abriu o jogo conosco que precisaria da nossa ajuda pra esse trabalho e... nós... assumimos trabalhar juntos com a faculdade e começamos a defender a idéia das teleaulas

P: hum hum

P: quantas aulas hoje você tem por semana com a turma e quantas são destinadas à teleaula? o que determina essa divisão?

S: olha... no terceiro período eu tenho duas aulas... não tem teleaula no terceiro período... até porque são só duas aulas... às vezes eu vejo... mando que eles assistam ao vídeo... alguma coisa assim... mas não tem o compromisso com teleaula... no primeiro e segundo período eu teria... eu... pela... pela... pelo plano... né... de ensino... eu tenho quatro aulas semanais... dessas quatro aulas... três são presenciais e uma é teleaula... que eles têm... nem têm chamado agora no momento de teleaula... né... eles têm chamado de... extracurricular... mas eu tenho trabalhado como teleaula... tanto no primeiro quanto no segundo período... agora a forma como foi feita essa divisão eh eu não sei... foi uma coisa assim que foi feita pela coordenação... pela direção... nós não sabemos o porquê... como foi

P: você já usava meios tecnológicos em sua prática? quais? de que forma?

S: usava... né... eu... a televisão e o vídeo... às vezes passava um filme... alguma coisa assim... um gravador... pra principalmente na parte de linguagem... né... quando a gente trabalha as variações linguísticas... levava algumas músicas... o próprio retroprojeter... e... às vezes... não uso muito... mas... às vezes... o datashow

P: você defende que o uso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente... de que forma a teleaula proporciona isso?

S: ... é... é interessante... quando você... CRIA novas possibilidades para o aluno... então eu vejo a teleaula como um... um auxiliar... e mostrar ao aluno que nós temos outras formas pra nos ajudar sem ser só o quadro... o giz... né

P:

S:

quadro... giz... o cuspe... agora o quadro com pincel... então... eh eh... acredito que isso aí torna as aulas mais agradáveis... mais eh eh... seria mesmo mais agradáveis para o aluno... mais simpática... eu diria

você também defende... em seu plano de ensino... que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas e eficientes... como?

S: quando eles trazem... por exemplo coisas mais atuais pra sala de a... pra... pra... pro vídeo... inclusive no vídeo do terceiro período... eh... tem uma gravação muito interessante de uma apresentação no JÔ de um grupo de teatro... e... então assim... ah... eh de uma forma geral... embora em alguns momentos a gente perceba que o professor está lendo... mas eles trazem novidades... trazem assuntos mais atuais... então eu acho que... eu acredito que isso aí dinamiza sim... e o aluno vê que o po... ele vê a possibilidade do do português... o uso do português em outras variedades... que às vezes os alunos perguntam assim... “pra que que eu tenho que estudar concordância? pra que que eu tenho que estudar... plural? pra que que eu tenho que estudar colocação pronominal?” então quando se traz... eh... entrevistas... se traz aí alguns textos da mídia... o aluno percebe a necessidade do uso da norma culta

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes... esses recursos?

S: ... a apostila é... é outra coisa que nós temos que usar mesmo... a apostila que veio de lá... e... eu trabalho normalmente as aulas das apostilas... todos os alunos têm a apostila... a grande maioria... eu procuro colocar... COMPLEMENTAR a apostila com o vídeo... porque a apostila na verdade ela é bem pobre... ela é bem resumida... até meio mal mal elaborada eu diria... mal mal construída... então eu procuro trabalhar a a, COMPLEMENTAR a apostila...

{ hum hum
o cuspe aí... né... que são

às vezes... com o vídeo... ou às vezes até com uma pesquisa que eu levo de casa... ou que eu mando fazer... mas eu trabalho com um complementando o outro

P: como você compreende esses expedientes/recursos no processo de ensino/aprendizagem de sua disciplina?

S: ...é interessante que essas perguntas todas vão acabando levando a gente quase que a um lugar comum... né... porque eu só compreendo esses expedientes como complementares ao meu trabalho... como auxiliares ao meu trabalho... eh... eu não vejo assim uma outra forma de trabalhar a não ser... eh... usando isso aí a meu favor... e com isso a minha disciplina... eu acredito que ela tem saído assim... tem sido passada para os alunos de uma forma mais... mais rica

P: quantas são as teleaulas e com quantas você já trabalhou até agora?

S: olha... nós temos trinta e quatro teleaulas... né... nós temos aí o quê...trinta e quatro... eh... teleaulas... então nós temos aí em torno de... três vezes sete... acho que quase... doze vídeos... né... quase doze e dessas trinta e quatro... eu já trabalhei com quatorze até agora... porque às vezes eu salto alguma teleaula... quando eu... quando eu vejo que não é alguma coisa atraente pro aluno... alguma coisa que vai complementar a apostila... eu não levo... não mando que não... que eles vejam... porque os alunos eles assistem à teleaula sem a minha presença... só que... quando eu levo pra eles... eu já assisti a todos na minha casa... eu já analisei... então em alguns casos eu salto algumas... então nós temos aí né... eu tenho... eu já trabalhei quatorze teleaulas com eles... então eu acredito que das vinte restantes... eu devo trabalhar umas quinze com eles

P: qual tem sido a reação dos alunos? dê exemplos

S: ...olha... com as turmas que já estão há mais tempo... a reação é de... é negativa... eles não gostam muito não... agora o primeiro período... talvez porque eu já tenha chegado assim mais... mais aberta pras teleaulas... já tenha feito um trabalho com eles assim mais aberto... eles gostam das teleaulas... eh... eu procuro mostrar pra eles... né... os aspectos positivos... eh... de quanto... quanto o professor se empenha em trazer coisas novas pra eles... então a reação do primeiro período é boa... tanto é que nós estávamos com problemas faltando vídeos e teve um desses exemplos aqui... eles pegavam até os meus pra assistir... já me perguntaram se... se eu teria condição de ver um vídeo com eles... eles gostariam de assistir um vídeo comigo... pra eu ir... eh... explicando pra eles no decorrer da aula... então eu diria que eles... o primeiro período é...está bastante interessado neste tipo de trabalho

P: e com relação às apostilas... como tem sido a reação dos alunos? dê exemplos

S: ah... primeiro eles reclamam... né... porque a apostila... como você sabe é uma apostila com todas as matérias... e com todas as disciplinas... e... eles gostariam de ter uma apostila separada de português... eu até pretendo... mesmo que a faculdade venha a parar de trabalhar com esse material... eu pretendo trabalhar... mas pretendo reformular as apostilas... tem alguma coisa que precisa realmente ser reformulada... mas a reação deles... talvez pela forma como eu tenha levado... a única coisa que eles reclamam é do preço... né... que é normal eles reclamarem do preço... mas num... talvez até porque eu complemente muito a apostila com eles... e leve... olha isso aqui é importante... às vezes eles pegam até a minha para fazer algumas anotações... bom... a reação deles tem sido assim... normal... positiva... eu poderia assim dizer

P: você podia explicar o porquê que eles pegam a sua... já que ela seria idêntica à dos alunos?

S: é porque quando eu estou assistindo às teleaulas... o quê que eu faço? eh... o que falta na apostila eu complemento... então tem conceitos que não tem na apostila... que o professor fala e que eu anoto... eh... alguns exemplos que não tem na apostila e tem no DVD... eu anoto pra eles... então essa complementação que eu faço pra eles e que se eu for ficar passando no quadro a gente vai perder muito tempo... eles me pedem justamente por isso... eles falam... “ó... professora... a sua apostila tem tudo... e às vezes... quando eles vão ver o DVD... falam...

“nó... professora... a sua apostila tava completa”... então... pra facilitar pra eles... e às vezes até eu vou ao dicionário... procuro o significado de algumas palavras que são novas pra eles... pra dar o significado técnico pra eles... né... eh... eu procuro colocar pra eles... então essa pesquisa minha... eu coloco na apostila e isso faz com que eles se interessem

P: ah... legal

P: como é realizada a motivação/orientação dos alunos no contato com esses expedientes?

S: eu até já falei um pouquinho sobre isso... a partir do momento que eu aceitei a teleaula... que eu assim incorporei a idéia da teleaula... eu tive condições de motivar os meus alunos mostrando pra eles que... nós temos outras formas de trabalhar sem ser só professor-aluno... só só o professor falando o tempo todo... eu procuro mostrar pra eles a riqueza do material que na verdade... ah... ah... o conteúdo que é passado pelo professor é muito bom... é muito rico... eh... eu tenho até colocado pra eles que o primeiro período... esse primeiro período... é uma turma que vai sair mais bem-preparada para leitura de mundo do que as anteriores... com base justamente no trabalho que é feito pelo professor da teleaula

P: para você... a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?

S: é engraçado isso... né... a princípio você pode até pensar que são dois... mas eu já incorporei de tal maneira a... a... teleaula... que eu não vejo dessa forma... eh... eu vejo o professor da teleaula como um ajudante meu e eu como uma ajudante dele... então nós nos completamos... eu diria isso... há uma intercomplementaridade NA explicação... no trabalho do conteúdo e os alunos vêm dessa forma... porque quando eu me refiro na sala de aula... quando eu faço alguma referência ao... à teleaula... eu nunca falo assim... “o professor”... né? eu procuro colocar... “olha... na telaula vocês observaram que... foi passado pra nós por... pela pessoa responsável... ou até mesmo usando a expressão professor... mas eu nunca o coloco no meu lugar e nem me coloco no lugar dele... nós dois fazemos um trabalho conjunto... eu até gostaria de conhecê-lo pra falar que ele tem me ajudado bastante nas aulas... sabe?

P: então você acha que é possível perceber uma espécie de hierarquia entre os dois professores?

S: não... não... a única coisa que eu percebo é o seguinte... a teleaula não substitui o professor presencial... isso aí é óbvio... e eu vejo... que tem uma das aulas que eu pedi aos alunos que vissem a teleaula antes da minha explicação... eles chegaram na sala cheios de interrogações... eles não conseguem... realmente... acompanhar a teleaula sem que eu explique para eles... eu não diria assim que seja uma hierarquia... mas eu diria que o professor PRESENTE... o professor REGENTE... ele jamais será SUBSTITUÍDO por uma teleaula... é complemento

P: os alunos comparam... em algum momento... o discurso do professor da teleaula com o seu? você poderia exemplificar?

S: ...NÃO... talvez porque eu me prepare muito pra essas aulas... às vezes eu vejo uma teleaula duas... três... quatro vezes... antes de trabalhar com o aluno... eh...eh...eh... nós não vivemos ainda esse problema de... de... comparar... NÃO... porque eu uso mesmo a teleaula como um complemento... eu procuro eh seguir a LINHA... a... o meu discurso segue a linha do discurso daquele professor da teleaula... que por sinal é muito boa

P: em suas aulas é necessário legitimar o conteúdo trabalhado na teleaula? como isso acontece?

S: olha... isso só acontece... ou eu poderia dizer que só aconteceu UMA VEZ... eu não diria LEGITIMAR... mas eu diria... talvez... aprofundar... talvez... complementar... foi quando eu pedi aos alunos que vissem... que assistissem ao DVD antes de lerem a apostila e antes que eu explicasse a aula... eu notei que os alunos eh tiveram uma certa dificuldade... mas eu não diria que isso seria LEGITIMAR... o máximo que eu poderia dizer seria confirmar e complementar... jamais legitimar

P: apesar de estar na proposta... a apostila não traz exercícios... como você lida com a questão?

S: olha... eu tenho procurado sempre trabalhar da seguinte forma... em algumas partes... por exemplo... na apostila do terceiro período tem uns exercícios muito interessantes... às vezes... na na apostila do primeiro período eles colocam uma proposta assim... muito pequena... o quê que eu faço? como os trabalhos deles... os textos deles são muito atualizados... eu procuro criar... tarefas em cima do que foi trabalhado na sala de aula... igual há pouco tempo mesmo eu pedi que eles procurassem... que eles trouxessem textos... que fossem HQs... ou que fossem... e que ali eles identificassem o receptor... identificassem o emissor... igual quando em termos de funções da da linguagem... eh... eu tenho procur... pedido a eles pra pra trazer textos em que serão capazes de encontrar eh, predominância de determinadas figuras ou até criar alguma coisa em termos de função poética... alguma coisa assim... então eu nunca deixo sem complementar com exercícios... eu procuro criar os exercícios com base no que é trabalhado na teleaula e na apostila

P: quais são as estratégias que você usa para estabelecer o diálogo com a teleaula?

S: olha eu não sei seria estratégia... mas o que eu faço muito é valorizar o conteúdo que tem sido passado... o conteúdo que tem sido colocado lá pra nós... eu procuro valorizar isso muito com com os alunos e mostrar pra eles que ali a nossa possibilidade de crescimento é maior... eu não sei assim se seria estabelecer um diálogo, eu continuo achando que eu procuro estabelecer uma complementação

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

S: sabe que eu nunca parei pra fazer ainda essa avaliação... mas é uma boa proposta... eu vou procurar fazer isso... um dia... mas eu ainda não parei pra fazer não... agora... de um modo geral... eu percebo que... assim... como eu diria? no no conjunto é positivo a avaliação dos alunos... eu diria que é positiva... mas assim uma avaliação mais em termos de... saber... né... o que ficou... o que o que acrescentou... se foi bom... se foi ruim... ainda não parei pra fazer não

P: é possível perceber diferenças teórico-conceituais entre a abordagem da teleaula e a sua? fale um pouco sobre isso

S: ... olha... diferença... não... o que acontece... é que... as teleaulas... elas têm assim uma abordagem muito para o lado da lingüística... e é um lado que eu domino bastante... que eu até gosto... então eu não tenho assim uma DIFERENÇA teórico-conceitual... não... até porque as teorias deles são todas válidas... os conceitos... principalmente voltando aí pra área da lingüística... então eu... nós eh complementamos aí perfeitamente sem nenhum problema... eu vejo... inclusive... eh... o uso até da minha especialização pra essas teleaulas... porque a abordagem dele é muito voltada pra tipos de textos... tipos de leitura... eh... linguagem oral... né... linguagem escrita... variação lingüística... eh... e isso não era abordado anteriormente... eh... quando nós formulávamos a apostila... era era abordado... mas não de maneira tão profunda quanto ele aborda agora... a gente ficava só na superfície... até porque o curso normal superior a nossa preocupação maior é formar o profissional... nós não estudamos aqui... o português que nós trabalhamos com eles é o português básico... e eu percebo que o... na teleaula aprofunda bastante esse aspecto aí... mas não vejo assim... diferença não... eu até gosto muito dele e... quando todos os meus colegas se viraram contra a teleaula... não contra a teleaula... eu era contra a teleaula... mas o CONTEÚDO... eu gostei do conteúdo que veio

P: você já percebeu mudanças na reação dos alunos?

S: JÁ... até quando outro dia trabalhando com eles em termos assim de leitura... né... de linguagem não-verbal... de linguagem verbal... e trabalhando também textos em que haja linguagem verbal e linguagem não-verbal... eh trabalhando com eles cartum e e CHARGE... então quando você começa a trabalhar com eles... você percebe que a leitura de mundo deles em relação a isso é muito pequena... eh o conhecimento PRÉVIO deles nisso aí é muito

pequeno... então eu já percebo que já há uma mudança de mentalidade... de comportamento em relação aos diferentes tipos de leitura que nós temos

P: você já percebeu mudanças na sua reação?

S: já... já... até em termos assim de ler mais... eu leio muito... eu gosto muito de ler... né... lógico o professor de português falar que não gosta de ler não tem como... mas eu tenho estudado MUITO... principalmente o meu material lá do PREPES que tem me dado uma bagagem muito boa pra acompanhar essas aulas dele... tá, eh... eu já coloquei assim... no meu material de preparar a aula do dia-a-dia... eu tenho procurado estudar coisas mais novas e é interessante que hoje... por exemplo... quando eu vejo alguma coisa... às vezes quando eu v... quando ele fala... cita alguma coisa... que eu vou procurar... eu já tinha esse material... eu já tinha estudado... um exemplo disso é um livro da Mary Kato que fala nele... “O aprendizado da leitura”... eu achei assim fantástico... aí... resultado... quando eu mexendo ali no meu material do PREPES... já tinha algum comentário sobre esse livro da Mary Kato... inclusive na... na bibliografia lá... tinha a presença desse livro... era coisa que eu já tinha e que ainda não tinha estudado... não tinha precisado... então essa... essa mudança assim... esse crescimento eu tenho percebido comigo... porque... pra acompanhá-lo... eu estou tendo... também... que me atualizar bastante

P: você já percebeu mudanças na reação das pessoas que representam a instituição?

S: é interessante... isso é o mais triste

P: eu vou repetir a pergunta... S... porque... né... a fita acabou... eh... você já percebeu mudanças na reação das pessoas que representam a instituição?

S: eh... eu estava respondendo que esse pra mim é o lado mais triste... porque eu não vejo... não nos perguntam como está... não nos perguntam se está tudo bem... se... eu não vejo assim... é como se... nada tivesse mudado... num vejo nenhuma alteração de comportamento nem nada e às vezes quando eu chego e elogio... né... falando “nossa... os meninos gostaram... os alunos gostaram... eh... do assunto assim que nós tratamos... da teleaula”... “ué... você tá trabalhando com teleaula?”... eu falo... “to... tô trabalhando com teleaula e tenho trabalhado e os alunos têm gostado”... então não vejo assim muita... muito entusiasmo não

P: a teleaula pode ser considerada um recurso de formação para o próprio professor da disciplina? justifique com exemplos

S: eh, na na na pergunta “você já percebeu mudanças na sua reação?” praticamente eu respondi isso aí... SIM... ela pode sim... porque através da teleaula... eh... eu tenho procurado estudar mais... então... na verdade o que que está... um recurso de formação para o próprio professor da disciplina... tem sido sim... tem me feito crescer bastante... tem me feito estudar bastante... eh... me atualizar bastante... então eu vejo que sim... pode ser... eh eh... um recurso sim

P: você determina... em seu objetivo geral... que novas técnicas de ensino... aliadas ao ensino tradicional... oferecem um ensino de inquestionável qualidade... você acredita que a teleaula seja o diferencial nos cursos de formação de professores?

S: ...sem dúvida... porque... quando eu falei do livro da Mary Kato... eh... numa das teleaulas o professor fala dos tipos de leitura... que é a leitura ascendente e a leitura descendente e... em vários aspectos... ele SE DIRIGE aos nossos alunos como professores na sala de aula... eh... ele tem trabalh... eu... eu percebo que toda aula há uma preocupação de falar com o nosso acadêmico... né... de falar com o nosso futuro profissional que ele precisa usar novas técnicas nas leituras... na produção de texto... então... quando ele trabalha... por exemplo... com fatores de produção de sentido... ele faz uma eh uma observação e fala... “olha... isso aqui... quando você trabalha isso aqui... é uma forma você de preparar o seu aluno pra produzir um texto... um texto que tenha coerência... um texto que tenha coesão... então... em TODAS as aulas ele procura... e se não me lembro muito dessas primeiras do primeiro período... mas do segundo e terceiro período ele sempre se preocupa em... montar para o professor... em mostrar

ao professor a necessidade de novas técnicas de ensino... por quê? ah... nós vemos aí alunos nossos direto dizendo que odeiam português... “eu odeio português”... “eu detesto português”... por quê? porque nós... professores de português... na verdade... às vezes... nós matamos a língua portuguesa... quando nós trabalhamos de determinada forma com o nosso aluno... então eu percebo na na teleaula essa preocupação do professor em procurar fazer com que os nossos futuros professores... ou alguns já atuam... né... já são professores... eles trabalham de forma mais dinâmica a língua portuguesa eh... que o o aluno não seja um sujeito paciente... mas que ele seja um agente na busca de novas opções... eh... de novas respostas... então eu percebo sim que eu ACREDITO que a teleaula ela vá sim fazer o diferencial na formação dos professores

P: como era a professora S antes das teleaulas e como é a de agora?

S: olha eu não vejo muita mudança não... eu eu acredito até que a mudança esteja mais relacionada... ao plano de ensino... que houve uma alteração... não é? na no plano de ensino anterior havia muito muita gramática e... quando você trabalha com gramática... quer queira quer não... você acaba... por mais que você incorpore técnicas novas... mas você... às vezes... se prende um pouquinho à gramática normativa... então o que eu diria é que... eh... tem assim aberto... novas possibilidades pra eu trabalhar a língua portuguesa... eu acho que hoje... se eu estivesse numa numa turma aí de quinta a oitava série... ou ainda nas séries iniciais... eu acredito que eu trabalhasse com os meus alunos de uma forma mais agradável... e mesmo lá no curso superior eu tenho procurado trabalhar com os meus alunos em função de tudo o que nós temos visto... o que nós temos lido em relação a isso... eh de... fazer... com que... as pessoas amem a língua portuguesa... é a nossa língua... nós não temos como sair disso... então nós temos que gostar da língua portuguesa e nós temos que entender que a língua portuguesa... há momentos em que eu tenho que me prender à norma culta... lógico... mas há momentos que eu posso usá-la de forma tranquila... sem ficar me preocupando com regras... então a... e isso é uma coisa que que o professor da teleaula ele fala muito isso... a importância de se LER mais... né... pra que você tenha... mostre novos caminhos pro seu aluno de língua portuguesa... não ficar preso aí só à gramática... essas coisas todas... então assim... houve mudanças... mas não foi assim umas mudanç... não diria que houve mudanças muito radicais porque eu já tinha uma visão bem aberta pra linguística... até porque eu já trabalhei com linguística no curso de letras... então eu já tenho assim uma uma visão de língua portuguesa muito dentro de linguística... então eu diria assim que veio ACRESCENTAR... não MUDAR alguma coisa

P: bom... chegamos ao fim da nossa entrevista... gostaria de agradecer a colaboração... foi muito receptiva ao trabalho e fica... à vontade se quiser falar mais alguma palavrinha... S

S: não... só diz pra Juliana que eu mandei um abraço pra ela... tá?

P: ah, eu não falei com ela ainda que você foi orientanda dela... qual foi o curso... S? lei..

S: língua falada e ensino da língua portuguesa

P: legal

S: e tá bem dentro das nossas teleaulas...

S: e a a minha turma foi muito engraçado... eu fiquei muito marcada...

P: você quer que deixa...? **S:** eu fiquei muito marcada... ((faz sinal de negativo com a cabeça))

Texto 2

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM AS ALUNAS DO 1º PERÍODO DO NORMAL SUPERIOR - 27/11/2008

P: bom... C quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana?

A1: eh... tem semanas que têm duas... tem semanas que têm seis...

P: quantas dessas aulas são destinadas à teleaula?

A1: eh... todas passam pela teleaula... mas nem todas é feita (*sic*) pela sala de aula... mas todas têm teleaula...

P: como assim?

A1: umas a professora mostra a teleaula... outras ela pede para a gente ver em casa...

P: ah... tá... então sem... uma vez por semana... vocês têm pelo menos uma teleaula pra assistir?

A1: é verdade...

P: tá bom...

P: na sua visão... qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior?

A1: e... ela nos prepara para poder... já quando a professora for dar a aula... nós estamos informados sobre o assunto...

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A1: é bom... porque a gente aprende mais com o ouvir... tanto ouvindo cada vez mais um pouco... mais aprendemos e tiramos as dúvidas depois...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? quais e de que forma?

A1: não... nenhuma... a não ser o telecurso segundo grau lá da televisão... só ele...

P: em escola é a primeira vez esse contato com a teleaula?

A1: é...

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A1: junto ao professor... sim...

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de Língua Portuguesa mais dinâmicas?

A1: sim e muito mais fácil de entender...

P: você pode explicar pra mim?

A1: eh... porque quando... eh... você pode ver uma vez... duas... aí quanto mais... tira a dúvida ali... eh... sequência... você não perde... não dá para perder nada... você pode voltar o DVD...

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes, esses recursos?

A1: geralmente... a maioria das teleaulas eu vejo em casa... aí quando a professora dá a aula... eu já tô por dentro do assunto... aí tira só as dúvidas...

P: e a apostila?

A1: E a apostila também. Geralmente nós fazemos trabalho na apostila... grifamos... depois tiramos dúvidas...

P: como você compreende esses expedientes – vídeo e apostila – no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?

A1: eh... ficou muito mais fácil aprender português...

P: é?

A1: muito mais...

P: o que você sentiu que torna isso mais fácil?

A1: é porque a gente pode voltar a aula... né... num perde nada... a gente volta a fita... o DVD... num dá para perder nada...

P: há quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A1: uma média de umas vinte...

P: você gostou?

A1: gostei...

P: fala por quê...

A1: ah... porque... como no caso... eu levo pra casa e vejo... eu trabalho a semana toda... aí eu vejo aos sábados e tiro as dúvidas... na hora que a professora fala de teleaula eu já pego o DVD... levo pra casa e vejo...

P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... tente destacar para mim as principais semelhanças e as principais diferenças...

A1: a teleaula... pra mim... ela não passa de uma preparação pra aula... a gente tira as dúvidas depois com o professor... mas é necessária a presença de um professor... sem dúvida...

P: você percebe alguma diferença da teleaula para a aula presencial?

A1: percebo... eu acho muito frio... assim... o professor falando... falando... falando...

P: na teleaula?

A1: é... agora a professora fala e a gente... “ô... professora... é isso?”... a gente tira as dúvidas... é mais humano...

P: pra você a disciplina tem dois professores...

A1: não..

P: a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos... seus colegas... assumem a existência de dois ou só de um?

A1: ah... só de um... porque ela tá ali para tirar as dúvidas e o professor lá não tira... se tiver vago... vai ficar vago... e a professora não... ela tira as dúvidas...

P: então... pra vocês... a professora presenc...

A1: uma professora...

P: os alunos comparam... em algum momento... o discurso do professor da teleaula com o da professora titular?

A1: bom... os alunos... eu não sei... eu comparo...

P: você podia dar um exemplo?

A1: eh... porque... eh... geralmente tem uma coisa assim... ela segue na mesma sequência que ele tinha em sequência... igual o professor não tira dúvida... a teleaula não tira dúvida... quem tira dúvidas é a professora...

P: durante as aulas a professora titular legitima... precisa tornar verdadeiro o conteúdo trabalhado na teleaula? estabelece um diálogo com a teleaula? como isso acontece?

A1: não... ela não estabelece não... simplesmente quando ela passa a teleaula na sala... ela passa... depois explica sobre o que passou na teleaula... dá uns toques e tudo... mas ela não tira dúvidas... porque a teleaula você pode ouvir dez vezes... mas se você tiver dúvidas e não sabe o assunto... vai continuar as dúvidas... o professor num tira... ((hum... hum))

P: apesar de estar na proposta... a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A1: ela traz exercícios de casa prontos e passa pra gente...

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

A1: como se avalia?

P: existe um momento pra avaliar cada teleaula?

A1: não... funciona do seguinte modo... passa a teleaula... depois explica a teleaula... explica a matéria da teleaula e a gente tira as dúvidas... é como se fosse um livro...

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouquinho sobre isso

A1: ah... sim... da professora é melhor... a professora ela vai trazer exemplos da rua... exemplos de outros momentos e a teleaula não... é só o que passa... como se fosse um livro... a gente tá lendo ali e se tiver dúvida quem tira é a professora...

P: tá bom... eu gostaria... então... de agradecer a sua participação... C... e vou começar a entrevistar a I... tá bom? como você vai precisar sair... pode sair... boa noite...

P: espera um pouquinho... pode ficar à vontade... I... parece assim... rápido... vapt vupt... mas fala bem tranquilo... tá bom? vamos lá?

A2: ah... é? há controvérsias... porque...

P: hum... hum... não... mas assim... é opinião...

A2: é?

P: é... você não precisa ficar achando que tem que falar o que a...

A2: você fica com medo do grupo

P: hã hã

A2: e acaba...

P: não não não... aqui você vai falar o que você pensa... sem influência... sem cobrança... isso aqui quando eu for documentar... não aparece o nome... aparece só o aluno... que é a segurança do material... bom... então a primeira pergunta... olha...

P: quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana e quantas são destinadas à teleaula?

A2: olha... são três aulas por semana... mas não tem um padrão de teleaula... de quantas teleaulas por semana...

P: não tem uma obrigação de...?

A2: não...

P: mais ou menos o que dita o ritmo de quantas teleaulas?

A2: eh... eu já tive umas duas só... não consigo... eh... aquilo que a professora acha mais interessante ela traz como proposta de trabalho e vai comentando o assunto...

P: e quando você fala que já teve duas só... você fala duas só de parar pra ver COM a professora?

A2: isso...

P: ah... tá... isso eu preciso deixar claro... né... esse momento de vocês COM a professora... então... duas... as outras...

A2: ...

P: no caso... aconteceu de uma outra maneira?

A2: mas ela enfoca mais quando ela acha mais interessante... quando ela quer trazer para a sala... aí ela traz... o trabalho da teleaula... passa pra gente e vai tentando... só que...

P: e aí no caso... vocês assistem em casa? ou não?

A2: eu nunca assisti em casa não...

P: mas assim... existe o convite?

A2: já houve... né... o convite...

P: não tem o compromisso... é obrigado?

A2: não...

P: então... assim... quem se interessar... pega e...

A2: foi essa semana que eu vi a teleaula...

P: tá bom...

P: na sua visão qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior?

A2: olha... não deixa de ser interessante... porque ele... como a colega tinha dito... ele ajuda no reforçar aquilo que o professor traz pra gente com a apostila ou até mesmo a presença do professor... o conteúdo do professor... então é interessante a teleaula...

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A2: eh... é interessante... é interessante... a expectativa... eu sei que melhora... que ajuda... mas eu não tenho assim aquela visão de que vai melhorar... que vai ajudar... eu sei que ajuda...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? quais e de que forma?

A2: a teleaula mesmo... pela televisão... nos programas que tem na televisão... são os únicos...

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A2: eh... como eu disse... é... mais eficiente sim... que às vezes você não tem tempo para ver... igual uma colega minha conta... né... você não tem como prestar atenção na aula... você poder levar esse material pra casa e tá analisando... vendo sozinho... é interessante sim...

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas? justifique

A2: ela complementa... né... mas... assim... se o professor souber conduzir o conteúdo que tá na teleaula com o trabalho que ele deseja colocar na sala... levar pro aluno... isso é interessante...

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes... esses recursos?

A2: acompanhando na apostila aquilo que tá passando na teleaula...

P: você tem explorado mais a apostila? você ainda não pegou...

A2: eu tenho mais acesso à apostila...

P: mas é por que... você... não teve vontade de pegar o vídeo pra ver em casa?

A2: eu não tenho por questão de... não saber... não sei... se teria que ter uma ficha... né... eu fiquei sabendo ontem que...

P: mas e as outras aulas?

A2: que teve esse material e eu não fiquei sabendo? sei lá se eu não ouvi...

P: mas você é uma aluna frequente?

A2: não muito... mais ou menos...

P: pode ser isso...

P: como você compreende esses expedientes... esses recursos... no processo de ensino/aprendizagem de sua disciplina? você acha que realmente que a apostila e o DVD... como é o funcionamento deles na disciplina?

A2: ...

A2: não entendi a pergunta...

P: tá... você não entendeu... por que se a gente pensar nas formas que o aluno e o professor têm pra poder ativar o processo de ensino e de aprendizagem... além da explicação do professor... na hora que vem o DVD e a apostila

A2: hã hã

P: você acha que os dois funcionam bem ou não?

A2: funcionam sim... uma reforça a outra... né

P: a quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A2: na televisão... o programa na televisão normal... eu não sei quantas... eu assisti várias... na escola... foram duas... eu acho...

P: pois é... mas aí eu quero ESPECIFICAMENTE aqui

A2: da escola?

P: é...

A2: duas...

P: você gostou?

A2: gostei...

P: fale por que pra mim

A2: é porque é uma voz diferente... uma opinião diferente... é um professor diferente... então isso... você acaba prestando mais atenção pelo fato de ter uma pessoa ali presente e depois com o reforço do professor também... então vem um complementando o outro...

P: você vai fazer pra mim... agora... uma comparação com a teleaula e a aula presencial de português... tentando mostrar pra mim o que que tem de semelhança e o que que tem de diferença

A2: ...

A2: uma diferença entre a teleaula e o professor?

P: isso

A2: a teleaula... o único problema é que é mecânico... não tem como você questionar... perguntar... opinar e o professor você questiona... você tira dúvida... e lá você tem que escrever e esperar alguém pra te responder... então a diferença é que na teleaula é tudo mecânico... não tem como você questionar...

P: você percebe algum ponto em comum entre as duas?

A2: não... só o conteúdo mesmo... que às vezes é a mesma coisa... não tem... não chega a ter... a haver um ponto comum...

P: pra você a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? e os outros alunos assumem a existência de dois professores ou só de um?

A2: pra mim é só um professor mesmo que tem a disciplina... só um professor...

P: e os seus colegas... o que você percebe?

A2: o que eu percebo de meus colegas?

P: se você acha que eles sentem que é uma professora ou que são dois?

A2: eu não vou saber julgar por eles de fato...

P: os alunos comparam em algum momento o discurso do professor da teleaula com o da professora titular? fazem uma comparação entre o que um fala e o que a outra fala? pode dar um exemplo?

A2: eu acho que não chega a comparar não... não vejo assim como há uma comparação entre o professor e a professora... tem o conteúdo e alguém explicando da sua forma e o professor complementando o assunto...

P: durante as aulas a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula? estabelece um diálogo com a teleaula? como que isso acontece?

A2: sim... há um diálogo sim... ela até dá uma pausa lá e explicar e depois voltar...

A2: ...

P: apesar de estar na proposta, a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A2: tem alguma coisa que ela fala... um exercício pronto que ela passa pra sala... tal... por aí...

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

A2: a avaliação do conteúdo ou do aprendizado?

P: existe uma avaliação especificamente para cada teleaula ou não?

A2: não... não...

P: a avaliação é em relação ao conteúdo?

A2: é... o que vai pesar é o conteúdo...

P: e assim... a cada conteúdo de uma teleaula há uma avaliação?

A2: não... as duas que eu assisti não caíram...

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouquinho sobre isso

A2: há diferença sim... que a abordagem do professor ela é mais... eh tem até um lado afetivo... né... chama por nós... levando você a entender... e a teleaula não vai chamar ninguém pelo nome... é mais interessante a abordagem do professor...

P: é... mas aí você me falou da prática... né... assim do dia a dia... em termos do conteúdo... da teoria... do discurso sobre a matéria que é ensinada... os dois falam a mesma linguagem?

A2: é... é a mesma linguagem e... interessante nisso que o professor titula..., ele vê o assunto da teleaula e vem com a opinião do professor e a nossa opinião... né... porque nós vamos questionar também... então por isso é mais interessante a do professor...

P: ô... I... então chegamos ao fim... eu gostaria de agradecer a sua colaboração... obrigada... viu... foi rapidinho...

P: vamos começar a entrevista com a M... B...B...

P: quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana e quantas são destinadas à teleaula?

A3: são três aulas por semana... não tem assim quantas são destinadas... né... a professora olha quando ela acha que convém e e passa a aula... mas tem o convite para que a gente possa assistir toda a aula em casa... só que eu ainda não tive essa oportunidade não... né... o tempo tá difícil...

P: hum hum

P: na sua visão qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior?

A3: eu acho que a teleaula vem assim... dá oportunidade de você ver às vezes uma aula que você perdeu num outro dia... né... um outro horário mais adequado... mesmo se você viu e ficou dúvida... você tem... eh é um reforço... né?

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A3: por enquanto... assim... né... eu não assisti muitas e tá tranquilo... né... a professora... graças a Deus eu tô conseguindo acompanhar... eu imagino assim se surgir dificuldade... né... e às vezes eu não tiver a professora por perto... eu vou recorrer à teleaula...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? quais e de que forma?

A3: não... não assisti...

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A3: acredito...

P: você pode falar um pouquinho?

A3: por isso... né... se o aluno... né... perdeu alguma aula tem como ele ver através da teleaula...

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas? justifique

A3: acredito que sim... porque... né... a gente debate se foi válido... se viu... se entendeu... eu acredito que sim...

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses recursos?

A3: as vezes que eu tive a possibilidade de assistir à teleaula eu acrescentava a apostila naquilo que era falado na teleaula que não tinha na apostila...

P: e vídeo você já comentou que não... você já pegou?

A3: não... eu tô com um aqui na bolsa... mas eu não tive condições de ver...

P: vai ser o primeiro?

A3: vai ser o primeiro que eu vou ver em casa...

P: o que que te motivou a pegar esse?

A3: depois do exemplo pra gente conhecer... saber que tem alguma coisa a mais que tem na apostila... além do que a professora falou...

P: hum hum

P: como você compreende esses recursos... esses expedientes... no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?

A3: ah... eu creio que tá buscando esses recursos é pra melhorar... né... o conhecimento... né...

P: ajuda... né... a melhorar a aprendizagem...

A3: ajuda...

P: a quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A3: olha... nós assistimos três vezes... eu não sei se foi mais de uma aula de cada vez... eu não tenho certeza... mas assistimos três vezes...

P: hum hum

A3: Eu tô lembrando agora.

P: você gostou?

A3: gostei...

P: fala por quê

A3: porque vem fixar... né... a professora fala... você ouve... ou então você ouve... a professora fala... então se você ouviu mais de uma vez é mais fácil de você memorizar...

P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... destaque suas principais semelhanças e diferenças

A3: semelhanças... né... o conteúdo... o professor procura... parece que... eu imagino assim... o professor faz uma parceria com o professor da teleaula... agora a diferença é que na teleaula o professor não interage... ele te passa conhecimento... você anota e se assimilou se não assimilou... isso aí você tem que procurar o professor... e já o professor presencial... aí não... você debate... interage... se não entendeu pede outros exemplos... recursos... ou outros exemplos até entender

P: para você a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos assumem a existência de dois professores ou só de apenas um?

A3: pra mim só tem um e eu não vejo colegas pensando diferente... acho que eles também só vêem um...

P: durante as aulas a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula? estabelece um diálogo com a teleaula? como isso acontece?

A3: é... ela... acontece sim... é que ela interrompe... explica... mostra por que é desse jeito... né

P: apesar de estar na proposta, a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A3: ela busca em outras bibliografias... ela sempre traz algo pra gente

P: como se dá a avaliação de cada aula? de cada teleaula?

A3: após a teleaula ela sempre pergunta... é oral... ela pergunta se a gente gostou DA teleaula... porque o conteúdo é avaliado com a prova que ela nos dá

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouco sobre isso

A3: a professora... ela traz mais conteúdo... é maior... ela usa outras bibliografias... igual eu já falei... então... quer dizer... ela acrescenta mais coisas à teleaula

P: tá... mas deixa eu clarear para você um pouquinho... em termos... assim... da postura defendida sobre o conteúdo... pelo professor...

A3: é... é a mesma abordagem

P: então... tá... M chegamos ao fim da nossa entrevista e eu gostaria de agradecer a sua colaboração... obrigada...

P: bom... agora vou começar a entrevista com a T... aluna também do 1º período Normal Superior...

P: T... quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana e... dessas aulas... quantas são destinadas à teleaula?

A4: quatro...

P: recomendo... porque bateram na porta e atrapalharam... eu tinha perguntado... T... quantas aulas você tem por semana e... dessas aulas... quantas são destinadas à teleaula?

A4: quatro aulas... de Língua Portuguesa... assim... ela... a professora... no caso... ela tá pegando... vídeo... né... pra gente tá vendo em casa... ela também já deu três aulas de teleaula nas aulas dela... né

P: perai... pode continuar

A4: tô falando muito rápido... né?

P: então... perai... deixa eu entender... quatro aulas por semana... aí vamos separar... quantas são da teleaula e quantas são presenciais?

A4: três presenciais e uma teleaula

P: ah... tá... agora vem a segunda...

P: na sua visão qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior? para que ela serve?

A4: olha... creio eu que ela serve para tá aprimorando mais... né... as nossas aulas... alguma coisa que a gente não pegou por falta de atenção ao professor titular... né... pro que tá passando lá pra gente... passou despercebido... então a teleaula pra gente poder ver e tá frisando né mais... explorando mais o português

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A4: olha... meu pecado... porque eu não sou muito boa em português... é tá buscando mais... aprimorando mesmo... concentrando mais né... porque na teleaula... no vídeo... eles aprimoram muito... usa aquelas figurinhas... tirinhas...

P: hã hã

A4: e focaliza aquilo ali muito pra gente e... se não pegamos... podemos tá olhando... procurando mesmo...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? quais e de que forma?

A4: não... eu não tive oportunidade... né... não tive como

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A4: eu acredito que sim...

P: você pode... consegue explicar por quê?

A4: ah... é porque... assim... se na sala de aula a gente não conseguir... captar a mensagem do professor... e na teleaula... né... o professor esclarece de uma forma melhor... dá pra gente pegar... né... não sei se vai acontecer em todas as teleaulas

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas? justifique

A4: eu creio que sim... desde que o professor seja dinâmico... né... fale com firmeza na aula dele... com clareza... né... porque Português tem que ter clareza... né... pro aluno entender

P: deixa eu ver... deixa eu tentar entender... esse professor que você tá falando que vai falar com firmeza... com clareza... é o da teleaula ou presencial?

A4: acho que seja o da teleaula... né... mas também podendo compreender o que o professor da teleaula tá falando... ele tem que falar um português com muita clareza... porque o português em si não é fácil

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes esses recursos?

A4: eu uso esses recursos assim... o que tem na apostila e o que a teleaula... o que não tem na apostila que vai servir pra mim (*sic*) aprimorar mais eu vou e acrescento na apostila

P: e o vídeo? você tem o hábito de usar o vídeo?

A4: olha... eu não tenho o hábito... não porque eu não queira... é porque eu não tenho mesmo o vídeo em casa... né... é porque é DVD então eu não tenho

P: como você compreende esses recursos... esses expedientes... no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?

A4: ...

P: quer que clareie?

A4: hum hum

P: seria assim... qual o funcionamento da disciplina com esse processo de ensino... de aprendizagem que não tem só o professor presencial? como que você percebe o vídeo e a teleaula nesse momento?

A4: bom... eu compreendo que a aprendizagem da teleaula nos leva a aprimorar mais junto com o professor presente na sala de aula... né... porque a gente pode tá buscando com o professor presente as dúvidas e na teleaula... aprimorar

P: a quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A4: Três.

P: você gostou?

A4: sim...

P: justifique

A4: porque o que eu não compreendi... passou despercebido por falta de atenção... na teleaula eu posso tá compreendendo melhor...

P: você vai fazer para mim uma comparação da teleaula com a aula presencial... destacando semelhanças e diferenças

A4: semelhanças... que o professor usa a mesma linguagem... é... e na teleaula a gente não pode perguntar as dúvidas e já na aula presencial a gente pode tá esclarecendo...

P: para você a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?

A4: não... só de um mesmo... e todos os meus colegas também...

P: os alunos comparam... em algum momento... o discurso do professor da teleaula com o da professora titular? você poderia me explicar?

A4: não... eu acho que não... porque os dois trabalham na mesma linguagem... falam muito bem... o que a professora trabalha é no mesmo termo da teleaula

P: durante as aulas, a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula? ela estabelece diálogo com a teleaula? como que isso acontece?

A4: ela estabelece... ela vê uma... o professor da teleaula falou algo importante... ela para e frisa aquilo ali

P: apesar de estar na proposta... a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A4: ela traz outros exercícios de outros livros... prontos... pra gente tá aprimorando...

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

A4: olha... ainda a gente usa nos tempos de todas as aulas... ela termina todas aí ela pega e dá a avaliação

P: uma avaliação para nota ou?

A4: não... pra nota ela ainda não deu...

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouco sobre isso

A4: diferenças? a diferença é que da teleaula

P: não... calma... não é que tá afirmando... tá perguntando se você percebe que a fala do professor é um...

A4: e a da teleaula

P: agora é da teoria

A4: da teoria... não... não é diferente... eles usam os mesmos termos... as mesmas falas... deixando bem claro os dois... a mesma linguagem... então acho que não é diferente não

P: tá bom... então... T... eu vou te agradecer duplamente... né... primeiro porque você percebeu que a fita tinha acabado... segundo... por ter repetido parte da entrevista comigo... muito obrigada...

P: bom... eu começar a entrevista agora com a M... N... A... também do 1º período Normal Superior

P: quantas aulas de Língua Portuguesa você tem por semana e quantas são destinadas à teleaula?

A5: olha... nós temos duas aulas por semana... na quinta-feira... me parece quinta-feira... duas aulas... as outras aulas nós tínhamos aulas presenciais e com teleaula... só no início o pessoal da sala é... não achou legal ter essas... teleaulas sem a S... sem a professora S

P: por quê?

A5: porque não há interesse... eu tô sendo sincera.

P: isso

A5: não há interesse em ter a teleaula sem a S...

P: hum hum

A5: sabe? e o pessoal tava todo indo embora... não tava tendo como prender... a verdade é essa... que não prende a atenção sem o professor tá presente... e aí nós temos... nós tivemos umas três ou quatro teleaulas... não me lembro muito bem desde o início... não me lembro mais... bom... então nós optamos por ter a S presente... aí nós temos duas aulas por semana... de quinze em quinze dias nós temos quatro aulas direto com ela...

P: bom... peraí, agora deixa eu entender... a carga horária da semana são duas aulas só ou quatro?

A5: são quatro aulas...

P: são quatro...

A5: só que na sexta-feira... tem sexta-feira... nós optamos por deixar a cada quinze dias quatro aulas de Português

P: ah... agora eu compreendi...

A5: porque aí completa a carga horária de Português...

P: e aí a teleaula vem nesse dia?

A5: aí a teleaula vem... mas... não é toda aula não... não... tem sexta-feira que ela dá as quatro aulas dela normal... sem teleaula... mas aí tem outras sextas-feiras que ela traz teleaula pra gente...

P: na sua visão... qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior? para que ela serve?

A5: eu acho que só pra reforçar mesmo... sabe... porque nossa professora é muito boa... né... e ela traz a teleaula somente pra reforçar mesmo... porque o que ela põe ali... né... o que ela... passa ali na teleaula... é o que ela já falou ou ela ainda vai falar... ela só deixa... só complementação da aula dela mesmo... então tem dia que ela explica matéria primeiro e a teleaula depois... e tem outros momentos que a teleaula primeiro e a aula depois...

P: você vê diferença nessa inversão... nesse processo?

A5: não... porque eu acho assim... que ela usa a teleaula pra buscar o conhecimento da turma... ela jogando a teleaula primeiro e pra depois ela vir com a explicação dela... eu acho que ela vai fazer um apanhado da turma... pra ver o que que pegou... o que que tá acontecendo... eu acho que ela usa isso nesse sentido...

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A5: posso ser sincera? eu não gosto de teleaula... eu não gosto... eu gosto do professor comigo ali presente... sabe... dentro da sala de aula comigo... foi por isso que eu optei por vir para a XYZ... porque eu passei em outras...passei... mas aulas não-presenciais

P: educação a distância?

A5: educação a distância... e eu optei por vim pra cá por isso

P: hum hum

A5: porque aqui eu tenho o professor comigo... ali perto de mim... eu quero sentir... eu quero ter esse contato com ele... eu não acho muito... eu não gosto muito não...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meios tecnológicos? quais e de que forma?

A5: ...

P: não necessariamente na universidade

A5: não, acho que não

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A5: ... repete

P: você acredita que a teleaula... como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A5: olha... com o professor na sala sim... é igual eu te falei... porque eu acho que não prende a atenção... sozinha... não prende... no meu ponto de vista, não prende

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas? justifique

A5: ... eu acho que depende muito do conteúdo... né... eu acho que depende do conteúdo... se for uma aula que precisa do professor tá ali falando... explicando... questionando... o aluno questionando

P: mas vamos pensar nesse material que você já assistiu... é nesse material de trabalho que tem aqui... bom... esse material que nós temos aqui deixa as aulas mais dinâmicas?

A5: ...acho que sim

P: consegue falar por quê?

A5:

P: se você acha que não... então é não...

A5: foram poucas aulas... tivemos teleaula... .. as aulas... teleaulas... mais dinâmicas... ((trecho confuso))... eu acho que não... não deixa não...

P: você acha então que não?

A5: eu vou me lembrar aqui... mas eu acho que não... a única coisa que acontece é que quando surge algum... ponto você tem possibilidade... né... se tiver sozinho... né... de tá voltando a aula... de tá vendo... voltando... tá vendo... mas eu acho que dinâmica não

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes esses recursos? vídeo e apostila

A5: vídeo... eu estando com o vídeo... com a apostila na mão... com os dois juntos... eu vou assistir a teleaula e vou procurar na apostila...

P: isso em casa ou aqui... na universidade?

A5: em casa... aqui na universidade eu retiro o vídeo e posso usar a teleaula e em casa eu vou usar a minha apostila... né

P: podemos avançar?

P: como você compreende esses recursos no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?

A5: ... repete, por favor, P

P: como você compreende esses recursos no processo de ensino/aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa? você acha que eles ajudam? que eles orientam... ou não tem necessidade? como é a participação desses recursos na aula?

A5: é igual eu te disse... a teleaula... a S... nossa professora de Português... S... ela traz a teleaula somente para dar... somente... nem precisava

P: hum hum

A5: e pra mim... é como se... n... quase não vejo

P: ah... tá... eu vou te fazer essa pergunta... é justamente a próxima pergunta

P: a quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A5: pois é... eu já assisti a umas duas ou três

P: você gostou?

A5: ... não

P: por quê?

A5: porque é igual eu te falei... eu gosto de... ter o professor presente comigo... eu não gosto de teleaula

P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... destaque suas principais semelhanças e diferenças... entre a aula comum e a teleaula... o que tem de comum o que que tem de diferente

A5: a teleaula... é eu vou ver... eu vou assistir... se eu tiver alguma dúvida... eu vou perguntar para quem?... né? se o meu colega que tá do meu lado... tá assistindo junto comigo tem a mesma dúvida ou então outra dúvida... como é que nós vamos fazer? e com o professor é

totalmente... é diferente... né? ele tá ali comigo... eu posso questionar o que for preciso ali dentro com ele

P: para você a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula? os alunos assumem a existência de dois professores ou de só um?

A5: eu... um só...

P: e os colegas?

A5: eu acho também que só um...

P: os alunos comparam... em algum momento... o discurso do professor da teleaula com o da professora titular? você poderia me explicar?

A5: ... a única coisa que a gente compara é que quando ele tá falando na teleaula e ela tá presente a gente pega... ô professora... você falou aquilo... ô professora... a senhora falou aquilo... entende? é isso...

P: mais em relação ao conteúdo mas não ao discurso em si?

A5: é

P: durante as aulas... a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula? ela estabelece diálogo com a teleaula? como que isso acontece? o professor fala disso que ela para... quando ela passa o vídeo primeiro... como que é a retomada? você se lembra de algum momento em que ela tenha passado o vídeo primeiro?

A5: ah... tá... que eu disse que ela passa o vídeo e depois ela fala do assunto... outra vez ela fala e depois passa o vídeo...

P: como é o diálogo nesses dois momentos?

A5: fica interessante... porque... eh... no momento em que ela passa primeiro o vídeo... que a gente vê... fica todo mundo ali assistindo... fixado ali na tela...eh... ninguém pergunta... ninguém questiona... ninguém fala nada... mas quando ELA vai falar do assunto... aí a sala se abre... né... aí começam a surgir as discussões sobre o assunto falado...

P: apesar de estar na proposta... a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A5: deixa ver... são exercícios que ela faz... que ela formula e traz dentro da teleaula e da aula presencial...

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

A5: dentro desses exercícios que ela traz pra gente fazer...

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular? fale um pouco sobre isso

A5: deixa eu ver...

P: agora é do ponto de vista da teoria... é o ensino da língua portuguesa... a teoria sobre a língua portuguesa... o que o professor transmitiu na teleaula e a teoria trabalhada pela professora... como se dá essa relação... existe diferença ou não?

A5: não... não existe diferença...

P: fale um pouquinho pra mim sobre isso...

A5: é porque o professor... antes de vir para a sala de aula... ele tem que tá pronto para o conteúdo que ele vai passar... então... eh... por que isso?...

P: deixa eu te esclarecer... o professor fala uma coisa... digamos... o professor fala sobre variação linguística... na teleaula ele defende um certo posicionamento... a teoria dele... e a teoria da professora sobre variação linguística é a mesma... a mesma abordagem dele ou são teorias complementares... oh... complementares não... diferenciadas?

A5: ah... tá!

P: então?

A5: eh... é um processo... ela... ela... a professora tem que trazer para a sala de aula o conteúdo que ele sabe... que ele já viu... que já tenha visto... tudo prontinho... pra sala de aula... porque aí quando o aluno questionar ele sabe o que ele tá falando ali... ele tem que

dominar aquilo ali que ele tá falando... então a teleaula e o professor... eh... eles têm que andarem... eles têm que estarem juntos... né... o professor tem que ver a teleaula primeiro... pra depois ele trazer para a sala de aula pra poder ter os dois o mesmo... discurso

P: isso

A5: o mesmo discurso

P: você percebe isso entre os dois?

A5: muito bom... e é muito bom... tá?

P: então... M... chegamos ao fim da nossa entrevista... rápido... né? eu gostaria de agradecer demais a sua participação... a sua colaboração... foi muito útil...

A5: obrigada...

P: agora eu vou entrevistar a aluna J... P... C... B....(?)... 1º período Normal Superior

P: J... quantas aulas de língua portuguesa você tem por semana e quantas são destinadas à teleaula?

A6: são três aulas presenciais e uma para a teleaula... mas nem sempre tem a teleaula...

P: como que funciona quando não tem a teleaula?

A6: ela dá aula normal na sala... porque tem pessoas que têm... demonstram falta de interesse com a teleaula... então ela passa para a gente poder... para os interessados estarem assistindo em casa...

P: na sua visão qual é o papel da teleaula no curso Normal Superior?

A6: olha... num certo ponto ele é bom... porque esclarece muitas coisas... mas é cansativo, né?

P: consegue falar por quê?

A6: pra assistir na sala eu não gosto... porque o pessoal conversa demais... tem pessoas que não... eh... não presta atenção e não gosta de estar ali assistindo aquilo... prefere o professor falando... com certeza o professor falando é bem melhor... mas... eh... em casa eu coloco para rodar e vou fazer o que tenho que fazer e vou escutando... agora com o professor do lado é bem melhor... né...

P: quais são as suas expectativas em relação ao uso da teleaula?

A6: olha... eu num... eu num vejo assim muita coisa interessante assim não... eu acho que dá um reforço a mais... mas num acrescenta tanto não... acho que o professor em si ele explica bem melhor...

P: por quê?

A6: eu acho que a teleaula ela ela ajuda mais o professor do que o aluno...

P: você consegue explicar isso?

A6: porque... tipo assim... o professor... eh... ele tem que te passar alguma coisa... ele tem que te explicar a matéria... aí vamos supor que ele tenha... eh... falta uma palavra lá pra ele incluir na explicação... ele assiste uma teleaula... ele ele fala melhor do que ele ia falar... vamos dizer assim... mas é claro que o professor não é tão... o professor é capacitado... mas a teleaula... se fosse só a teleaula eu acho que num traria benefício nenhum não...

P: você já assistiu a alguma aula que usava meio tecnológicos? quais e de forma?

A6: só se for aula de computação... porque outra não...

P: dentro da escola de ensino médio... ensino fundamental?

A6: não...

P: aqui na universidade também...

A6: no caso é só mesmo as aulas de português que nós assistimos a teleaula...

P: tá...

P: você acredita que a teleaula como recurso de novas tecnologias possibilita um trabalho mais eficiente?

A6: pra quem tá interessado sim... agora pra quem não mostra interesse num traz benefício não...

P: você acredita que a teleaula pode tornar as aulas de língua portuguesa mais dinâmicas? justifique

A6: mais dinâmicas?

P: é

A6: eu posso dizer que sim... né... porque é um recurso didático... mas... no caso lá da turma... que não mostra interesse... eu acho que num num acrescenta em nada não...

P: a teleaula é composta por vídeo e apostila... como você usa esses expedientes/recursos?

A6: a apostila... para ser sincera... eu não perco tempo nem de estudar em casa... eu estudo aqui na faculdade... quando eu tô aqui... e a teleaula... como eu tenho o CD em casa... quando eu pego com ela e gravo... eu ouço... quando eu tô fazendo algum serviço eu coloco no aparelho lá e vou ouvindo... na hora que eu trabalho...

P: dá para você parar e fazer alguma anotação ou é só...?

A6: só ouvindo mesmo... quando eu anoto eu aprendo muito mais... né?

P: como você compreende esses expedientes... esses recursos no processo de ensino/aprendizagem da disciplina?

A6: como eu coloco...?

P: como você compreende esses recursos... compreende a teleaula no processo ensino/aprendizagem da disciplina língua portuguesa?

A6: nossa... eu não entendi...

P: tão tá... a aula é um processo contínuo... né?

A6: hum hum.

P: e aí vêm esses recursos... tô chamando de recursos... pra...você acha que eles conseguem ajudar ou que eles não conseguem ajudar?

A6: pra mim ajuda... pra mim ajuda... eu acho que é bom sim...

P: hum hum

P: há quantas teleaulas você já assistiu até agora?

A6: eu devo ter assistido a umas três... mais ou menos...

P: você gostou?

A6: gostei...

P: justifique

A6: ele explica até bem... apesar de ser bem monótono... né... é muito chato aquela... a teleaula... mas ele explica bem... mas para falar a verdade eu prefiro a professora mesmo explicando... né... a S explica muito bem...

P: você consegue explicar por que que é chato?

A6: ah... é chato você ficar ali na frente... assim não tem como... então... você fica sentado olhando pra uma pessoa falando na televisão falando sobre português o tempo inteiro... é chato... é melhor você ver... porque o professor olha prum lado... olha pro outro... você você interage com o professor e com a teleaula você não tem essa interação... você entendeu? é chato você ter que ficar só ouvindo e se você tem alguma dúvida... como que você vai tirar a dúvida? aí você tem que escrever a dúvida pra tirar depois... eu sou ansiosa demais pra poder esperar isso ((risos))... eem que ficar parado... esperando... entendeu...

P: você acabou começando a responder a próxima pergunta... que é

P: estabeleça uma comparação entre a teleaula e a aula presencial... mostrando semelhanças e diferenças... você falou um pouquinho das diferenças... e semelhanças? você consegue perceber alguma semelhança?

A6: entre a teleaula e a presencial?

P: sim...

A6: ah... eu acho que ((risos))... falar é mais fácil... agora para pensar... não... eu acho que... semelhança assim...

P: se não enxergar...

A6: não... por enquanto eu não tô enxergando nada ((risos))

P: para você a disciplina tem dois professores... a professora da sala de aula e o professor da teleaula?

A6: não...

P: e os alunos assumem a existência de dois professores ou de apenas um?

A6: não... todos assumem a existência de um professor só... tanto é que ninguém se interessa pela teleaula não... são poucos... são poucos...

P: os alunos comparam... em algum momento... o discurso do professor da teleaula com o da professora titular?

A6: às vezes... sim...

P: pode dar um exemplo?

A6: teve até a primeira aula que a gente... nós assistimos na sala... foi muito conturbada... eu falei... “ah... se for pra ser desse jeito eu não vou assistir mais”... porque realmente é chato... a professora explicou a matéria... pediu para a gente ver o vídeo pra REFORÇAR... quer dizer... a gente tá ali não é pra ouvir tudo de novo... é pra dar uma reforçada no que ela explicou... aí o pessoal ficou o tempo inteiro reclamando... “ah... porque tá repetindo tudo... porque num sei o quê...” aí eu falei... “gente eu vi o resumo... se é para reforçar... é para ouvir de novo...” mas nem tudo o que ela falou é o que o homem... o professor da teleaula estava falando... então...

P: durante as aulas... a professora titular legitima o conteúdo trabalhado na teleaula? ela estabelece diálogo com a teleaula?

A6: hã hã

P: como isso acontece?

A6: ela fala... explica... depois ela cita... ela fala assim... “olha... eu assisti à teleaula... eh... número tal”... correspondente à aula que ela está dando e fala lá que o professor explicou assim... assim... às vezes eu até anoto a fala dela... porque eu tenho muito costume de anotar... né... uma vírgula que o professor fala eu corro lá e anoto...

P: apesar de estar na proposta... a apostila não traz exercícios... como a professora titular lida com a questão?

A6: ...eh... você pegou aí um ponto bem fraco da... da... apostila realmente ((risos))... porque ((risos)) não se faz exercícios... agora que você falou... eu pensei... pô... aí... mas... realmente não tem exercícios e ela só explica matéria... explica matéria... explica matéria... depois é a prova...

P: sem exercícios?

A6: sem exercícios... tô mentindo? ((vira para a colega e pergunta))... ((a colega balança a cabeça afirmativamente))

A6: que dia? eu num lembro de exercícios não... ((gargalhadas))

P: ...

P: como se dá a avaliação de cada teleaula?

A6: ela junta um montante lá de aula e depois que ela dá a avaliação... depois de umas quatro... cinco... até dez aulas... que ela dá...

P: é possível perceber diferenças teóricas entre a abordagem da teleaula e a da professora titular?

A6: não... não tem diferença não... a teoria é a mesma...

P: você pode falar um pouquinho e dar um exemplo?

A6: bom... das que eu assisti... eu não lembro mais... né... porque tem tempo já que eu já assisti... mas é a mesma coisa o que a professora fala... tanto é que a matéria que tá na apostila é a mesma que passa na tela da televisão...

P: hum hum... então...

A6: tem até uma da gelatina... *Gelatina, eu?* aí tem uma interrogação... do jeito que tá na apostila... tá escrito assim lá na teleaula também tá...

P: gostaria de falar mais alguma coisinha?

A6: acabamos?

P: eh... acabou.

A6: ((risos))

P: tá bom... J... preciso também agradecer a sua colaboração neste trabalho... você acabou ajudando

A6: o desenvolvimento da sua pesquisa

P: hum hum...

Texto 3

TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO EM VÍDEO DE AULA PRESENCIAL EM QUE PROFESSORA E ALUNOS ASSISTEM JUNTOS E RETOMAM UMA TELEAULA – 9/6/2009

S: o aparelho já tá funcionando... já podemos voltar ao normal ((a professora bate o controle remoto na palma da mão))

S: nós falamos anteriormente sobre a importância do ato de ler... vimos que essa leitura é da maior importância... porque nós lemos o mundo à nossa volta... a leitura não é só através dos textos escritos... nós lemos o mundo à nossa volta e o mundo à nossa volta nos lê também... daí a importância da leitura... e daí Paulo Freire colocar no início da fala dele de ser um ato político... tá bom? então vamos

S: vamos começar... na hora que for para levantar o volume... vocês falam ((a professora liga o DVD - Aula 26))

S: esta aula... pessoal... ela tem a duração de dezoito minutos e onze segundos... tá?

Professor da Teleaula 2 (PT2) – olá... como vai?

PT2: é importante sabermos o que nos rodeia... sabemos o que é leitura... vamos ver agora o que é arte... dizer o que seja a arte é coisa difícil... um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema procurando situá-lo... procurando definir o conceito... mas se buscarmos uma resposta clara e definitiva... decepçamos-nos... elas são sempre divergentes e contraditórias... além de frequentemente se pretenderem exclusivas... propondo-se como solução única... desse ponto de vista... a empresa é desencorajadora... o esteta francês Etienne Gilson... num livro notável... *Introdução às artes do belo*... diz que não se pode ler uma história de Filosofia da Arte sem se sentir um desejo irresistível de se ir fazer outra coisa... tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza da arte... entretanto... se pedirmos a qualquer pessoa que possua o mínimo contato com a cultura...

S: peraí um pouquinho... eu devo ter apertado errado

((a professora se levanta, pega o controle remoto e dá *pause*... enquanto coloca a aula 27, pede que a filmadora seja desligada))

((a gravação só é reiniciada após a aula certa ter sido colocada - Aula 25))

PT2: olá, como vai?

PT2: revisando... voltemos no assunto leitura e produção de textos... a leitura... antes de aprofundarmos nossas atividades de análise de produção de textos escritos... vamos discutir o problema da leitura ... o motivo disso é bastante simples... no sentido amplo que a tomamos em nossas aulas... a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade... informações submetidas a reflexões críticas são indispensáveis à produção escrita... além disso... a leitura de textos feita adequadamente permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita que... como já sabemos... tem normas próprias... diversas da língua falada... *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire: ((a teleaula focaliza o título e o autor e o texto a ser analisado nesta aula... *A importância do ato de ler...Paulo Freire*))

((o professor da teleaula faz a leitura oral do texto, que toma a tela do vídeo, quadro a quadro))

PT2: rara tem sido a vez... ao longo de tantos anos de prática pedagógica... por isso política... em que me tenho permitido a tarefa de abrir... de inaugurar ou de encerrar encontros ou congressos... aceitei fazê-lo agora da maneira... porém... menos formal possível... aceitei vir aqui para falar um pouco da importância do ato de ler...

me parece indispensável... ao procurar falar de tal importância... dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje... dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo esse texto que agora leio... processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler... que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita... mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo... a leitura do mundo precede a leitura da palavra... daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele... Linguagem e realidade se prendem dinamicamente... a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto... ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler... eu me senti levado... e até gostosamente... a “reler” momentos fundamentais de minha prática... guardados na memória... desde as experiências mais remotas de minha infância... de minha adolescência... de minha mocidade... em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo... ao ir escrevendo este texto... ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial... primeiro... a “leitura” do mundo... do pequeno mundo em que me movia... depois... a leitura da palavra que nem sempre... a longo de minha escolarização... foi a leitura da “palavramundo”... a retomada da infância distante... buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me ouvia... e até onde não sou traído pela memória... me é absolutamente significativa... neste esforço a que me vou entregando... re-crio... re-vivo... no texto que escrevo... a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra... ((algumas alunas acompanham atentamente à leitura do professor pelo texto na apostila; uma aluna faz anotações em sua apostila)) me vejo então na casa mediana em que nasci... no Recife... rodeada de árvores... algumas delas como se fossem gente... tal a intimidade entre nós... à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores...a velha casa... seus quartos... seu corredor... seu sótão... seu terraço... o sítio das avencas de minha mãe... o quintal amplo em que se achava... tudo isso foi o meu primeiro mundo... nele engatinhei... balbuciei... me pus de pé... andei... falei... na verdade... aquele mundo especial se dava a mim como mundo de minha atividade perceptiva... por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras... os “textos”... as “palavras”... as “letras” daquele contexto... em cuja percepção me experimentava e... quanto mais eu fazia... mais aumentava a capacidade de perceber... se encarnavam numa série de coisas... de objetos... de sinais... cuja compreensão eu

ia apreendendo no meu trato com eles... nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais...

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 12. ed. São Paulo. Cortez, 1986. p. 11-3.

PT2: concentre sua atenção sobre a seguinte frase retirada do texto *A importância do ato de ler*... “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela.”... essa frase nos fornece um ótimo exemplo do emprego dos pronomes demonstrativos como elementos de organização das partes que formam um texto... as formas esta e aquele intencionalmente destacadas estabelecem um jogo de relações que evita repetição dos termos palavra e mundo... respectivamente...e... ao mesmo tempo... amarram...

((a professora interrompe a exibição da teleaula, momentaneamente e pega suas anotações))

S: bom... nós vamos parar aqui um pouquinho... porque ele nos pede para concenTRARmos nossa atenção nessa frase que ele coloca aí pra nós... eh, “a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela.”... ((a professora solta suas anotações e pega o pincel)) bom... quando nós falamos em coesão... né... nós falamos em coesão por () nós falamos já pra vocês a respeito do uso dos pronomes e aí nós vemos o emprego aí de dois pronomes... são pronomes demonstrativos... só lembrando RApidamente aqui da gramática... né... o pronome () é uma palavra que nós usamos para substituir os nomes ou para acompanhar o nome... que tá relacionado ao nome... então dentro desse texto nós vamos encontrar dois pronomes DEMonstrativos que são uSAdos na organização pessoal para evitar a REpetição das palavras... ((a professora escreve os dois pronomes no quadro)) então nós temos aí o DESTA e o DAQUELE... aí esse pronome demonstrativo desta... que na verdade é esta... né... ele vai conter aí a preposição... que não vem ao caso pra nós aqui agora... ele retoma qual a palavra da frase aí?

Aluna: { leitura

S: { qual é a palavra que ele retoma ou que ele substitui?

Aluna : leitura

S: a leitura... né...

então... leia pra nós aí... faz favor

Aluna: ((lendo)) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele: Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”

S: ainda continuam achando que desta é leitura?

Aluna: palavra

((a professora escreve palavra no quadro na frente do pronome desta))

S: ah, desta foi usado retomando a pa... a expressão palavra... né... a leitura desta... a leitura da palavra... né... e o daquele retoma qual expressão?

Aluna: { leitura do mundo?

Aluna: { do texto?

S: { não... leiam com atenção

Aluna: leitura do mundo?

((a professora escreve mundo na frente do pronome daquele))

S: mundo... né? a palavra... MUNdo... olha... tanto é que aqui a palavra DESTa é a que está mais próxima...mundo é a que está mais distante... então veja bem que ele fala pra nós aí... que é uma FORma de ORganizar o texto... por isso é que ele diz... ((a professora lê o trecho na apostila))

S:“A leitura do MUNdo... precede a leitura da paLAvra... daí que a posterior leitura DES::ta... palavra... não possa prescindir da continuidade da leitura daQUE::le... no caso... é mundo... e ele fala pra nós que isso aí é um ótimo exemplo... né... dos pronomes demonstrativos como elementos de OR::ganização das PARtes que formam o texto... as formas desta e daquele intencionalmente destacadas estabelecem um jogo de relações que evita a repetição dos termos palavra e mundo... e também nós já colocamos para vocês que um dos deFEItos do texto é a repetição de palavras... um dos recursos que nós temos é o uso DOS pronomes... continuando...

((a professora retoma a exibição da teleaula))

PT2: a parte final da frase à parte inicial... esse é um procedimento que você pode e deve fazer uso em seus próprios textos... o ato de ler... o ato de ler é geralmente impregnado como a decodificação daquilo que está escrito... dessa forma.. saber ler consiste num conhecimento baseado principalmente na habilidade de memorizar determinados sinais gráficos... as letras... uma vez adquirido tal conhecimento... a leitura passa a ser um processo mecânico prejudicado apenas por limitações materiais... falta de luz ou mau estado do impresso... por exemplo... ou por questões lingüísticas... palavras de significado ignorado ou frases muito complexas... ((a professora senta-se para acompanhar a teleaula e toma suas anotações)) no texto de abertura dessa aula... você encontrou um conceito de leitura muito mais amplo do que essa mera habilidade mecânica... relacionamento com o conteúdo do texto com o nome deste capítulo... você percebeu... leu... que nossa intenção era apresentar a leitura justamente como um processo amplo, que conclui nosso relacionamento com a realidade e a forma como pensamos essa realidade e esse relacionamento... ler é... portanto... um processo contínuo que se confunde com o próprio de se estar no mundo biológica e socialmente falando... a sociedade de que somos parte produz e mantém uma cultura... essa cultura é um conjunto complexo e dinâmico... que abrange desde rituais mínimos de conveniência até aprofundados conhecimentos científicos e técnicos... ((as alunas acompanham atentas à teleaula)) desse conjunto fazem parte valores que aprendemos a associar as coisas às ações... fazem parte também... ideias sobre a realidade que muitas vezes nos levam a vê-la de uma forma pouco real... aprender a ler o mundo... adquirir a inteligência do mundo... nas palavras de Paulo Freire... significa conhecer esses valores e essas ideias... significa também pensar sobre eles... desenvolvendo uma posição crítica e própria... aprendemos a ler a realidade em nosso cotidiano social... desde crianças... identificamos atitudes agressivas... diferenciando-as das receptivas... a conveniência social nos ensina a perceber quais lugares devemos frequentar... quais comportamentos devemos adotar ou evitar em situações determinadas... adquirindo nossa cultura aprendemos a ler nosso grupo social... interiorizando os pequenos rituais estabelecidos para as relações sociais... aprendemos também que somos permanentemente lidos... o que nos leva a utilizar nosso comportamento como uma forma de linguagem capaz de agradar... despertar simpatia... agredir e mostrar indiferença... esse aprendizado social inclui também formas de pensar a realidade... aprendemos a pensar... por exemplo... que é necessário adquirir conhecimentos técnicos e científicos que nos permitam ingressar no mercado de trabalho de forma vantajosa... aprendemos a ver... na infância e na adolescência... períodos da vida destinados principalmente à preparação da vida adulta... aprendemos muitos outros valores sociais que nos criam hábitos de comum e posições perante a vida... a vida social... dessa forma... não se limita a nos ensinar a ler a realidade... mas chega ao ponto de orientar essa leitura no sentido mais ou menos permanente... somos levados a adotar determinadas expectativas e a satisfação dessas expectativas é vista como forma de felicidade... o mundo social é permanentemente leitor e leitura de seus indivíduos... nossa cultura nos transfere conhecimentos sobre a realidade e formas de pensar essa mesma realidade... aprender a ler o mundo é apropriar-se desses valores de nossa cultura... é também

submetê-los a um processo permanente de questionamento do qual participa nossa capacidade de duvidar... afinal... será essa a única maneira de organizar a vida? será esse o único mundo que somos capazes de fazer? não será possível pensar a humanidade em outros termos? esse exercício da dúvida é sempre benéfico... pois nos fornece condições de superar as leituras mais imediatas da realidade... atingindo releituras importantes para quem se preocupa com a saúde social e física do ser humano... a primeira leitura que se faz de qualquer texto é a sensorial... ((a professora pega o pincel e escreve leitura sensorial no quadro... as alunas anotam na apostila)) o leitor... ao tomar em suas mãos uma publicação... trata-a como um objeto em si... observando-a... apalpando-a... avaliando seu aspecto físico e a sensação tátil que desperta... essa atitude é um elemento importante do nosso relacionamento com a realidade escrita... observe o cuidado gráfico com que são apresentadas as revistas nas bancas... cores... formas e até mesmo embalagens procuram atrair o interesse do comprador... com os livros acontece a mesma coisa... basta entrar em uma livraria e perceber que todos aqueles volumes expostos ou dispostos constituem uma mensagem apelativa aos nossos sentidos... além disso... há quem sinta muito prazer em possuir livros... acariciando-os e exibindo-os como objetos artísticos... são os bibliófilos... a leitura sensorial do texto escrito é uma primeira etapa de nosso processo de decodificação... a ela costuma-se seguir a chamada leitura emocional... ((a professora escreve leitura emocional no quadro... as alunas anotam na apostila)) é quando passamos ao conhecimento do texto propriamente dito... percorrendo as páginas e travando contato com o conteúdo... a leitura... então... nos produz emoções... a história pode ser emocionante ou tediosa... o artigo ou a matéria pode fazer rir ou irritar... os poemas podem ser fáceis de ler e agradáveis ou complicados e aborrecidos... normalmente a leitura emocional conduz a apreciações do tipo... gostei... não gostei... sem maiores pretensões analíticas... é uma experiência descompromissada... da qual participa o nosso gosto e a nossa formação... a leitura emocional costuma ser criticada... sendo muitas vezes chamada de superficial e alienante... essa avaliação tem muito de racionalismo e nem sempre é verdadeira... quando optamos por ler um romance de ficção científica... por exemplo... por pura distração... podemos entrar num universo cujas relações nos apresentam uma realidade diferente da nossa... capaz de nos conduzir sem grandes floreios intelectuais... a pensar sobre nosso mundo... o mesmo pode acontecer com revistas em quadrinhos e outros textos considerados menos nobres... isso não significa... no entanto que não existam publicações que realmente invistam na nossa vontade de descansar a cabeça... oferecendo-nos um elenco de informações e ideias que reforçam os valores sociais dominantes... isso também é relativo... pois há quem defenda esses valores... a leitura sensorial e a emocional fornecem subsídios importantes para a realização de um terceiro tipo de leitura: a intelectual... ((a professora escreve leitura intelectual no quadro... as alunas anotam na apostila)) essa leitura não deve ser vista como uma forma esterilizante de abordar os textos... reduzindo-os a feixes de conceitos incapazes de despertar qualquer prazer... ela começa por um processo de análise que procura detectar a organização do texto... percebendo como ele constitui uma unidade e como as partes se relacionam para formar essa unidade... é essa análise que sempre temos praticado... ela é muito importante para facilitar sua compreensão dos mecanismos de funcionamento da linguagem escrita e esse trabalho pode despertar muito prazer intelectual... a leitura intelectual não se limita a analisar estruturalmente os textos... na realidade o que a fundamenta é a consciência permanente de que todo texto é um ato de comunicação... respondendo... portanto a um projeto de quem os produz... em outras palavras... a leitura é intelectual quando o leitor nunca perde de vista o fato de aquilo que está lendo foi escrito por alguém que tinha propósitos determinados ao fazê-lo... procurar detectar esses propósitos juntamente com a informação transmitida e com a estruturação do texto é fazer uma leitura intelectual satisfatória... essa proposta de leitura intelectual se refere principalmente a textos informativos... como os que encontramos em jornais... revistas... livros técnicos... livros

didáticos... são textos que se oferecem como fontes de informação... mas que requerem uma abordagem crítica permanente... pois apresentam sempre traços que indicam as intenções de quem escreve e publica... também os textos publicitários devem ser incluídos nesse grupo... bem como aqueles escritos para apresentação oral... rádio ou audiovisual... televisão... lembre-se... a leitura intelectual implica uma atitude crítica... voltada não só para a compreensão do conteúdo... do texto... mas principalmente voltada à investigação dos procedimentos de quem o produziu... por isso... ao ler... levante sempre a questão... mas o que pretendia quem escreveu isso?

PT2: por hoje é só... um forte abraço... até a próxima aula... ((a professora desliga o vídeo e a televisão))

S: bom... vocês já tinham conhecimento do texto... nós já vimos na aula anterior... né?... e... acrescentou mais algumas coisas aí pra nós... né? eu queria ver com vocês agora o seguinte... ele fala que... eh... o nosso objetivo é mostrar a leitura NÃO apenas como a de::codificação de palavras... o que significa? nós que já trabalhamos com a escola... trabalhamos já com a alfabetização... o que que nós entendemos desse desse LER como apenas decodificar as palavras? ((várias alunas respondem ao mesmo tempo))

Aluna: () uma leitura da palavra

S: seria uma leitura me::CÂ::nica... não é? ele conhece SÓ o significado X daquela palavra... e ele fala... o professor Hélio... que é... que é... o apresentador da aula... ele fala pra nós que na leitura do texto aí ... na introduÇÃO do TEXto... tem aí o conceito de leitura que é mais amplo... quem localizar lê aí pra nós esse conceito que ele vai aí externalizar ((as alunas acompanham na apostila))

Aluna: “a leitura é um meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”

S: então ler é de::sen::voLVER reflexões críticas sobre a realidade e este... esta é a nossa preocupação hoje... quando vocês... sempre eu procuro relacio::NAR os nossos trabalhos de leitura com a 9394/98 né?... porque lá o objetivo é formar o quê? cidadão CRÍ::tico não é? cidadão que seja capaz de dis::cer::NIR entre o que é bom e o que é ruim... e nesse aspecto nós podemos falar das propagandas... do aPE::lo ao consumis::mo que nós aí... então nós temos que trabalhar a leitura de MUN::do com o NO::sso aluno pra ele entender e ser capaz de LER as coisas que estão à sua volta... não apenas decodificar... no decorrer do texto... da apresentação... ele fala pra nós aqui de três tipos de leitura... quem conseguiu gravar pra nós aí... ((as alunas folheiam a apostila)) a leitura sensorial?... que ele fala da primeira leitura... é aquela primeira leitura que você faz... por que que ele chama essa leitura de sensorial? ((as alunas respondem ao mesmo tempo))

Aluna: é aquilo que tá escrito aqui

Aluna: pra começar a captar o sentido

Aluna: pra sentir ()

Selma: mais alguém?

Aluna: analisar o conteúdo... analisar a capa

S: olha... é interessante... por quê? eu acredito que nenhum de vocês né pega o livro e já vai direto lá pra introdução... já vai direto lá pro texto... normalmente o que que nós fazemos? Nós olhamos a capa do livro... nós olhamos algumas anotações do livro... às vezes nós vamos lá na capa do livro... lemos aquela sinopse que tem no livro... do autor... então esse nosso primeiro contato com o texto que ele chama de leitura sen::SOrial é quando nós estamos conheCENdo... usando os senTIdos... nós apalpamos... nós pegamos... nós olhamos... nós apreciamos ou NÃO... então é esse nosso primeiro contato com o texto... ((uma aluna anota na apostila)) anteriormente nós líamos muito com essa preocupação e aí nós voltamos lá nos processos de leitura da professora Mary Kato... né... do processo des::cendente quando ela

fala né... o processo descendente é quando nós lemos o quê? os enTORnos do texto... nós primeiro tomamos o contato com os enTORnos do texto pra depois chegarmos ao texto... então quando nós estamos trabalhando aí... quando nós estamos LENdo uma obra... a primeira coisa que nós vemos... quem foi o autor daquela obra? e quando muito nós damos uma olhada geral na capa do livro pra ver do que se trata... depois ele fala () da segunda leitura né... primeiro seria a sensorial... que mexe com os sentidos... realmente... eu estou tomando contato com aquilo que eu vou ler... e a leitura emocioNAL... o que que nós temos aí? o que que ele falou pra nós aí da leitura emocional?

Aluna: dos seres humanos

S: é aquela que mexe com...

Alunas: as emoções

S: com as emo::coes... isso... eu já fiz uma análise geral do texto... agora eu já tomei o texto com olhos de sentimento... seja bom ou ruim... não é? ao final do texto eu vou ter uma... uma... um conceito... se ele foi engraçado... se ele foi gostoso... não é? tudo isso... como eu falei... a leitura sensorial nos leva à leitura emocional... você () você diz eu gostei disso... eu não gostei... o que que aconteceu aqui? E por último ele fala da leitura in::telectuAL... a leitura intelectual ela é mais profunda ou menos profunda?

Alunas: mais profunda

S: ah... mais profunda... não é isso? é uma leitura...

Alunas: CRítica

S: crítica... não é? então você vai vendo que há um crescente... eu começo pelo entorno e depois eu aprofundo MAIS ainda na leitura intelectual... bom... na aula passada... ((a professora pega a apostila)) nós co::meÇAmos a tra::balhar essas questões que aparecem na apostila de vocês... eu pedi que vocês fizessem... né... grupos... duplas ou trios e fizessem o estudo... pra não ficar muito cansativo... quase todos nós já fizemos... nós começamos já aí a... comentar alguns alguns antes... a primeira pergunta do texto... ((as alunas acompanham na apostila)) alguma dupla chegou a resolver a primeira pergunta do texto?

Alunas: ()

S: hein?

Aluna: nós fizemos

S: o que que é a primeira pergunta? lê pra nós... M... a primeira questão que ele coloca pra nós aí do texto

Aluna: primeira... “o texto... apesar de se apresentar na forma escrita... mantém algumas características da língua falada... aponte as que você perceber e comente-as”

S: vocês estão vendo como que a a... essa apostila ela é toda entrelaçada? né... bem bem ligada MESmo... nós vimos a aula de língua falada... de língua escrita... oral... escrito... desde que tempo? desde o primeiro período... então vejamos aqui... vocês conseguiram localizar aí no texto... no estudo que vocês fizeram na aula anterior... vocês conseguiram localizar aí no texto alguma característica de língua falada aí?

Aluna: “seu corredor... seu sótão”

S: peraí... peraí... só um instante... vamos Rita...coloca ()

Aluna: “a velha casa... seus quartos... seu corredor... seu sótão... seu terraço...” acho que não precisa esse “seu”...né... acho que... é só falar... quarto... corredor... sótão... terraço...

S: ... ((a professora fica pensativa))

S: o terceiro parágrafo do texto... é sim... mas vamos lá... o terceiro parágrafo do texto... como que ele começa?

Aluna: “a retomada da infância...”

S: não

Aluna: “me parece indispensável...”

S: ah... veja bem... como é que começa?

Aluna: “me parece indispensável...”

S: na linguagem escrita nós podemos começar um parágrafo com pronome oblíquo?

Aluna: não

Aluna: { não é?

S: { então isso é uma característica da língua falada

Aluna: { deve ser

S: se fosse na linguagem... se não fosse um texto em que ele estivesse falando... pra nós ele está chegando aqui escrito... mas eles acham que foi uma palestra que ele fez em São Paulo... num encontro de professores da da... Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo... Paulo Freire foi Secretário da Educação de São Paulo... conforme eu falei pra você na aula anterior... quando a Luísa Erundina foi prefeita de São Paulo... então ele fala... “me parece in::dispensável...” e ele usa muito também a primeira pessoa... a primeira pessoa também é bem característica da linguagem oral... eu fiz isso... eu fiz aquilo... eu aceitei... não é isso? vamos ver se tem mais alguma coisa? olha... novamente aí tem... “me vejo então na casa mediana...”

S: { é bem...

Aluna: { “me inseri”

S: então nós pegamos aí algumas características da da... língua falada... né... da linguagem oral

Aluna: “que me preparavam...”

S: hein?

Aluna: “que me preparavam...” também

S: “por ter me preparado...”

Aluna: ô S... e esse aqui “e até gos::to::samente”... essa expressão?

S: olha só... não é muito comum em uma... em uma pales::tra científica... né... há um mundo de pessoas lá nos assistindo... eu sou convidada... sou a palestrante... eu usar uma expressão assim... tão popular... né?... como você colocou aí... do “gostosamente”... repete pra nós aí...
M

Aluna: “ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler... eu me senti levado... e até gos::to::samente... a reler momentos fundamentais de minha prática... guardados na memória desde as experiências mais remotas de minha infância... de minha adolescência... de minha mocidade em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituir”

S: tá vendo? então esse “gosto::as::mente” é assim bem popular... como se ele estivesse conversando mesmo com o público... conforme a proposta dele... porque ele já colocou isso... “aceitei fazê-lo agora... da maneira porém... menos formal possível! então ele queria mesmo um bate-papo com as pessoas ali... também é uma característica... né... nós poderíamos aí da língua falada... né?... olha... “em sua opinião... com que o texto aproxima a prática pedagógica da prática política?” olha... essa pergunta é interessante... alguma dupla ou algum grupo da aula chegou a responder essa questão?

Aluna: porque a educação faz parte do contexto político

Aluna: a questão seria o o... como que fala? eh... tudo tudo em tudo está a política... está inserido a política... então não tem jeito de separar... a educação está... ligada à política

Aluna: a prática pedagógica é bem uma decisão política... aí tá tudo... ((a aluna gesticula mostrando a ligação entre uma e outra))

S: eh... ele começa bem falando isso... né... ó... olha como ele começa... “rara tem sido a vez... ao longo de tantos anos de prática pedagógica... por isso po::lí::ti::ca...” olha... quando você pega... eu não sei se vocês já tiveram a oportunidade de ler essa obra de Paulo Freire... mas ele tem *Pedagogia da Autonomia... Pedagogia do Oprimido*... essa obra também é muito interessante... *A importância do ato de ler*... em que... na na segunda parte do livro... nos três

últimos capítulos no fim do livro... ele fala da experiência em São Tomé e Príncipe... né... ele esteve lá... e trabalhou... a esposa dele trabalhou na Secretaria da Educação lá... na época ele estava... saindo de colônia... estava... tendo libertação da colônia de São Tomé e Príncipe... então ele narra esses fatos... toda a obra de Paulo Freire... ela tem um cunho pedagógico ligado à política... por quê? por quê? qual seria a relação “de um ato pedagógico... por isso político”? né? vocês já me disseram aí algumas... e ele vai falar lá pra nós que ler não é só codi... DEcodificar

Aluna: ô S... já que ele vai... usando... eh... eh...aí a linguagem mais intelectual... através da crítica nós estamos fazendo isso... né?

Aluna: por causa da leitura de mundo? não?

S: a leitura de mun::do... a refleXÃO sobre o que está à nossa volta... não é isso? olha... e é interessante... por exemplo... no nos momentos que nós estamos vivendo... né... politicamente... neste momento... a gente observa como as pessoas têm mu::dado a FORma de os nossos representantes agirem... por quê? porque... no momento... quanto mais nós aprendermos a ler esse mundo à nossa volta... mais politizados nós vamos ficando... não é?

Aluna: Selma... em relação a isso... passou uma reportagem falando que... da... construção da duplicidade da rodovia até Ipatinga... aí a gente vê aqui... né... nossos políticos não fazem nada... podia ter trago até aqui... né?

Aluna: { aí vem a cons...

S: { um pedaço bem pequeno... não é isso? então vejam bem... o ato de ensinar... o ato de educar... ele é um ato e::minentemente po::lí::ti::co... a partir do momento em que o nosso aluno tem noção de LER o mundo... e é interessante que ele forma um substantivo composto... né... eh... *palavramundo*... ele escreve junto... né... então fica uma palavra grande... *palavramun::do*... então quando nós fazemos... quando ele fala dessa leitura reflexiva... dessa leitura que é crítica... dessa leitura de mundo... ele está falando justamente dessa po::li::ti::za::cão através do ato pedagógico...

Aluna: pelo menos é

S: tudo isso que vocês falaram aí está dentro desse aspecto... a questão de número três eu até comecei... assim... no princípio foi a minha primeira pergunta pra vocês... não foi? qual que é a questão número três?

Aluna: como que...

S: pode ler

Aluna: “por que... segundo o texto... a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita?

S: eh... foi a primeira pergunta... quando eu coloquei pra vocês... não é? qual a diferença que ele faz aí entre decodificação e do conceito de leitura que aparece pra nós no início do texto... né... então... alguma grupo chegou a responder isso daí na aula passada?

Aluna: porque a leitura não é somente identificar a palavra escrita... mas a mensagem que ela nos traz

Aluna: eh... porque a leitura também vai além da... palavra escrita... e também vale isso ali também... intelectual... emocional... sensorial...((a aluna aponta para o quadro))

S: aí vai depen::DER de TO::do um contexto... né? a palavra cadeira... por exemplo... não é? quando eu falo a palavra caDEI::Ra... ca::dei::ra... não é? decodificando aí... ca::dei::ra... separando em sílabas... olhando tudo isso direitinho... a primeira coisa que me vem à à... imagem... é de um lugar... de um objeto que nós usamos para assentar... seja aqui seja ali... agora... de::pen::den::do do contexto... é aí que eu tenho que aprender a ler... pra ter OUtras significações... pra ter OUTros sentidos... se eu souber só decodificar... se o nosso aluno meu aluno souber só decodificar... vai chegar um momento que ele vai falar “não... mas isso aqui não tá certo não... cadeira... aqui...”... outro dia eu achei muito interessante que uma pessoa... uma adolescente... chegou perto de mim e falou assim... “como que eu escrevo o meu nome

com números?” olha que é uma pessoa que já está no ensino médio... “como eu escrevo meu nome com números?” eu falei... até que eu pensei que fosse aquela questão de numerologia... ou alguma coisa assim... né... aí eu falei... bom... você vai contando a... por exemplo... veja a primeira letra do seu nome e conta... a... b... c... d... e... então é o “e”... então é o número cinco... mas eu fiquei... até que eu fui perguntar pra ela... eu falei...ué... por que a sua pergunta? ela falou... “não... porque aqui está assim... se não for assim... assim... ‘escreva o nome POR EXTENSO’ olha só a noção de extenso que ela tinha... a noção de extenso... aí quando e vi eu falei assim... o que que você entende por extenso? aí ela falou... “uai... é igual quando o professor manda a gente escrever por extens... eu escrevo... o numeral cinco... aí eu escrevo a palavra cinco” eu falei... Jesus Cristo... não é?

Alunas: { ()

S: { não é mentira... é verdade... só não vou contar o santo porque fica meio feio...

Alunas: { ()

S: { não tem nada a ver com a faculdade não... aí eu falei com ela... NÃO... mas não é bem assim... quando falam pra escrever o nome POR extenso... é pra você escrever o nome completo... por completo... ainda citei... por exemplo... eu tenho uma rubrica do meu nome... só que alguns documentos pedem pra não rubricar... pra escrever por extenso... bom... essa pessoa sabe ler?

Aluna: não

Aluna: sabe não

S: pelo menos nesse pedacinho aí... nós vemos que a leitura de mundo dela ainda está um pouquinho aquém da capacidade intelectual dela... então vocês estão vendo? nas pequenas coisas... nas pequenas coisas... nos pequenos exemplos... nós percebemos o quê? que... ainda tem gente que sabe só decodificar... então a palavra extenso... pra ela... só tinha o quê? o significado da matemática... “escreva por extenso”... eu ri MUITO... sabe...

Aluna: ou seja

S: pode falar

Aluna: eh... nessa pergunta... a resposta seria... eh... se as pessoas soubessem ler... não mecanicamente... elas... mas compreender o sentido da palavra na vida

S: eh... eu falo muito nisso com vocês... Aparecida... quando eu falo da inferência... né... que é você ir a LÉM da palavra...

Aluna: { S... ((uma aluna demonstra interesse em fazer uma colocação))

S: então... a resposta é essa mesmo... é você LER a LÉM da palavra... é você conhecer CER os vários usos da palavra...

()

Aluna: então... então... estão passando fome no mundo... nos países... nas cidades...

S: { é

Aluna: { é isso?

S: é... inclusive até um poema... não me lembro se é do Bandeira... eh... quando ele fala... de um homem... né... que ele ficou impressionado... que não era um bicho... era um homem... é mais ou menos o significado disso aí

Aluna: { quer dizer decodificar é só falar que era um homem catando lixo?

S: { é... aí quando você vai além...

Aluna: { além

S: aquele HOMem representa TOda a humanidade que está numa situação de fome... então... é essa capacidade de... quando ele pergunta aí pra nós... “por que... segundo o texto... a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita?” porque nós temos que levar em conta o quê? TOdo um contexto... tudo isso... então a capacidade de inferir... a

ca::pacidade de ler a::LÉM do que está nas palavras... a pergunta de número quatro... algum grupo a fez? “comente a passagem... a leitura do mundo precede a leitura da palavra... daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela” algum grupo chegou a resolver essa questão?

Alunas: ...

S: olha... se vocês observarem... tudo está levando ao mesmo ponto...

Alunas: ...

S: não é?

Aluna: hum hum

S: que que seria esse “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”?

Aluna: a leitura da percepção

S: a... por exemplo...eh... isso aí... C... mas nós vamos além... por exemplo... o que que a criança aprende primeiro... falar ou LER?

Alunas: falar

S: ela já chega na escola com um vocabulário... BEM rico... né? bem extenso... mas ela ainda não sabe or::ganiZAR aquele vocabulário... ela sabe se comunicar... então... a... ela já vem com uma noção... parece-me que foi nessa sala mesmo que na aula passada eu comentei sobre isso... a criança na rua... que vende bala no sinal... ou que vende... qualquer coisa... ela sabe conversar... ela sabe falar... ela sabe conversar... ela sabe vender... ela sabe fazer o troco... ela sabe tudo isso... mas às vezes ela não sabe LER a palavra como nós falamos ainda... então essa percepção... agora, C... essa percepção... esse vocabulário que a criança traz... ele é MUIto an::terior à leitura da palavra... essa leitura que ele faz... que ele traz... ela é muito anterior à leitura da palavra... esse Ato mecânico de ler

Aluna: uma vez tinha duas crianças da creche e aí uma veio e apontou pra outra assim... tem três aninhos... “aqui minha tomada”... aí a outra falou assim... “não é tomada não... é pomada”... quer dizer... ela tem três anos e não sabe ler... né... ela sabe ler... mas ela não sabe assim... que a palavra certa é pomada

S: { ah... noções

Aluna: { quando ela crescer... ela vai saber ler e escrever... né

S: { é

Aluna: { não é tomada... é pomada

S: { tomada... ((risos))... eh... então... são essas coisas que... quando você começa a observar... depois que você vê um texto desse tipo você começa a observar as suas crianças na sala de aula... você vai vendo todo o sentido de um texto como esse de Paulo Freire...

Alunas: ...

S: a pergunta número cinco... algum grupo a respondeu?

Alunas: ...

S: “em que consiste... a leitura (entre aspas) do mundo de que fala o texto”?

Aluna: é isso que você acabou de falar

S: vocês estão vendo? é bastante repetitivo o exercício... bom... pessoal... essa... era... a complementação da nossa aula anterior... e eu volto a insistir com vocês... eh... peguem os DVDs... na biblioteca... assistam... nos finais de semana... ou quando vocês estiverem folgados... porque... vocês perceberam... COMO enriquece o texto quando você assiste ao DVD? ele fala muito mais... vejam bem que a parte do texto que ele fala pra nós é em torno de oito minutos... e a aula foi uma aula de dezoito minutos e cinco segundos... normalmente eu marco o tempo da aula... eh... vocês querem acrescentar mais alguma coisa aí que chamou a atenção de vocês?

Aluna: ah... foi... a sete... “por que o texto apresenta as formas ‘re-crio’ e ‘re-vivo’ em lugar de ‘recrio’ e ‘revivo’?”

S: é interessante esta... colocação que ela... ele faz aí...

((enquanto a professora apaga o quadro... as alunas discutem entre si – incompreensível))

S: e aí nós estamos lá na leitura intelectual... né? quando ele escreve aí... ((a professora escreve as formas no quadro enquanto relê a pergunta)) olha... “por que o texto apresenta as formas ‘re-crio’ e ‘re-vivo’ em lugar de ‘recrio’ e ‘revivo’? como é que nós podemos analisar aí... o que é que nós podemos in::feRIR disso aí no texto?”

Alunas: ...

S: vamos voltar lá no texto

Aluna: onde está?

S: onde está isso aí? olha...

((alunas e professora tentam localizar o trecho no texto... uma aluna lê muito baixo))

S: hein?

Aluna: quarto parágrafo ((a aluna lê em voz baixa))

S: que que tem? pode ler ((a aluna sorri e balança a cabeça negativamente))

S: “neste esforço”... olha... “a retomada da infância dis::TANte... buscando a compreensão do meu Ato de ler o mundo particular em que me ouvia... e até onde não SOU traído pela memória... me é absolutamente significativa... neste esforço a que me vou entregando... re-crio... re-vivo... no texto que escrevo... a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra”... quer dizer... ele ainda não tinha sido

{ ALFA...

Alunas: { alfabetizado

S: vamos colocar aqui entre aspas esse LER aí como alfabetizado... né... “no momento em que eu ainda NÃO li::a a palavra”... então... vejam bem... como que... o que será... qual o nome disso que ele percebeu... o que que o texto... o que que o autor quis escrever () pra nós... não é?

Aluna: pra mim ele tava revivendo... um repeteco...

S: hum hum

Aluna: o re- aí

S: hum... mais alguma? a Rita já falou... pra ela é { como se fosse um repeteco

Aluna: { como você já falou... na quarta resposta... que a criança tem vocabulário... ele se lembrava... mesmo na infância... ele não tinha conhecimento formal da leitura... ele se lembrava nitidamente da sua infância... detalhes tão pequenos que ele se lembrava... não precisava nem ter falado nem ter escrito... ele tinha boa memória... sabia passo a passo tu::do que ele viveu e reviveu naquele momento

S: o que que significa o prefixo re-... gente? quando eu falo refazer?

((algumas alunas falam ao mesmo tempo – incompreensível))

S: quando vocês me entregam um texto e eu falo refaçam o texto?

Alunas: fazer de novo

S: FA::ZER de novo... não é? mas aqui... ele chama a nossa atenção aqui... colocando os hífen::zinhos aqui... então olha... é justamente por ser... isso aí são inferências... não é? o texto não me DÁ essa resposta... isso aí são... nós estaríamos aí na... na... leitura intelectual... não é? fazendo uma análise mais profun::da... é como se ele... ele... com mui... ele voltasse realmente com muita força... ao invés de eu recrio... revivo... eu RE-crio... RE...vivo... então seria eu crio de novo... eu vivo de novo e com o objetivo de en::fatizar.. não é? é uma forma que ele tem até de chaMAR a atenção desse ato do REviver... do REcriar... não como uma coisa qualquer... mas como realmente... realmente... um retor::no às origens dele... um retorno àquela época em que ele nem sabia direito ler... ou ele ainda nem sabia escrever a palavra... mas a leitura de mun::do ele já tinha... então é mesmo um objetivo de enfiZAR... de realÇAR esse ato de REcriar e de REviver ... não sei se teria aí outra coisa... será que é isso mesmo... P? ((a professora dirige a pergunta para a pesquisadora))

S: ((risos)) a P já foi professora de Literatura há muito tempo... ((as alunas voltam o olhar para a pesquisadora)) ainda é... com Literatura Infantil ((risos))... hein... pessoal... mais alguma coisa?

Aluna: só esse conceito de palavramundo juntinho

S: ah... tá... como é que nós poderíamos conceituar... “explique o conceito de palavramundo”... olha... está aí... me ajudem a localizar aí a palavramundo escrita junto... segundo parágrafo... terceiro parágrafo... a última palavra

((algumas alunas lêem o trecho juntas – incompreensível))

S: tá... “ao ir escrevendo este texto... ia tomando distância dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial... primeiro... a leitura do mundo... do pequeno mundo em que me movia... depois... a leitura da palavra que nem sempre... ao longo da minha escolarização... foi a leitura da palavramundo” ... olha... aí... o que EU posso inferir disso aí... que essa... quando ele junta palavramundo formando um su... uma palavra única... ele está dando uma am::pliDÃO da palavra... a gran::DEza da palavra... da palavra mundo... então seria... tudo o que envVOLve todo o ato de ler... lembrando que ... nós lemos o cotidiano e o cotidiano nos lê... então a leitura... ela é um ato social... por que não? ela é um ato dinâmico... então quando ele coloca aí essa palavra grande dessa forma... eh... eu... eu... a minha inferência aí é de que ele quer mostrar a am::plitude... a gran::deza... de mundo e da palavra... unindo-as... não é? numa palavra única... eh... eu não sei se vocês... têm outras ideias... mas pelo menos o que eu conheço da obra do Paulo Freire... tudo o que eu já li sobre ele... umas duas ou três vezes... porque as outras turmas já fizeram trabalho pra mim... mas é todo voltado nesse aspecto aí... tá bom? ... pessoal...na sexta-feira nós ... então hoje nós acabamos... né... esse assunto... na sexta-feira nós vamos entrar com outro assunto da apostila... ah... não... na terça não... na quarta ((algumas alunas discutem entre si – incompreensível))

S: agora pode desligar... ((a professora vira-se para a pesquisa e gesticula para que a gravação seja finalizada)) pessoal... ((algumas alunas falam ao mesmo tempo – incompreensível))

Aluna: na outra terça... porque hoje é o último dia

S: sexta: de hoje a oito dias... é... eu me esqueci que quinta-feira é feriado e na sexta vai emendar... olha... venham preparados para terça-feira nós fazermos alguma coisa para avaliar... ou na terça ou na sexta... eu vou ver se nós fazemos na terça-feira... tá? ... foi aqui eu já apliquei aquela o relatório individual valendo cinco pontos... não é isso?... ((as alunas respondem ao mesmo tempo – incompreensível))

S: então eu devo dar um trabalho em dupla ou no máximo em trio... na próxima aula... tá?

Aluna: qual a matéria?

S: eu não sei ainda... vai ter alguma coisa ligada a texto... com o que nós temos trabalhado aqui... tá bom? ... boa noite

Texto 4

TRANSCRIÇÃO DA AUTOCONFRONTAÇÃO – 29/10/2009

P: bom... S.. nós vamos fazer a sessão de autoconfrontação... é o momento em que você assiste ao DVD... e faz os comentários... em alguns momentos eu faço algumas intervenções... mas no mais... é você comentar o que você está vendo na gravação de vídeo daquela aula em que você retoma a teleaula junto ao segundo período... então... nessa cena inicial ali... como que você percebe a turma na escuta da teleaula?

S: há interesse por parte deles... né... eles ficam atentos...você percebe que mantêm os olhos fixos... há um acompanhamento e um interesse grande por parte deles...

P: vamos adiantar mais... mais um pouquinho... naquele momento em que você faz a parada... né...aquele primeiro momentinho... como que você escolhe esses momentos de fazer essas paradas e realizar as intervenções com os alunos?

S: normalmente eu assisto ao DVD em casa antes de trabalhar com eles...eu procuro... normalmente... nestes... nesses instantes... tratar de alguns assuntos que nós já tenhamos visto... que tenha relação com alguns assuntos que nós já tenhamos trabalhado... como coesão... coerência... né... a coesão aí pela retomada através do uso de pronomes... que foi uma das intervenções que eu fiz... procurando retomar com eles assuntos que nós já tínhamos trabalhado em ... até mesmo no primeiro período... pra ver que há uma sequência lógica no estudo da matéria... que há uma ligação do que nós vimos no primeiro período com o que nós estamos vendo agora... então essas retomadas eu faço sempre que eu vejo que tem um assun... um aspecto mais importante que eu quero frisar mais com eles...

P: e as anotações? por que que você faz as anotações no quadro?

S: eu gosto muito de escrever... e quando eu escrevo... a minha intenção é que o aluno... além de ouvir... ele esteja também fixando através da escrita... porque quando eu escrevo ele fixa... eh... através do olhar e ele copia porque ele sabe que quando eu uso o quadro é porque é alguma coisa que eu quero deixar marcado com eles... eu vejo que eles têm assim... mais facilidade para guardar... se é um aspecto que eu quero assim abordar... que às vezes faz parte de uma ligação... por exemplo... da gramática com o texto... eh... com o contexto... de um modo geral... eu procuro usar o quadro... e... também porque eu não tenho assim... muito o hábito de ficar parada na sala de aula... e é uma forma também de chamar a atenção deles... vamos parar um pouquinho o DVD... o filme... a gravação... e vamos escrever um pouquinho... também é uma forma de alertá-los... se eu noto que alguém está mais disperso...

P: vamos avançar mais um pouco... na gravação... eh... como que você vê a turma em relação à teleaula e em relação às suas intervenções?

S: olha... eu percebo que eles gostam dessa intervenção... eles sentem a presença do professor... né porque aquele que está lá na frente falando pra eles é muito frio... é muito distante... então... o o... quando... eu faço essas intervenções... eu estou sendo um elo entre o professor que está falando lá na tela e o professor presente na sala de aula... é uma forma que eu tenho de falar com eles... olha... eu estou aqui... eh... aquele aparelho ali... ele não dispensa a minha presença... apesar da da gravação ser interessante... apesar da fala ser interessante... a minha presença aqui é um... é um suporte pra eles... é uma garantia pra eles... então eu procuro me colocar sempre de forma que eles sintam falta da minha presença...

P: e em relação à teleaula? você acha que... eles sentem falta... não sentem falta? como é a reação deles mais especificamente em relação à teleaula?

S: é interessante... porque... porque quando nós começamos com a teleaula houve uma rejeição muito grande... e depois nós vimos que tínhamos que nos adequar a isso... nós começamos a trabalhar os nossos alunos... eu vejo hoje que eles reagem de uma forma positiva à teleaula... e eu procuro sempre ressaltar com eles... com eles... os aspectos positivos da teleaula... eu acho que eles demonstram assim... interesse bem maior do que quando começou... porque também eles têm a oportunidade de levar os DVD's pra sala de aula... PRA CASA... e assistem... alguns até gravam... porque às vezes não podem ficar com o DVD muito tempo... eu vejo assim uma participação bem efetiva deles e uma aceitação também por esse tipo de aula...

P: prosseguindo... com essa... com o DVD... com a gravação... como você vê o papel da teleaula dentro da aula?

S: é interessante...né... eu vejo assim... como... uma ferramenta auxiliar ao meu trabalho... porque a forma como vem sendo trabalhado... eh... nós percebemos... por exemplo... nós que somos voltados aí para a para a linguística... todos os DVDs são muito voltados para a

teleaula (*sic*)... e... eu gosto dessa forma que eles trabalham porque veio nos dar mais oportunidade para não ficarmos muito presos à gramática... hoje... a partir das teleaulas... eu eu percebo que houve um crescimento dos alunos em relação à linguística... né... texto... contexto... coesão... coerência... eh... os fatores pragmáticos... a aceitabilidade... a intencionalidade... a intertextualidade... eram assuntos que... antes das teleaulas...

não eram tão abordados com eles... então eu vejo assim... veio enriquecer muito as minhas aulas com as teleaulas... pra mim assim foi muito bom o... o... a... a... como é que eu diria? o uso delas... para ajudar... para trabalhar... essa parte mais voltada para a linguística...

P: e... focalizando agora no professor da teleaula... na sua opinião qual é o papel do professor da teleaula na aula?

S: olha... eh... observando bem... eu vejo ele como um ator... nada mais do que um ator... porque você pode perceber que ele apenas lê... ele fica lá assim... estático... e tem hora que ele tem até dificuldade de ler... porque talvez pela distância... alguma coisa que fica lá... ele ali... ele é simplesmente um... eu diria quase que assim... um repórter... passando as informações... e ele... e as informações... eh... são muito assim... muito difíceis para os alunos... é preciso que eu esteja trabalhando com eles estes aspectos... mas eu não vejo... eu diria assim... é um ator até certo ponto... porque ele nem vive muito a aula... você percebe que ele é uma pessoa... fria... ele está falando... às vezes ele faz assim alguns... alguns meneios... alguma coisa assim... que você percebe uma participação dele... mas é... fria... e ele ali tá só... como diz? mandando o conteúdo... mais nada... é diferente do professor na sala de aula... que interage com o aluno... né? então você percebe que ali não há uma interação... há uma distância...

P: bom... agora... você percebe alguma modificação no modo como a turma recebia a teleaula no período anterior e agora?

S: anteriormente eu até já fiz uma referência a isso... né... percebo sim... a aceitabilidade foi bem maior... foi bem melhor... eh... toda vez... quando eu vejo assim que tem um aspecto importante... eu paro e falo com eles... olha... vejam bem... isso aqui é um aspecto que nós temos que estar atentos... porque isso está presente no nosso dia a dia... eh... eu percebi assim um interessante grande e aceitabilidade muito maior do que no primeiro período... talvez até porque no primeiro período... nós mesmos... professores... tivemos uma rejeição... isso não deixa de passar para o aluno... né... na verdade o professor... ele é um formador de opinião... então quando ele quer... ele joga a turma da forma como ele quer... então hoje eu vejo que há uma aceitabilidade muito maior... tanto é que hoje... eh... eles pedem inclusive pra poder ver... pedem pra levar pra casa... eh... quando eu comento com eles... às vezes até um outro assunto que eu vejo... eu falo... olha... vocês se lembram da aula tal?... ah... professora... a gente pode pegar pra ver? ... pode... sem problema... é só pegar na biblioteca... assim... o interesse melhorou muito...

P: bom... após assistir... né... a toda a gravação da aula... como você a vê como um todo?

S: ...

S: como eu me vejo?

P: não... primeiro a aula

S: a aula

P: essa aula em que você retoma a teleaula

S: ah... tá... a aula... eh... olha... eu acho que é uma aula bem rica... bem produtiva... eh... eh... há uma participação não tão assim de fala dos alunos... mas pela forma que os se comportam na sala ... eh... você percebe que eles estão interessados... então eu vejo assim... que a aula... na retomada da teleaula aí... elas se complementam... torna a aula mais agradável... eh... há uma participação mais efetiva... tanto deles quanto minha... sabe? eu vejo dessa forma... há um crescimento... eu poderia assim dizer

P: agora é o como você se vê

S: ha ha... peraí... como eu me vejo... é interessante... às vezes você nunca parou pra fazer uma avaliação das suas aulas... né? eh... o... eu vou falar primeiro o que eu considero como defeito... né... eu gesticulo muito... eu movimento muito... aliás... talvez eu faça tantas intervenções por isso... porque eu me sinto incomodada de ficar muito parada... mas ao ver a gravação... sabe que eu achei que ficou até legal... gostei... acho que num... acho que eu me... acho que eu atuei direitinho ali como professora e pude ver assim o que que eu preciso melhorar também... não é? porque é uma... nesse momento... eu tenho oportunidade de... do lado de cá... ver a minha atuação... e... vendo essa atuação... eu posso ver em que que eu posso melhorar... mas eu diria que... eu fiquei satisfeita com o resultado da gravação

P: por quê?

S: ...

S: olha... primeiro porque eu acho que eu estava bem tranquila... eu não estava... né... preocupada... com a gravação... eu agi de uma forma assim... como se você não estivesse lá me gravando... eh... eu acho que estava bem desenvolvida... bem tranquila... então por isso eu acho que ficou boa... eu... considerei assim... os aspectos que eu abordei eu achei que foram satisfatórios... a... a... intervenção de uma aluna... quando fez um questionamento... eu a respondi... de uma forma... eu me senti muito natural dando uma aula como se não estivesse acontecendo nada... de anormal...

P: bom... muito bom... eh...então chegamos ao final... queria agradecer sua colaboração... mais uma vez

((risos))

S: muito bom... e você sabe que eu tô aqui... né...